JORNAL POETICO,

OU

COLLECÇÃO

DAS MELHORES COMPOSIÇÕES,

EM TODO O GENERO, DOS MAIS INSIGNES POETAS PORTUGUEZES,

Tanto impressas, como ineditas,

OFFERECIDAS

AOS AMANTES DA NAÇÃO

POR

DESIDERIO MARQUES LEÃO,

Livreiro ao Calhariz.

LISBOA:

NA IMPRESSÃO REGIA.

1812.

Com Licença.

DESIDERIO MARQUES LEÃO

AO LEITOR.

A Poesia, aquella Arte admiravel encantadora, que teve sua primaria origem no fundo da mesma Natureza, e que dictou desde logo a voz, e a expressão no coração do homem, sempre em todos os tempos soube grangear o apreço, e as estimações ainda dos povos mais grosseiros, e das Nações menos polidas; acreditando-se com tamanha excellencia sobre todas as outras Artes, que não sem razão foi considerada de muitos Arte Divina, dom celestial concedido aos mortaes como lenitivo das penalidades da vida. Daqui provinhão as honras, e preeminencias, que os Antigos sobremaneira tributavão aos verdadeiros Poe-

tas; pois quando nestes reconhecião vivo, e perspicaz engenho, penetrante agudeza, enthusiasmo sublime, e impetuoso, e sabia maneira de pensar, e exprimir com magestade, imprimindo suavemente nos corações os documentos mais importantes da solida moral, que lhes fórma o seu essencial caracter, então os veneravão como os primeiros Mestres da Sabedoria, os mais insignes Filosofos, e os mais respeitaveis Legisladores. Assim passou entre os Gregos, assim o praticárão os Romanos; e quando transplantada depois ás modernas cultas Nações adquirio nova perfeição, não conheceo menos seu antigo lustre, e explendor.

Entre todas ellas toca venturosamente ao nosso Portugal hum bem distincto gráo de gloria, pois foi sem dúvida onde quasi em principios de sua Restauração, senão primeiro do que as outras, vio felizmente a sua entrada, e não faltando estimulos para sua acceitação, antes sobejando incentivos para seu augmento, passou a conseguir no auge mais elevado de sua perfeição o respeito dos grandes, a veneração dos Sabios, adoptada pelos Varões de superior talento, reconhecida das mais

illustres Academias, e auctorizada até no Throno por muitos dos nossos mesmos Principes, de que nos restão monumentos preciosos dignos de imitação, não menos de gloria e fama.

Havendo porém muitas, e excellentes Pessas de Poesia, que não vírão a luz da impressão, ou que tendo sido publicadas em Folhetos separadamente por Edições quasi de todo consumidas, jazem no esquecimento meio mortas sem chegarem ás mãos dos que ambiciosamente as prezão, e procurão, pareceo-me bem em beneficio público, e por satisfazer aos rogos de alguns amigos que a isto me instavão (visto ser muito difficultoso, e quasi impossivel ordenar á imitação de outras Nações exacta, e completa Collecção de todas, ou como já entre nós tambem se praticou por vezes com o nome de Cancioneiros) offerecer-te periodicamente, com o titulo de *Jornal Poetico*, todas as que pude acolher antigas, ou modernas, originaes, ou traduzidas de Poetas estrangeiros, as quaes com tudo são dignas de merecimento, e geral approvação, e a que o tempo sem esta diligencia acabaria como em muitas se lamenta sem remedio. Por esta maneira unin-

do huns aos outros os Folhetos (que completos que sejão dez numeros dos ditos Folhetos virão a compôr hum Volume) terás huma boa Colleção de muitas que desejas.

Sahirá cada numero duas vezes mensalmente. Espero que me recompenses o serviço que nisto te faço, acceitando-o de boa vontade; e reconhecendo o trabalho que nisto tenho, me dês os devidos agradecimentos.

Vale.

N. B. O preço para os Assignantes he 60 reis por cada numero, e para os não Assignantes a 100 reis.

O D E

Aos Annos da Illustrissima e Excellentissima Senhora D. Maria da Piedade e Noronha.

EM as margens do Téjo crystalino
Sentado o triste Velho,
Poiza na foice, cuja dextra empunha
O descarnado braço:
A fêa catadura descomposta
De rizos, e de agrados
Assusta o bando das formosas Nynfas,
Que têas de ouro lavrão.
O panico temor pouco disfarção
C'o brando entretimento,
Até que o Velho o rosto dezarruga,
E toma ledos olhos:
Ao mimoso trabalho se compassão
Finissimos Cantares.
Cantão doces amores, e ternuras
Que brandas almas atão;
Cantão da Illustrissima Maria
Os dias venturosos,
Cuja doce memoria hoje celebrão:
Do undoso Téjo as Nynfas;
Cantão o santo, e casto ajuntamento,

Que os excelsos Noronhas
Na Casa dos Beligeros Pesanhas
Illustremente entronca.
O' Tu, dia feliz, e venturoso
(Se alta Musa me inflamma)
Em bronzes não, em finas letras de ouro
Serás por mim eterno.
Ouvindo pois o Velho macilento
Já alegre, e risonho
As brandas Cantilenas, que voavão
Pelos vizinhos montes;
Compondo os secos braços se levanta,
E da Illustre Maria
Com justo acatamento aos pés lhe lança
A foice reluzente.

EPITAFIO,

Que hum marido mandou gravar na sepultura da sua Consorte.

Minha esposa aqui jaz. Que bem, que jaz!
Por sua, e minha paz.

Do P. Francisco Manoel do Nascimento.
Filinto Elysio.

Aos dous Novos Gamas, Messieurs Charles, e Robert, sobindo pela primeira vez na Maquina Aerostatica.

O D E.

. . . . . *Nihil mortalibus arduum est*
Cœlum ipsum petimus. Horat. lib. 1 Od. 3.

ASsim deixou de Creta as cem Cidades
O fabuloso Mestre,
As estranhadas nuvens dividindo
Com atrevidas pennas;
Assim nos ensinou a ser Monarcas
Do ligeiro elemento.
Mas de arrojo agastada a Natureza
Sob alçapão ferrado
O temerario arcano poz seguro,
E aos seculos vindouros
Com manto espesso de nublada tréva
Lhe encubrio o jazigo.
Que não vence indefesso, improbo estudo,
Que põe na gloria o fito!
Que marcos não transpõe esporeado
Destemido desejo!
Virão da Morte a hedionda catadura
(E com enxutos olhos)

Os Heróes arrojados, que deixárão
Impavida memoria;
Que na lança levárão sanguinosa
Conquistados Imperios:
E os que seguindo as leis da ardua virtude
Calcárão denodados
O collo insidioso da calumnia,
Dragão de atro veneno.
Já tinha em fragil lenho sommettido
Os Reinos de Neptuno
Mortal desprezador da dubia morte;
E, alongando a carreira,
Da roxa Aurora visitado o leito;
Do tardîo Boótes
Penetrado os gelados escondrijos
C'o sagaz astrolabio:
Já, devassando os terminos do mundo,
Inquietos humanos
Tinháo serras longuinquas, invios ermos
Trilhado aventurosos;
Com máo profana as lobregas entranhas
Da Terra revolvido....
E tu, Vulcano, que as Lipáreas Ilhas
Regías indomavel,
Regido foste, e á sabia máo sujeito,
Para os humanos Joves
Em dura escola trabalhaste os raios,
Que estálão com ruina
Nas cerradas phalanges, nos reparos
Das munîdas Cidades.
As estrellas, os orbes despedidos
Reconhecêrão regras.

E o raio assustador, e reluctante
Correo ingrata via.
Só resistia ufano, e mal soffrido,
Ao tentame frustrado,
Do vasto Eolo o Imperio não seguro,
Diaphanas campinas.
Os rijos Aquilões, Euros fogosos
C' o sopro amedrentavão
A progenie arriscada de Japeto:
As aguas infamadas
C' o nome do mancebo mais que affoito,
Com descorado medo
A empreza ambiciosa reprezavão.
Debalde a Natureza
Ao pertinace esforço se esquivava,
De sustos povoando
O largo plano dos desertos ares,
Desamparadas quédas
Oppondo, escarnecidas, por barreiras:
O disvello incançado,
Que aguça a vista á sensação reflexa,
Arremessado rompe
Pelos montões de obstaculos, e investe
C' os penetraes vedados
A arrancar o segredo perigoso.
Para escalar os Astros
Intexe hum globo, imitador dos Orbes,
Que girão no ar vazio...
Eu mesmo o vi. (1) Obediente ao mando

---

(1) Em quanto o Globo de Messieurs Charles e Robert, subia mui serenamente entre acclama-

Deixou airoso a terra;
Sobre as frentes dos homens assombrados
Levantado Planeta,
Sulcava as raras ondas magestoso:
Em soberbo tryunfo
A regrada Sciencia aos Ceos subia,
E furtando-se aos olhos,
A nova estrella prefazia o gyro.
Tal Jupiter subido
Tira bizarro pelo ethéreo campo
Os Satellites fidos,
D'um pólo ao outro pólo passeando
Na clara, estiva noite.

Do P. Francisco Manoel do Nascimento,
Eilinto Elysio.

ções, e assombro de todos, tecia eu esta Ode, tal qual vai impressa, menos algumas emendas, e addições posteriores.

O AFOGADO RESURGIDO.

DE entre as flores viçosas,
Com que festiva crôa me tecia,
Salta Amor, que dormia
A' sombra de apinhadas, frescas rosas;
Mal sinto a revoada
Pelas azas o côlho, e debatendo
N'uma dórna o mergulho d'azoada
Motejando-o, e soltando a surriada
Disse ao sonso Cupido:
« Lá vai á tua » (á taça arremettendo.)
Eis que lampeiro,
O Deos matreiro,
Mui surrateiro
Em vinho convertido
Nas entranhas me cála, onde me abraza
Com sede o bófe ardido
Me cóça o coração c'o a ponta da aza.

Do P. Francisco Manoel do Nascimento.
Filinto Elysio.

SONETO

Ao Têjo.

FOrmoso Têjo meu, quão differente
Te vi, e vejo, e vês agora, e viste;
Turvo te vi eu já, tu a mim triste,
Claro te vi eu já, tu a mim contente.

A ti te foi trocando a grossa enchente,
A quem teu largo campo não resiste,
A mim trocou-me a sorte, em que consiste
O viver contente, ou descontente.

Já que somos no mal participantes,
Sejamo-lo no bem; oh! quem me dera
Que fossemos em tudo similhantes.

Mas lá virá a fresca Primavera,
Que tu virás a ser quem eras d'antes,
E eu não sei se serei quem de antes era.

ELEGIA.

CRuel, que te fiz eu? que horrendo crime
Commetti contra ti? Haver-te amado?
Inda mal que a paixão tanto me opprime.

Se provas evidentes não te hei dado,
Meu rosto observa bem, verás qual seja
O fogo que as entranhas tem queimado.

E he possivel, cruel, que hoje eu te veja
Afastar-te de mim, fugir de ouvir-me!
Já minha companhia te he sobeja?

Dize, dize, se gostas de affligir-me,
Ou se tens outro amor? Ah! por piedade,
Mais tempo não pertendas illudir-me.

Se eu te sou odioso, he crueldade
Não me dares hum triste desengano,
Que sendo dado a tempo, doe metade.

De huma vez da lembrança risca Albano;
Esquece-te do Nome de hum vivente,
Que te vio, que te amou para seu damno.

Se o teu peito cruel já não consente,
Que eu seja qual té agora afortunado,
Esquece-te de Albano descontente.

O Ceo, que te formou, terá cuidado
De te dar hum Amante mais ditoso,
Mais digno do que eu sou de ser amado.

Não nasci para ti, será forçoso
Que de ti me separe, e que á ternura
Ponha hum freio pezado, e rigoroso.

Mas, cruel, para que, dize, prejura,
Meus votos acceitaste a vez primeira,
Em que de Amor te fiz terna pintura?

Querias ver minha alma prizioneira?
Fartastes a vontade; e agora Ingrata
Desprezas minha fé constante, e inteira?

Voraz tempo, que tudo desbarata,
Não quebrou os meus laços amorosos;
Tua mão que os formou he que os desata.

Breves dias de paz, dias gostosos,
Vi apenas raiar; eis negro manto
Da tristeza os tornou dias penosos.

Acabou-se a illusão, deo fim o encanto,
E em premio sou, do terno amor que sinto,
Condemnado por ti a amargo pranto.

Os males que me esperão não te pinto,
Por te não affligir; mas se hum instante
Acreditas cruel, que eu te não minto,
Sabe, que eu vou morrer, e morro amante.

De Albano Ulisiponense.

SONETO.

MIrradas pernas, e mirrados braços;
Tortas bocas, e esqualidas figuras,
Perdidas da belleza as côres puras,
Os olhos vivos se tornárão bassos;

Já não póde reger aquelle os passos,
Esta não póde as mãos erguer seguras;
Assim vem a esquivar-se ás sepulturas,
Q' a parca lhe mostrou entre ameaços:

Huns se banhão, e os outros sorvem a agoa;
Que parece aquecêra o Deos ferreiro,
Entre o enxofre da Trinacria fragoa:

Julga pois com tal vista, e com tal cheiro,
Que nojo, e dôr eu tenho; e por mais mágoa,
Suppõe-me sem saude, e sem dinheiro.

De Domingos Caldas Barbosa.
Lereno Selinuntino.

Sacrificio a Baccho.

ALmo senhor das pampinosas vinhas,
Baccho, Rei da Alegria galhofeira,
Lá deixo aos pés da divinal parreira
Quebradas, as do Amor, fléchas daninhas.

Escravo fugidio,
Seu jugo sacodi,
E me entreguei a Ti,
Deos contente, vermelho e luzidio.

Por prova de que venho bom vassallo,
Seguir teu estandarte,
De Nise os mimos, feitos com tanta arte
Já me não dão abalo:

Hontem os escritos da fiel Delmira
Queimei em voraz fogo;
E a Chloris mandei logo
Seu retrato, que finge que respira.

Só conservo hum annel da loura Olaia
Fino, e de boa laia;
Que á manhã, se risonho, ó Baccho, me olhas
Vendo-o por me prover d' um saca-rôlhas.

Do P. Francisco Manoel do Nascimento.
Filinto Elysio.

Ao noivado de hum grande Fidalgo da Corte, que se celebrou em dia de jejum.

SONETO.

MEzas Regias em vesperas de Advento,
Frutas á cana, Vinho de Canarias,
Tochas, Barris, Foguetes, Luminarias,
Seges, Lacaios, Plumas de alto vento,

Pages, Copeiros, todos de espavento,
Franjas, Galões, librés de côres varias,
Flautas, Rebecas, Minuetes, Arias,
Tudo signaes são d' alto casamento:

Mas em dia de peixe, eu não conheço,
E de cantar acção que o Mundo atrôa,
Cá me entendo, Senhor, escusa peço:

Que he tão arduo o lembrar-me cousa boa,
Quando nóto a differença em gosto, e preço
De hum rabo de sardinha a hum de leitôa.

De Antonio Lobo de Carvalho.

O D E.

. . . . *Nonne videre*
Nil aliud sibi Naturam latrare, nisi ut quum
Corpore sejunctus dolor absit, mente fruatur
Jucundo sensu, cura semota, metuque.
Lucret.

APenas alto pégo procelloso
Das revoltas paixões, novos Neptunos,
Estendemos, ao brado da virtude,
A repousada calma;
E a Rainha Razão pomos segura
No throno, (onde reinar sempre devêra,
Se com fagueira mão doloso vicio,
Não a céga, e derruba)
Olhando para trás vemos estrago,
Que insana, infrene furia commettêra:
Sóbem ás faces chammas de vergonha,
Cerra-se o peito de ira:
Qual, passado o naufragio, e o Ceo já puro
Das nuvens da tormenta, o Passageiro
Vê vir boiando á praia os mastros rotos,
As nadantes enxarcias.

Do P. Francisco Manoel do Nascimento.
Filinto Elysio.

Traducção do Epigramma, ou Epitafio de Dido por Ausonio, que he o XXVIII.

DIdo, nas vodas triste fado corres;
Morre-te hum, foges; foge-te outro, morres.

Do P. Francisco Manoel do Nascimento,
Filinto Elysio.

De outro modo.

Quanto es, Dido, desgraçada
Com dous maridos no mundo;
Foges morrendo o primeiro,
Morres fugindo o segundo.

De hum Anonymo.

Epigrama 19, do livro primeiro de Marcial.

TInhas, Elia, se bem me lembro agora,
Por todos quatro dentes; escarraste
De huma vez com tossir dois juntos fóra,
De outro tossir os outros dois lançaste:
Tosse sem susto, que ainda qne arrebentes,
Já não has de escarrar mais outros dentes.

Do P. Francisco Manoel do Nascimento,
Filinto Elysio.

Na morte do Senhor D. José Principe do Brazil.

ELEGIA.

PErdoa, sombra illustre, se o socego
Das tuas frias cinzas turbar venho
Com o som da Lyra triste, em que hoje pégo.

Perdoa, se com ais quebrado tenho
O silencio da morte, em que repousas
Nesta urna fatal do teu despenho.

Lá no throno celeste de que gozas,
O teu formoso espirito despreza
Da minha Muza as vozes lacrimosas.

Mas a perda he tamanha, que a dor preza,
Tanto que em noite eterna te escondeste,
Brotou do peito em vivo fogo aceza.

Filhas do flavo Téjo, com cyprestes
Enastrai as madeixas desgrenhadas,
Chorai comigo a gloria que perdestes.

Para que regiões tão afastadas,
Batendo as leves azas, nos fugistes,
Doce alegria, esperanças mal logradas?

Aonde estão os bens, que nos fingistes?
Onde aquelle prazer do fausto dia,
Em que os olhos, Senhor, á luz abristes?

O Principe gentil na terra fria
Jaz submergido, em noite pavorosa;
Para nunca ver mais a luz, que via.

Do tronco de Bragança a flor mimosa
Junto do aureo Throno foi talhada
Pela foice da morte venenosa,

Coroa de mil brilhantes esmaltada,
Dourados sceptros, graças, gentileza,
Nada te abranda, ó Morte atraiçoada!

Inexorável monstro de fereza,
Quantos fructos em flor arrebataste?
Que gloria ao Reino, ao Solio, que grandeza?

O alvo lindo rosto, que enrugaste
Para effeito das graças inda invejo;
Mas tu, cruel, em cinza o transformaste.

A quem não quebrantou mal tão sobejo?
As Tagides nas ondas se escondêrão,
Gemeo na verde gruta o longo Téjo.

Quantas lagrimas tristes se vertêrão,
Quantas madeixas de ouro se arrancárão,
Quando o livido corpo á terra derão?

As montanhas de Lysia se abalárão,
E a languida tristeza descorada
Sobre os seccos regaços encostárão.

Via-se a horrivel Deosa descarnada,
Hirto o cabello; o peito latejando
Da mágoa, e do silencio acompanhada;

Na macilenta mão de quando em quando
A lacrimosa face descançava,
Roucos, debeis gemidos exalando;

As pandas negras azas despregava,
E sobre os corações já quebrantados
Acerba dor, angustias derramava:

D'alli vôa aos reaes paços dourados,
E pelas vastas salas ululando
D'amargo pranto os deixa rociados.

Entra o ermo aposento, e soluçando
Junto á Real Princeza se assentava,
Novos prantos, e mágoas espalhando.

Oh! que ternas lembranças lhe acordava!
Do charo Esposo a voz enternecida
Confusa lhe parece que escutava.

Levanta, Lyra minha, a voz sentida,
Canta as mágoas, as queixas lastimosas
Da formosa Consorte esmorecida.

Seus lábios, que a côr tem de vivas rosas,
Do fido Esposo o nome articulavão,
Envolto em tristes lagrimas saudosas.

Que ternas vozes pelo ar soavão!
O amor, da morte o horrifico Direito,
Cada vez mais seus olhos magoavão.

Da branca mão ferido o tenro peito,
Murchas na face as rosas inflammadas,
Sem côr o rosto em lagrimas desfeito;

Com pranto ao Ceo levanta as mãos nevadas,
Ergue os olhos chorosos, mas celestes,
E estas vozes soltou d'alma arrancadas:

» Tornai-me, ó Ceos, o Esposo que me destes,
» Recebe-me em teu seio, terra fria,
» Ou me torna esse corpo que escondestes.»

Calava a terra, o Ceo não respondia;
As Leis do Eterno Ser são immutaveis;
Não ha na terra solida alegria,
Só lá no Ceo os bens são perduraveis.

Do Doutor Manoel Ignacio de Sousa Faialense.

A' Primavera.

O D E.

Estação da alegria,
Companheira do amor, e da esperança,
Recebe o culto meu. Da onda fria
O calado habitante não descança
Que vêr não venha tua imagem bella:
Tal como se atropella
Por lograr da tua aura a copia infusa
O susurrante hospede, que cruza
Mares, campos, e bosques, e cidades.
Oh quantas variedades
De frescura, de ardor, e de harmonia
Soprão no peito meu suave fogo,
Chamma subtil, e intensa!
Tua amavel Presença
Tal em a Natureza inspira logo
Desejo, que a propague, attraha, e mova,
Qual do Universo a face assim renova.

Como a terra enamora
Do Paphio Nume o Astro Luminoso!
Como rompendo vai a nivea Aurora
Do antigo câhos o vêo caliginoso,
As fugitivas sombras dissipando!
Como Delia açoitando
Os fogosos Ethontes sobre a rama
Desfilla de seu carro a viva chamma,
Que já montes, e valles alumia!

Como formoso o dia
Do negro abysmo sacudindo fóra
A cabeça, a adorna de mil flores!
Como harmonicas Aves
Com requebros suaves
Applaudem já a Deosa dos Amores,
Que surgindo veloz dos brancos mares,
Com jubilo, e prazer entrêa os ares!

Oh que vivo Horisonte
Sofrego em roda o olho experto alcança!
Tal sobre objectos mil, que já defronte
E em torno vê, a alma se abalança,
E tão veloz, que mais na pedra envolta
A faisca não solta,
Nem ao fraco mortal, qne a vista emprega,
O clarão do relampago não cega.
Ella os respira, apalpa, e gosta, e toca
Com tão ávida boca,
Que junto ás agoas da sonora fonte
Por todos os sentidos encantada
Nutrindo-se benigna
Não menos imagina
Toda em todos já ser transformada.
Agora se obra, ó Flor, da Estação filha,
Da amavel producção a maravilha.

Tu, que participante
Es dos dois sexos, não (Ah!) tu não temes
Affagos vís de enganador amante,
Nem por huma infiel choras, e gemes.
Para acudir á próvida existencia.

Tu sem impaciencia
Da Natureza o brando movimento
Feliz espreitas, de seu meigo intento
Vencer te deixas. Tu, ó Lirio amavel,
O' imagem adoravel
Da innocencia a mais pura, e a mais constante,
Hum halito mortal, a mão impura
Pelo sol, pela neve
Tocar em vão se atreve
Da veste Nupcial a fimbria pura.
Esse bem sem causar mancha, ou desmaio,
Só do Sol se concede ao puro raio.

Em teu augusto Templo
Que te adore permitte o vasto mundo,
Quando em teu seio, ou calice contemplo
Hum sexo duplicado. De fecundo
Orvalho derretido os orgãos varios
Fieis Depositarios
Provão interna commoção. Contentes
Já os torbilhões dos atomos viventes
Descem ao receptaculo. Hum etherio
Fogo já do mysterio
O signal annuncía. E por exemplo
N' um momento se cumpre accelerado
Da creação amavel
Toda a obra ineffavel.
Mas donde vêm o tubo organizado,
Que sobre as folhas trepa, e as consume,
Quando o gelo lhe apaga o vivo lume?

De espinhos coroado,
De informes pés; qual sua natureza
Ou destino será? Talvez dotado
Dos dois sexos foi sempre? Ou com presteza
O sexo amavel ternamente abraça?
Do olho á luz escassa
O furta pois subtil, e branda têa.
Por dentro da cortina se recrêa,
E transformado pelos ares voa;
Quando Eolo resôa:
Mais que o pavão de Juno variado
Suas delgadas azas com vantagem
São o Zefiro brando,
Ou soltas ondeando,
Do Zefyro veloz a viva imagem:
Elle namora a flor, e a flor no meio
Amorosa o recebe, e lhe abre o seio.

Mas hum éco espantoso
Os ouvidos me fere! Tudo brama
No centro das cavernas tenebroso!
A sanguinosa guerra talvez chama
Ao combate o mortal?.. Neste momento
Tudo he contentamento,
Amizade, prazer... He o rugido
Do Leão amoroso, que ferido
De terno amor á vista da Consorte
Depõe o rancor forte;
E chamejando o olho temeroso
Em fogo pela especie contendendo
Robusto Athleta geme;
Já se comprime, e treme;

E os vigorosos musculos perdendo
De repente o sensivel vivo fogo
Ao pezo do prazer se abatem logo.

A montanha, que tenta
O globo rodear, que forte braço
A transporta na terra, em que se assenta?
De cujo cume no distante espaço
O freixo se ergue, o alemo frondoso,
O carvalho orgulhoso,
De cujos ramos pende o curto ninho
Do timido, e ligeiro passarinho;
A cujos pés se prostra submettida
A vide, que exprimida
Da branda pelle o liquido rebenta,
Que alegra a mocidade, e de Hebe a taça
Tingia, quando illésa
De Jupiter á meza
O Nectar ministrava; porém lassa
Hum dia cahe; de pejo o posto cede,
Que depois serve o flavo Ganimede.

Deosa da Primavera,
Tu pelo amor guiada desce ao centro
Do profundo torrão, aonde a féra
Morte, e silencio eterno moráo dentro:
Dos Elementos a favor te inclina,
Tudo attrahe, e combina.
Eis que dos mineraes brotas sem custo
Pasmosa variedade: como arbusto
A prata elevas, e o cristal luzente,
A pedra transparente,

E o peryto, que ao longe reverbera,
Como o Protheo da fabula vestindo
Mil diversas figuras,
Cujas vivas pinturas
Em variadas côres reluzindo
Formáo o arco, com que o Ceo corôa,
Iris, quando ante o Sol com azàs vôa.

Salve, campo vistoso,
Que foste virginal, mas fecundado
Agora pelo genio cobiçoso
Do prudente cultor, e tempo amado,
Que torrentes de vida te circuláo?
Já de teu seio puláo
A belleza, o primor, a mocidade.
Tu, que hes do anno a mais formosa idade,
A qual objecto, que distingo astuto,
Devo o doce tributo?
A' verdura será? Ao poderoso
Vegetal, que me nutre, e me engrandece?
Ao cantor, que suave
Desafia outra Ave
Sobre o tronco, que a sombra me offerece?
Ou á relva, que ao somno me convida?
Oh! não me fujas, não, sonho da vida.

Feliz atravessando
A pomposa seara, em paz me deixa,
Que eu pasme solitario contemplando
Os tenros pés que a Madre Terra enfeixa,
Que profusáo! Mais solida abundancia
Na dilatada estancia

Os mortaes não descobrem. Como crescem
Já emulas dos bosques, e florecem
Louras espigas? Como sem cultura
Aqui produz natura
Os dons, que da Pomona! Se chegando
Mais perto vou, mais inda vou sentindo
Cevar se o meu desejo...
Mas onde estou? Que vejo?
Marcia aqui solitaria está dormindo?
Deixe-mo-la. Hymineo, amor constante
Ah! não perturbes, não, hum peito amante.

Traducção do Epigramma 84 de Ausonio.

A graça demorada he já desgraça;
E quando alguem dá liberalmente,
He mais de agradecer a boa graça.

SONETO.

CAlada estava a terra, o Oceano quêdo;
Sereno o ar, o Ceo de côr rozada;
A mal desperta roza rociada
Movia o vento em placido segrêdo:

Soltava a Aurora a trança de aureo enrêdo,
De rubins semeando ao Sol a entrada;
Que, mais que nunca, a fulgida arraiada
Lançava sobre as pontas do arvoredo.

Eis no prado apontou Philis formosa
Mais brilhante horisonte ao mundo abrindo
Com dois Soes de outra luz mais graciosa.

Lá te vás entre as nuvens encobrindo,
Altivo Rei de esfera luminosa;
Assim ao ver-te a Lua foi fugindo.

Do P. Francisco Manoel do Nascimento.
Filinto Elysio.

SONETO.

CAnçado pensamento, em paz me deixa
Respirar hum momento socegado;
Assás he tempo em fim que hum desgraçado
Ponha termo ao seu pranto, á sua queixa.

Quando o froxo Morfeo meus olhos fêcha,
Não perturbes meu somno desejado,
Mostrando-me hum Rival afortunado,
Que as armas contra mim então desfêcha.

Não sejas tu tambem meu inimigo;
Se he possivel, permitte qu' eu ignore,
Ou m' esqueça huma vez do meu perigo.

Mas ai de mim! por mais que ao Ceo implore,
O Ceo me nega em ti hum doce abrigo,
E faz que sem cessar suspire, e chore.

De Albano Ulisiponense.

SONETO.

NUmes agrestes, neste Altar sombrio,
Que dos zagáes ergueo pia lizura,
Pőe Tirso a mão, e de joelhos jura
Mais não amar de Silvia o gesto impio.

C' o a limfa pura deste arroio frio
Lavo os labios tingidos de amargura,
E veneno daquella bocca impura,
Que o leve ao mar c'o a sua culpa o rio.

Com o ferro apagai, ó pegureiros,
O ingrato nome que deixei gravado
Na cortiça das faias, e salgueiros,

E entalhareis por cima do apagado:
» Por milagre dos Deoses justiceiros,
» Sárou Tirso de amor mal empregado. »

Do P. Francisco Manoel do Nascimento.
Filinto Elysio.

Traducção da Ode 17 do Liv. II. de Horacio.

A Mecenas enfermo.

POrque razão me matas com queixumes?
Nem a mim, nem aos Deoses
Agrada que feneças tu primeiro;
O' Mecenas, das minhas
Cousas grande ornamento, e nobre arrimo.
Ah! se a morte apressada
Te leva, que es metade da minha alma,
Eu que sou outra parte,
Porque espero, não sendo tão amado,
Nem inteiro restando?
Hum mesmo dia de ambos trará a morte?
Perfido juramento
Eu não fiz, nós iremos, nós iremos,
Desde que precederes,
Para tomar caminho derradeiro
Sou prompto companheiro.
Jámais me apartará de ignea Chimera
Bafo ardente, nem inda
Que Gyas centimano a viver torne:
Assim á poderosa
Justiça pareceo, e mais ás Parcas.
Ou Libra, ou temeroso

Escorpião me veja, a mais violenta
Parte da minha estrella;
Ou tambem Capricornio da agua Hesperia
Poderoso tyranno.
Ambos os nossos Astros por estranha
Maneira se conformão.
Do ímpio Saturno te salvou o amparo
Refulgente de Jove,
E do fado voador deteve as azas,
Quando fez por tres vezes
No theatro soar alegre estrondo
O Povo numeroso.
Sobre o cerebro meu cahindo hum tronco
Me matára, se Fauno
Dos Varões de Mercurio certa guarda
Não desviára o golpe
C'o a dextra favoravel. Tu te lembra
De render sacrificios,
E o templo que votastes, nós humilde
Cordeira feriremos.

De José Dias Pereira,
Silvano Ericinio.

A' Liberdade.

CANÇÃO.

I.

Eu, Nize, ás graças rendo aos teus enganos,
Feliz respiro agora. Ah! na verdade
De hum infeliz piedade
Tiveráo pois os Deoses soberanos,
Sôlta dos laços teus minha alma sinto.
Já cobrei (náo te minto)
A liberdade que perdi ha annos.

II.

O fogo se apagou, que antigamente
O coraçáo me devorava cego.
Provo já tal socego,
Que nem para o disfarce a ira ardente
Em mim encontra amor. A côr do rosto
Náo mudo, nem de gosto
O peito ao ver-te palpitar se sente.

III.

Eu sonho, e náo te vejo em tal momento
No sonho meu, como antes, figurada;
Acordo, e quando nada,
Náo es tu meu primeiro pensamento.
Sem saudades de ti, de longe venho,
Comtigo estou, náo tenho
Nem pena, nem prazer, gloria, ou tormento.

IV.

Sim da belleza tua ainda fallo;
Mas sem disso mostrar maior ternura;
A fatal desventura
Me lembra, e não me dá sequer abalo.
O rival não me offende: fraco, imbelle,
Até posso com elle
Em paz fallar de ti o que inda callo.

V.

Ou contra mim os olhos irritada
Volvas, ou já me falles com ternura,
He vã tua brandura,
Tanto como a arrogancia em fim baldada.
Os teus labios em mim poder não tem,
Nem teus olhos já vem
A ter no peito meu facil entrada.

VI.

Ou viva esta alma alegre, ou tristemente;
Nem do mal, nem do bem, prazer, ou pena;
Te accusa, ou te condemna,
Nem te deve o favor que livre sente.
Sem ti me agrada o monte, o bosque, o prado;
Comtigo me he vedado
Viver em parte já, que me contente.

VII.

Ouve se sou sincero: inda hoje em dia
Tu gentil me pareces, linda, e bella;
Mas já não es aquella,
Que a ninguem comparar eu me atrevia.
(Não te offenda a verdade) em teu aspeito
Noto agora hum defeito,
Que algum tempo belleza parecia.

VIII.

Quando a setta arranquei do peito afflicto,
(Confesso huma fraqueza) esta paixão
Rasgou-me o coração,
Julguei da morte dar o ultimo grito.
Porém para o livrar desta impiedade,
E cobrar liberdade
A mim proprio a soffrer tudo me excito.

IX.

Se em visco, ou laço, que no bosque estão,
A ave cahe, e foge a custo seu,
Se humas pennas perdeo,
Livre ficou porém da escravidão.
Logo a perdida pluma se renova,
E do mal pela prova,
Se acautela depois da vil traição.

X.

Se não julgas que está de todo extincto
O meu antigo amor, pois de ti fallo,
E ainda me não callo;
Tu não sentes então o que eu já sinto:
Fallo qual quem passou por morte acerba,
E vivo inda conserva
De a todos o contar fysico instincto.

XI.

Como depois da bellica sortida
O passado furor conta o guerreiro,
E mostra ao mundo inteiro
As cicatrizes da cruel ferida:
Qual o escravo, que alegre se recrea
Em mostrar a cadêa,
Que teve ao rôxo pé hum tempo unida.

XII.

Só por satisfazer-me assim procuro
Fallar, não porque julgues que inda te amo.
Mas se fallo, se clamo,
(Quer m'o creas, quer não) de ti não curo.
Que approves o que eu digo pouco importa,
Nem me aflige, ou conforta,
Que de mim falle hum coração perjuro.

XIII.

Eu deixei huma falsa; e tu, cruel,
Perdeste hum coração firme e constante,
Consolação bastante
Não sei qual de nós tem. Outra infiel
Sei que facil será que eu ache, e mil;
Mas tu Nize gentil,
Não terás outro amante mais fiel.

XIV.

Vôa, Canção, aos olhos de huma ingrata;
Que se inda te maltrata....
Ah! dize-lhe que a minha a não condemna,
Mas sim de Metastasio a heroica penna.

O D E.

O Hippotade severo
O claustro rompe da volatil serra;
Correndo furiosos
Varrem soltos os ventos no alto monte
Os troncos, os penedos:
O dia foje, eis arde o polo escuro
C' os raios de Vulcano.
O Euro, o Noto, o Aquilo revolvem
As verdenegras ondas;
Destroçados baixeis sem véla, ou remo
Surdem já sobre as vagas:
Profundas quédas nos abysmos soáo.
O cauto Irmáo de Juno
Lá do fundo dos mares surge, empunha
O rigido tridente,
O Aquilo ameaça; de improviso
Os fecha o Rei dos ares
Nas cavas grutas, nas prizões eternas.
As nuvens apartando
Doura o Sol radiante ao longe os cumes
Do alto Pelion, do Olimpo,
Do que nos vastos hombros sotopeza
A maquina Celeste;
Qual sem mover-se ao impeto espantoso
Do furacão horrivel

No mesmo assento solido se firma
Immovel, como dantes.
Tal hoje da discordia sobre a terra,
Qual no tempo de París
Rola o pomo fatal. O odio injusto,
A traição sanguinosa,
A ambição, que derriba, a negra inveja,
Hediondos Espectros,
Fantasmas são, que Themis horrorizão,
Porém não a perturbão.
Em seu auxilio, ao perto, ao longe bradão
Eaco, e Rhadamanto.
Se a Jupiter se nega, Jove Immenso
Com vinculo suave
A bella Deosa estreitamente abraça.
Filha do Ceo, e terra
He da Lei santa, e paz a Mái ditosa;
Sua fiel balança
D' huma das casas Apollineas pende.
Impavida Philocles, (*)
Que profugo da Patria em Samos vive,
Espectaculo injusto
Da misera fortuna em paz a gloria
Vê de longe contente
Do seu rival Protesilas, Ribeiro,
Ouve zunir os ventos,
Em vão desfecha a negra tempestade,
Literarios tumultos
Não lhe perturbão o sereno gesto;
Que o Varão virtuoso

(*) Telemaco de Fenelon liv. XIII.

Náo teme a furia do damnado povo,
Nem do Tyranno a face,
Ou Noto pluvial, que açoita as praias,
E turbido inquieta
D'Adria o mar tormentoso. Em váo [illegible]
As Hyades chuvosas,
Em váo contra elle Jupiter sacóde
O raio pavoroso.
Desta arte Pollux, e de Almena o filho
O mundo rodeando,
Por seus trabalhos, rapidos voáráo
A' regiáo do fogo,
E na mêza dos Deoses recostados
O nectar saboroso
Prováo c'o Moço, que domára os Tigres.
As Musas lhe emballáráo
O aureo berço. Ao doce som dormia
D'almos Hymnos, que entoa
No bipartido oiteiro o Deos radioso,
Deo-lhe a sagrada venda,
A balança fiel, a inteira espada
Astrêa venturosa.
Sobre o cerebro tenro Jove expreme
Da Divina Cabeça
O prolifico humor de que gerára
A Deosa da prudencia.
Do viperino dente inda o preserváo
As filhas da memoria,
Quaes n'outro tempo ao claro Venusino
Coroado de louro
Em os campos Philippicos, do tronco
Execravel, dos mares,

Que affogárão o triste Palinuro.
　　Pelas Musas creado
Tentára illéso o Bosphoro, da Libia
　　O areal ardente,
Os antigos Bretões, crueis Gelonos,
　　O Concano, que o sangue
Beber folgava das equinas vêas.
　　Sabio Ribeiro, as Musas
Te defendem do assalto. As santas filhas
　　De Themis inflexivel
A par da Mãi sentadas te recebem
　　No seio da concordia.
A inveja ao longe retorcendo os olhos
　　Mordendo-se raivosa
Igual te vê de louro coroado
　　Como sobre a montanha
Combatido da horrisona procella
　　Das lingoas venenosas:
Assim a gratidão paga a virtude.

Traducção do Coro do Acto II. do Edipo de Seneca.

CIngi vossos cabellos espalhados,
Tremolante o corimbo, tendo armados
Os braços delicados
Com os thyrsos de Nysa.
O' Baccho, que es do ethereo Firmamento
Ornamento brilhante, attende aos votos,
Que c'o as mãos levantadas,
Da tua amada Thebas,
Os nobres te offerecem.
Volta para esta parte
Tu propicio
A virginea cabeça.
Com teu semblante
Rutilante
Nos dissipa
Negros nublados,
E os ameaços
Carrancudos do Averno,
E o voraz fado.
A ti te he mui decente o ter cingidos
Os cabellos com flores
Da Primavera:
A ti ter apertada com toucado
Tyrio a tua cabeça;

Ou religar a fronte delicada
Com baguifera hera.
Ter soltos os cabellos, sem concerto,
E depois ajuntallos
N' uma castanha.
Qual a fingida virgem loura, e bella
Tu temendo a madrasta enfurecida
Crescias, imitando
Os falsos membros, apertando a zona
A humas roupas côr de ouro.
Donde veio agradarem-te, e estimares
Táo mulherís ornatos:
E o largo seio, e a roupa roçagante:
Toda a regiáo prolongada
Da terra Eoa.
O que bebe do Ganges,
E outro qualquer que rompe
O enregelado Araxes,
Te vio sentado no dourado coche
De vestido mui longo,
Regendo leóes ferozes.
A ti te segue n'um burrinho torpe
O Sileno decrepito montado
Tendo as turgidas frontes da cabeça
Cingidas com capellas de parreiras.
Os Bacchicos lascivos Sacerdotes
As occultas folias váo guiando.
Acompanhando-te alegre
Das Bassarides a tropa,
Humas vezes tocou c'o o pé ligeiro
Do Edon Pangeu na terra;
Outras vezes do Pindo

No Thracio cume;
Outras vezes a Menade perversa,
Entre as matronas Cadmeyas,
Veio por companheiro a Jaceho Ogygio,
Cingida pelos lados
C'o a nebride sagrada.
Em teu obsequio as matronas
Perturbadas nos seus peitos,
Soltárão seus cabellos:
E as Thyadas nos membros quebrantadas
Pelo furor, vibrando o leve thyrso,
Já depois de laceradas
As juntas de Pentheu, com crueldade
As vírão, desusada.
    Tem do mar o governo, do formoso
Baccho a tia materna; Ino Cadmeya
He cingida de coros de Nereidas.
O menino Palemon estrangeiro,
Divindade não vil, primo de Baccho,
Do grande mar dominio tem nas ondas.
    A ti te arrebatou sendo menino
Huma esquadra Tyrrhena, e Nereo logo
Poz em socego os mares empolados.
Transforma em prados os ceruleos mares.
Daqui viçoso existe
O Platano c'o a folha
Da Primavera;
E o loureiro de Phebo amada planta:
Pelos ramos a garrula
Ave está chilreando:
Com os ramos se abração
As duradouras heras:

À parreira se enlaça
No mais alto da entenna:
O leão do monte Ida
Brame na proa:
O Gangetico tigre está sentado
Na popa, em quanto nada
O pavido Pirata pelos mares,
E nova fórma occupa os submergidos.
Os braços primeiramente
Cahem aos piratas, e o peito
Quebrantado se lhe ajunta
C' o a barriga.
Huma pequena mão de cada lado
Lhe está dependurada;
E com o curvo costado as ondas entra.
O mar corta c' o a cauda em meia Lua,
E segue delfim curvo as vagas vélas.
O Lydio Pactolo
Nas ricas ondas
Te levou, deduzindo rios de ouro
Das mesmas ribanceiras, que corrião.
O Massagèta, que os copos
Lacteos com sangue mistura,
Arcos affroxou vencidos,
E tambem geticas settas.
Os dominios do armigero Lycurgo
A Baccho experimentárão
Turbulento.
Dos Zedacos as terras truculentas
O sentírão guerreiro:
E aquelles a quem maltrata
O Boreas visinho,

Que os domicilios mudão;
E aquellas gentes, que rega
A frigida Meotis com seu curso:
E aquelles a quem vê de summa altura
O Signo Arcadio, e o duplicado Plaustro.
Elle os Gelonos amansou dispersos:
Tirou as armas ás ferozes moças:
Co' o focinho de rastos
Comêrão terra
Bravas Thermodoontiacas catervas.
Em fim, depostas as ligeiras settas,
Se fizerão mais mansas.
Tambem innundou co' o sangue,
E mortandade Ophionia
O sagrado Citheron.
As Pretides, os bosques
Forão buscar, e os campos:
A madrasta venera,
Como a seu Protector o mesmo Baccho.
Em Noxos coroada
Do mar Egeo, aos thalamos entrega
A donzella que foi desamparada;
Compensando-lhe os damnos
Com mais digno marido.
De secco penhasco
Correo licor Nyctileo:
Os regatos palreiros
A relva dividírão:
O chão profundo embebe os doces succos;
E as claras fontes do licor nevado;
E os Lesbios misturados
Com cheiroso tomilho.

A noiva he conduzida
Ao grande, e dilatado Firmamento.
Phebo recita huma Canção solemne,
Tendo em seus hombros soltos os cabellos:
Hum, e outro Cupido
As fachas sacudio:
Jupiter poz de parte o dardo ardente,
E escondeo, vindo Baccho, os mesmos raios;
Emquanto correrem deste annoso mundo
As claras estrellas; emquanto o Occeano
Co' as ondas o Orbe cercar encerrado;
E emquanto recolher a Lua chêa
Os fogos, que lhe são communicados;
E emquanto annunciar os matutinos
Resplandores o Phosphoro luzido;
E emquanto a etherea Cynosura ignara
Fôr dos Reinos ceruleos de Nereo;
Veneraremos de Lyeo formoso
As engraçadas, e agradaveis faces.

De Thomas José de Aquino.

O D E.

Sed licet asperiora cadant spolierque relictis
Non te deficient nostræ memorare camœnæ.
Tibull. lib. 4 Panegyr. ad Messal.

NAõ temas que a teus versos sonorosos
Do Tempo alcance a fouce, nem que o Lêthes
Em suas negras aguas somnolentas,
Doce Alfeno, os afogue.

Apollo, (crê-me) os perfilhou gostoso,
E divisa lhes pôz, que á Idade, á Inveja
Respeito influírão: com ella intactos
Verão o fim dos seculos.

Quando a Crítica a vara judiciosa
Estender aos Poemas Lusitanos,
Daqui, dalli, sem conto, derrubando
Te guardará no seio;

Por dar-te em mimo ás Musas; dar a Baccho
O altiloquo arrojado Dithyrambo.
Filinto ingenuo, Mathevon honrado
Por ti serão eternos.

Do P. Francisco Manoel do Nascimento,
Filinto Elysio.

SONETO

Em resposta da Ode antecedente.

EM sonhos vi o meu iniquo fado,
D' uma escarnada febre em companhia,
Com Clotho instar, que co' a tesoura ímpia
Cortasse Alfeno o fio amargurado.

Do infero Nauta o féro rouco brado
Os esquivos ouvidos me feria:
« Baixa, infeliz, á Região sombria;
» Co' remo em punho, já te espero irado. »

Nisto suavemente os ares fende,
Caro Filinto, o teu sublime Canto,
Que da Parca a funérea mão suspende.

Foge a febre voraz banhada em pranto:
Molle somno do Fado as iras prénde,
Tudo subjuga do teu métro o encanto.

De Domingos Maximiano Torres,
Alfeno Cyntho.

DECIMAS

A' ida de Bonaparte ao Egypto.

I.

CIdadãos da Convenção,
Ide juntando dinheiro,
E com hum bom mialheiro
Fugi para o Japão,
Olhai, que a Inglez Nação
Quer ver França derrotada,
E está tão apetrexada,
Que segundo o que se diz
Ha de deixar a París,
Qual outra Troia abrazada.

II.

Meus amigos d'Assemblea,
Bem podeis tratar das bombas,
Que as vossas Sciencias rombas
Vão desmentindo a idéa:
A Bretanha não fraquêa,
E sabeis o que se diz?
Que ha de ir Nelson a París
Quando menos se cuidar,
E que vos ha de queimar
Os bigodes, e o nariz.

III.

O Bonaparte com medo
Das Esquadras dos Inglezes,
Fez surtidas, e revézes
Tudo com muito segredo:
Mas Nelson, que o enredo
Tinha bem premeditado,
Vendo-o já desembarcado,
Tão desgostoso ficou,
Que aos Turcos o entregou
Para ser circumcidado.

IV.

Nos merecimentos seus
Bonaparte se fiava,
Por isso não confiava
Nos de Christo, nem de Deos:
Nelson, e mais os seus
Forão-lhe prégar missão,
Elle, que he bom Christão,
Como muitos que vós vêdes,
Deixando barcos, e redes,
Foi seguindo o Alcorão.

V.

Bonaparte era perito,
E p'ra ser predestinado,
Foi chorar o seu peccado
Nos desertos do Egypto:
Tem chorado coitadito,
De lagrimas grande somma,
E como destruio Roma
Para melhor se arrepender,
Fez voto para morrer
Na mesma Lei de Mafoma.

VI.

Foi desgraça horrorosa,
Meu Bonaparte, embarcares,
Quanto melhor te era andares
Cá por onde anda a Rapoza:
Coitada da tua Esposa,
Que afflicções não ha de ter,
Olha, manda-lhe dizer,
Que te agradeça o desejo,
Que pelos geitos que vejo
Não a tornarás a vêr.

VII.

Meu Bonaparte, esta affronta
Ha de te dar que sentir,
Se tu puderes fugir,
Faze-o por minha conta:
Põe huma Fragata prompta,
E que vá sempre á bolina,
E tu com tua menina,
Faz com Bretanha alliança,
Porque se vás para França,
Mandão-te á Golotina.

EPIGRAMMA.

EU lia a hum grão Doutor
De gorda catadura
Do sublime Camões a Rima pura,
Do nunca assás louvado Adamastor.
Quando mais elevado
Em seu canto divino
Ameigo a voz, e em brando tom a affluo
Para lhe lêr Ignez, e seus amores,
E sua injusta morte, injustas dores,
Ouço o Doutor roncar alto, e rasgado;
Então o abalo, e grito-lhe enfadado:
» Doutor, Doutor, desperta,
» Que Phébo quiz que o Vate
» Neste almo Canto ao Pindo se arrebate,
» E de Hypocrene a fonte tenha aberta. »
= Que inuteis, que perdidas
= (Diz-me o Doutor) comigo taes razões!
= Prefiro o meu * * * ao teu Camões. =
Disse: e torna a roncar o novo Midas.

Do P. Francisco Manoel do Nascimento.
Filinto Elysio.

Na Coroação da Rainha Fidelissima Dona Maria I. Nossa Senhora.

O D E.

STROPH. I.

CLara Euterpe, dos hymnos presidente,
Do teu rico thesouro
Tira a cithara d'ouro,
Novas cordas lhe pőe, tempera, affina,
E a entoar comtigo hoje me ensina
Hum hymno tal, que seja
Ao Tracio Orfeo de roedora inveja.

ANTISTROPH. I.

Aquelles, que cantaste em Hipocrene,
De Helicon pura fonte,
Do Pai de Faetonte
Dignos eráo; mas náo o são do dia,
Em que Maria a Grande, Augusta, Pia,
Mais que Febo luzente,
Alegra, e doura o tempo á Lusa gente.

EPOD. I.

Portanto tu me dá, Mestra do Coro,
Tom mais alto, e canoro,

E livremos do Lethes esquecido
Dia com pedra branca esclarecido.

STR. II.

Como sahe formoso, e scintillante
Cynthio do seu nascente!
Porém não lhe consente
Que brilhe de seus raios vaidoso
Outro Delio melhor, e mais formoso,
Que com luzes mais bellas
Hoje sahe da casa das Estrellas.

ANTIST. II.

Hum no carro dourado vai fogosos
Ethontes subjugando:
Porém outro tomando
Dos Lusos o governo, he como fosse
De reger corações tomar a posse:
Que Lusos governallos,
He mais governar filhos, que vassallos.

EPOD. II.

Hum na carreira em vivo fogo ardente
Queima a Lybica gente,
E a outra mal lhe deixa o ver o dia:
Porém outro não queima, e allumia.

STR. III.

Não he fogo de Jupiter Tonante,
De nuvem sacodido,
Que fazendo estampido
Entre as carrancas do ar mais temerosas

Com vibrações, e vozes espantosas
Atroa, aterra, assusta
A gente mais perversa, e a mais justa.

ANTIST. III.

Hum Astro benigno he que dominando,
Não ha nuvem que passe,
Não ha Ceo que ameasse
Susto de vento, ou chuva, ou tempestade:
E só se ouve na mór serenidade
Repetir Eco os vivas,
E as Musas atirar settas Argivas.

EPOD. III.

Os antigos Romanos se viessem,
E se augurar quizessem,
Cousas certas seguros nos dirião,
Porque as luzes serenas estarião.

STR. IV.

Té o Téjo, que de ir não se fartava
A ver a Estatua Equestre,
Que o Lusitano Mestre
Fundio d'huma nova arte, não querendo
Hoje correr, quieto está dizendo:
Tagides reparai,
Que inda a Filha será maior que o Pai.

ANTIST. IV.

Já do filho de Tetis, e do Xanto
Terror o augurárão,
Os que delle fallárão

Inda antes de nascido; o Téjo, quando
As virtudes hum sceptro fabricando,
O forão dar áquella,
Que era a mais justa, á mais benigna, e bella.

EPOD. IV.

Seu augurio feliz será cumprido;
Porque quando he temido
D'Opis o filho, e se ama a Piedade,
Tudo vai bem, tudo he Felicidade.

STR. V.

De Lisboa de novo edificada
Com Dedaleo cuidado
Foi o Téjo escutado:
E chamárão então os Lusitanos
Pelo velho Dirceo, que nos Arcanos
Futuros claro via,
Quanto a Ulysses astuto promettia.

ANTIST. V.

E depois huma voz soou, que disse:
Se acclarando o bom fado
De Alcmane o Pai honrado,
De huma vez resumindo os seus louvores,
Disse que os filhos são como os maiores:
Eu com razão mais forte
Digo que a Esposa he bem como o Consorte.

EPOD. V.

Assim o véo rasgando do futuro,
Que vereis vos seguro

Os dias de Saturno, o seclo antigo,
Da Mansidão, e da Virtude amigo.

STR. VI.

Desde os Austraes aos Hiperboreos Reinos
Irá cheia de gloria
Vossa famosa historia;
E ficará na fama perduravel
Da nova Augusta o nome respeitavel,
E seus projectos raros,
Melhor que em bronze, ou marmore de Paros.

ANTIST. VI.

Tudo conhecereis pelas formosas
Colheitas de pezadas
Espigas sazonadas:
E só se voltará a foice em lança
Se Astréa vos mostrar torta a balança,
Ou se imigo tyranno
Abrir as portas ao bifronte Jano.

EPOD. VI.

Tal abalo palavras taes fizerão
Nos Lusos, que dissérão:
Somos c' o braço Herculeo poderosos,
Para vencer Leões Nemeos raivosos.

STR. VII.

Applacai o furor, a voz lhe torna,
Neste dia amoroso,
E já que piedoso
O Ceo boa Rainha vos segura,

Vós a louvai, croai-a de mistura
C'o as Graças, e os Amores
De Dirceos Versos d' Eolicos Cantores.

ANTIST. VII.

Disse; e eu vendo então que a Musa minha
Stava pasmada, e muda,
Não quiz que a frauta ruda
Estorvasse c' o canto rouco, e frio
Tantos Cisnes, que sobre o patrio rio
Já attrahindo hião
As féras, e os montes, que os ouvião.

EPOD. VII.

Levem embora esses clarins do Pindo
Tudo o que os for ouvindo,
Do Throno qualquer delles affugente
A Cloto, e as Irmãs eternamente.

Documentos de hum Pai a hum Filho no seguinte

SONETO.

NAõ desejes mais honras que as Virtudes,
Nada executes por respeito humano,
Ouve mal da lisonja o doce engano
Obrando bem, do que diráõ não cuides;

A todos na afflicção benigno ajudes,
Usa sem fingimento hum trato lhano,
Vence do proprio amor o grande damno,
Nas sortes ambas o animo não mudes;

Podendo escusar a ninguem peças,
Arroja-te com gloria ao precipicio,
Não occupes lugar que não mereças;

Paga com outro maior o beneficio,
O fim olha das cousas que começas,
Louva o alhe' bem, nota o teu vicio.

Glosa ao Soneto antecedente.

FOge das pompas loucas da vaidade,
Das glorias vãs o animo retira,
Abraça os documentos da verdade,
Abomina os erros da mentira;
Aborrece do engano a falsidade,
Não te deixes vencer do odio, ou ira,
Nos faustos vãos do mundo nunca cuides,
Não desejes mais honras que as Virtudes.

Não descubras a falta que souberes,
Aspira sempre a cousas superiores,
Cuida primeiro em tudo que fizeres,
Trata com teus iguaes, honra os maiores;
Dá com mão liberal tudo o que deres,
Vai prevenido ondequerque fores,
Procede em tudo recto, e sem engano,
Nada executes por respeito humano.

Busca para conselho o mais prudente,
Supporta as afflicções sempre constante,
De nenhum modo sejas mal dizente,
Não te jactes com animo arrogante;
Nas práticas não sejas imprudente,
Nunca digas palavra mal soante,
Falla de todos bem, sem fazer damno,
Ouve mal da lisonja o doce engano.

Conserva da Virtude a inteireza,
Não te deixes levar da vil cobiça,
Nada executes obrando com vileza,
Foge da formosura que enfeitiça;
Da tua alma não manches a pureza,
Por respeitos não faltes á Justiça,
De teus rectos propositos não mudes,
Obrando bem, do que dirão não cuides.

Mostra-te sempre o mesmo em qualquer sorte,
Foge do damno, no perigo adverte,
Vence as adversidades sempre forte,
Deixa o amigo máo, que te perverte;
Prepara-te na vida para a morte,
Não dilates a emenda, que he perder-te,
Trata dos mais, de ti não te descuides,
A todos na afflicção benigno ajudes.

Acceita quando errares a advertencia;
Foge quando acertares da jactancia,
Não uses mal dos bens tendo opulencia,
Mostra nos males ter igual constancia;
Preza-te da fiel correspondencia,
Teme de ter encargos na ganancia,
Mostra-te para todos mui urbano,
Usa sem fingimento hum trato lhano.

Sabe buscar húm amigo verdadeiro,
Foge a toda a perversa companhia,
Em fazer bem procura ser primeiro,
Não sejas enfadoso na porfia;
Não te chegue a cobiça do dinheiro,
Domina nas paixões com valentia,
Tira do damno alheio o desengano,
Vence do proprio amor o grande damno.

Procura nos amigos a igualdade,
Acautela-te sempre do inimigo,
Ao miseravel trata com piedade,
Vendo o alheio evita o teu perigo;
Se queres viver bem, trata verdade,
Foge á lisonja do fingido amigo,
Nunca do que te importa te descuides,
Nas sortes ambas o animo não mudes.

Não estragues com vicios a saude,
Os olhos põe na larga Eternidade,
Os augmentos procura de virtude,
Vê que passa mui breve a longa idade;
No que não pódes busca quem te ajude,
Nunca faças assento na maldade,
Levanta-te do vicio em que tropeças,
Podendo escusar a ninguem peças.

Se vires que vai bem passa adiante,
Volta atraz se vás mal encaminhado,
Seja o fim ao principio semelhante,
Acaba bem, se bem tens começado;
Dá sempre mostras de animo constante,
Porta-te nos perigos alentado,
Não mostres nunca de fraqueza indicio,
Arroja-te com gloria ao precipicio.

Não sejas nas desgraças mal soffrido,
Sabe sempre tryunfar do adverso fado,
Não desanimes vendo-te abatido,
Não te presumas mais quando elevado;
Vê, se o que queres tens bem merecido,
Nas pertenções procede acautelado,
Nada que for injusto a ninguem peças,
Não occupes lugar que não mereças.

A quem te fizer mal não faças damno,
Preza-te nas occasiões de generoso,
Dissimula os aggravos sempre humano,
Não sejas da vaidade ambicioso;
Aos humildes não trates soberano,
Agradece a quem deves primoroso,
Nunca de ingrato dês nem leve indicio,
Paga com outro maior o beneficio.

Sem maduro conselho nada faças,
O que for de segredo a ninguem digas,
Do teu arbitrio não te satisfaças,
A pertenção procura que consigas;
Na fama de ninguem nunca desfaças,
Nos erros começados não prosigas,
Não queiras premios ter que não mereças;
O fim olha das cousas que começas.

Trata de viver bem, que a morte he certa,
Olha que has de morrer, e he breve a vida,
No mais ditoso bem feliz se acerta,
Tendo de Virtudes a alma prevenida;
Cuida naquella hora sempre incerta,
Vê bem não erres a ultima partida,
Foge ao perigo, evita o precipicio,
Louva o alhe' bem, nota o teu vicio.

DITHYRAMBO.

I.

EMpsesta-me, Filinto, a mága Lyra,
Com que a alma me enlevas, me arrebatas:
Os nataes da aurea Amfrysa cantar quero,
Té que as cordas lhe estalem.

II.

Ris-te? Pasma. Olha aos pés da amada Nynfa
Bocejando a Preguiça aferrolhada....
Escudou-me a amizade; envisto-a, aterro-a...
Quem resistir me póde?

III.

Que vejo! em vez da Lyra a vinea taça,
Sorrindo-te, me offereces? venha embora;
Minha Lyra será, Apollo, Musas...
Ouvi, ouvi, vindouros.

IV.

Mas que he, o que em mim ferve em brava,
Não sentes como pula pelas veias; (guerra!)
Cerrando com atroz melancolia,
O tyrsigero Baccho?

V.

Vê como horrenda ronca entre seus braços..
Evó! Nictileu! aperta, aperta....
Eis o Deos ma dardeja pela boca
Urrando roucamente.

VI.

Ah ? ....respiro... Lenèo te adite, amigo
Torna a encher.. Raza.. raza.. como brilha!
Parece-me o rubi d'um Rei Indiano,
Do Ça... Ça... que me importa!

VII.

A' saude de ti, Amfrysa, empino
O ebrifestivo copo.. Oh gosto! ... Oh pico!..
Quão doce me gorgea na garganta.
Desbanca Philomela.

VIII.

Agora exaltarei em digno metro
Teus dotes não communs, que por mim bradão.
Não temo provocar o grande Elpino;
E a ti mesmo, ó Filinto.

IX.

Oh forte Domador da plaga Eôa,
C'o teu nome capaz de endeozar-me,
Bafeja ao alto assumpto... Ceos! que fumo
Me ondêa pela boca!

X.

Quem me queima as entranhas!...eu chamejo!
Chião-me as carnes... Ah? traidor Filinto,
Com santo licor de Evio misturaste
Do Phlegetonte as aguas.

XI.

Sonho!..ou estou desperto!..eis me arrebatão
Sobre as pennas do vento ao ar sublime...
Lá surge o Sol radioso, aseteando
As trévas trepidantes.

XII.

Como submerge em pelago de luzes
As pálidas estrellas! Os Ethontes
Ruem aos pulos... nas inchadas ventas
Revolvendo igneo fumo.

XIII.

Eu divizo de Amfrysa o almo dia
Junto ao Deos na carroça aurirosada;
Voão em torno as Graças, os Amores,
E os moçantes jocos.

XIV.

Lá vem Neptuno, com os pandos braços,
Curvo o corpo, arrazando as roucas vagas...
Alli, na atra caverna, o torvo Eôlo
Os ventos arrebanha.

XV.

Eis baixo ao Pindo .. eis Delio os teus louvores
Canta na eburnea lyra .. os montes dançáo...
Mas que esquadráo de altisonantes hymnos
Lhe brota da cabeça.

XVI.

Eis com as talhantes azas me demandáo,
Onde brilháo teus dons, celeste Nynfa:
Mas na fronte d'um leio: » Eu sou a injúria
Da morte, e do impio tempo. »

XVII.

Traz ufano a tua alma, e nella engasta
A aurea Filosofia mil virtudes,
Cujo cego esplendor o brilho vence
Dos scintillantes astros.

XVIII.

Vem, Hymno amado, vem, modulâremos
Em nunca ouvido tom... Vê pressurosos
Os Deoses, como deixão para ouvir-nos
Hermo o Olympico Alcaçar.

XIX.

Lança, oh Nynfa, na taça o loiro bromio,
O fogo avivarei, que me fulmina
A mente insana... venha antes que Jove
Mo arrebate invejoso.

XX.

Amfrysa, Amfrysa, que travessa aguaste
O almo licor! Lá se esvaece o Pindo:
Vôa o Hymno; o sublime ardor se apaga,
E Baccho, e às Musas fogem.

XXI.

Tu lho lembraste, rigida Modestia,
E me impediste illustrar meu nome
C'os louvores da que he do amavel sexo
As delicias, ou enlevo.

De Domingos Maximiano Torres,
Alfeno Cynthio.

O D E.

Na felicissima Acclamação da Rainha D. Maria I. Nossa Senhora.

STROPHE I.

TAntoque deo a Fama o fausto aviso
Dos jubilos de Lysia, desde Amphriso
O Pastor se retira,
Tempera a doce Lyra;
O liquido crystal na fonte cresce,
Sóbe Apollo ao Parnaso, ao Tejo desce,
Para ver como hum Genio peregrino
Do rosto respirava hum ar divino. (1)

ANTISTROPHE.

Novo pasmo infundindo, raro assombro,
O Delfico instrumento
Rompe o suave accento:
Nem a Castalia turgida murmura;
Antes mais se lhe entranha a alta doçura,
Com que o Delfico Apollo repetia
O doce Nome, o nome de Maria.

---

(1) Cam. Cant. I. Est. 22.

EPODO.

Nome de alto valor, e Magestade,
Que infunde suavidade!
Se os Cysnes, que cantando esmorecêrão,
Só de ouvir este nome revivêrão;
Cesse tudo o que a Musa antiga canta, (2)
Que outro valor mais alto se levanta.

STROPHE II.

Emquanto Lysia glorias respirava
Nos harmonicos hymnos, relatava
De Debora o conceito,
De Judith o respeito,
De Esther a gravidade, e formosura;
Mas excede Maria em compostura,
Em Magestade a todas, e se acclama
Sobre as azas inclytas da Fama. (3)

ANTISTROPHE.

De seus Augustos claros Ascendentes
Clio as acções cantava;
E nellas restaurava
De tantos Reis magnificos ás glorias,
Dispondo, sobre as Crôas, e victorias,
Aquella Crôa, que já d'antes tinha,
Para dar á mais inclyta Rainha.

---

(2) Cam. Cant. I. Est. 3. (3) Cam. Cant. IX. Est. 90.

EPODO.

Para vós, preclarissima Heroina,
A gloria se destina;
Para cantar-vos mente ás Musas dada (4)
Apollo quer, com cythara affinada,
Que se espalhe, e se cante no universo, (5)
Se tão sublime preço cabe em verso.

STROPHE III.

Por sagrado destino, alto mysterio,
Desde a primeira idade o Luso Imperio
Propoz este Diadema:
Guardou-o a mão Suprema,
(Arrancando-o do Mouro furibundo,
Que intentou coroar-se em todo o Mundo;)
E lá vos tem lugar no fim da idade (6)
No Templo da suprema eternidade.

ANTISTROPHE.

Mas eleva-se Urania, e lê nos astros
Os bellos vaticinios
De mais vastos dominios:
Alli vê o mais claro firmamento;
E dilatando o vôo, e o pensamento
Em virtudes mais sólidas, mais bellas,
Vossa Crôa adornada vê de estrellas.

---

(4) Cam. Cant. X. Est. penult. (5) Cam. Cant. I. Est. 5. (6) Cam. Cant. I. Est. 17.

EPODO.

Retirando-se ao Claustro as tres Infantas, (7)
Tendo virtudes tantas,
Esta Crôa na terra não gozárão,
Para as vossas virtudes a deixárão
As eternas esposas, e formosas, (8)
Que as corôas vos tecem gloriosas.

STROPHE IV.

Para prostrar as furias arrogantes
De cinco Mouros Reis, os vãos turbantes
Rasga Affonso Primeiro,
Generoso guerreiro!
As cabeças lhes córta, as crôas piza,
Sobre ellas firma o Throno, e immortaliza
A Crôa, que o Ceo dá, e quer se veja
Que c' o braço dos seus Christo peleja. (9)

ANTISTROPHE.

Tanta gloria Caliope declara;
E sendo a precursora
Da bella successora,
Em quanto assombro a toda a idade ensina,
Inspira immortal canto, e voz divina, (10)
Para vos decantar como primeira
Gloria do Throno, se do Reino Herdeira.

---

(7) S. Joanna. S. Sancha. S. Teresa. (8) Cam. Cant. X. Est. 142. (9) Cam. Cant. III. Est. 109. (10) Cam. Cant. III. Est. 1.

EPODO.

Vós, que Senhora sois de altas virtudes,
Não só nos póvos rudes,
Mas em regiões mais cultas, e polidas
A senhora sereis de muitas vidas,
Dando *na paz as leis iguaes constantes,*
Fareis aos Reinos grandes, e possantes. (11)

STROPHE V.

Quando o Ceo vos coroa, vos defende;
Em jubilos o espirito se accende:
A sólida humildade
Exalta a Magestade,
Que de tanta virtude a palma leva,
Quando mais se profunda, mais se eleva;
E será vossa Crôa, que se augmenta,
Em terras grande, em Reinos opulenta. (12)

ANTISTROPHE.

Que discursos moraes Polymnia excita,
Emendando os humanos!
Mas vendo os Soberanos
Vossos fieis magnanimos costumes,
Para regra immortal de regios Numes
Nada tem que emendar. Bem podem ver-se:
Que facil he a verdade de entender-se. (13)

---

(11) Càm. Cant. IX. Est. 94. (12) Cam. Cant. X. Est. 98. (13) Cam. Cant. VIII. Est. 75.

EPODO.

A Lyra pulsa o Filho de Latona,
A fé, e o zelo abona:
Ja lhe sobeja o assombro, a voz lhe falta,
Vossa rara virtude a Musa exalta
Maravilha fatal da nossa idade: (14)
Tanto Deos se contenta da humildade! (15)

STROPHE VI.

Fazendo seus reaes acatamentos (16)
Para os determinados aposentos
Já Euterpe separa,
Da flauta, em que tocára,
Os tormentos: os gostos já procnra.
Dilata mais do jubilo a doçura,
Só por ver o diadema hoje empregado
Em quem do Pai deixava o seu traslado. (17)

ANTISTROPHE.

Se os funestos escudos se quebrárão,
Novos fórma a alegria;
Se Melpomene os via
Pendentes do cypreste; hoje no cedro,
Real escudo firma o Augusto Pedro;
Pois são as duas almas peregrinas,
Semelhantes no amor, iguaes nas Quinas.

---

(14) Cam. Cant. I. Est. 6. (15) Cam. Cant. III. Est. 15 (16) Cam. Cant. I. Est. 14. (17) Cam. Cant. III. Est. 28.

EPODO.

Una Erato em reciprocas constancias
Delficas consonancias:
Com altisono accento os genios gabe,
Se tão intimo amor em verso cabe;
Tendo no Throno a Pedro unido ao lado
Das insignias Reass acompanhado. (18)

STROPHE VII.

Vendo já coroada a Augusta fronte,
Vem dançando, e descendo lá do monte
As Oreades bellas,
E tecendo capellas;
A discreta Terpsicore os mais graves
Movimentos lhe ensina, e hymnos suaves;
As Driades celebrão com Thália
As festas deste alegre, e claro Dia. (19)

ANTISTROPHE.

As Tagides gentis tecem grinaldas
Para lhe offerecerem
Correndo, feudos querem
Tributar, attrahindo o mesmo Oceano
A vosso Imperio augusto, e soberano;
E por triboto o Indio, e o estranho Mouro
Aqui as capellas dá tecidas d'ouro. (20)

---

(18) Cam. Cant. III. Est. 108. (19) Cam. Cant. X. Est. 75. (20) Cam. Cant. III. Est. 97.

EPODO.

Os Vassallos os votos mais constantes
Nos corações amantes
Vos dão; e a Fama o seu clarim vos cede,
Dizendo, que esta Filha ao Pai succede: (21)
Vosso nome em todo o Orbe hoje declara,
E se mais Mundo houvera, lá chegára. (22)

STROPHE VIII.

A Rainha adorada, o Esposo amado
Subindo ao Throno, em glorias elevado,
Hoje gozão nos vivas
Acclamações festivas:
Suas virtudes inclytas, que acclama
Por cem bocas não só, por mais a Fama,
Do governo os progressos dilatando
Novos mundos ao Mundo irão mostrando. (23)

ANTISTROPHE.

De outra Pulcheria a viva Fé se exalta;
De outro Tito a Clemencia;
A Justiça, a Prudencia
Brilhantes são, que servem de adornar-vos:
Mas o Ceo determina inda croar-vos
Com huma Crôa, e Sceptro rutilante
D'outra pedra mais clara que diamante. (24)

---

(21) Cam. Cant. IV. Est. 7. (22) Cam. Cant. VII. Est. 14. (23) Cam. Cant. II. Est. 45. (24) Cam. Cant. I. Est. 22.

EPODO.

Escurecei de Delfos a memoria,
Dando a accidental gloria
A'quelle, que em si tem gloria completa,
Seguindo o Rei, de quem sois Filho, e Neta;
E em maior maravilha, em zelo santo
Dareis materia a nunca ouvido canto. (25)

---

(25) Cam. Cant. I. Est. 15.

Elogio Poetico á admiravel intrepidez, com que em Domingo 24 de Agosto de 1794, subio o Capitão Lunardi no Balão Aerostatico.

Tous frissonnent pour lui, lui seul est intrépide.
Ode à la Navig. Aérienne par l' Abbé Monti.

SONETO.

OH Lyra festival, por mim votada
A's aras do Prazer, e da Ternura,
Nega-te hum dia ás graças, á brandura
De Marilia gentil, da minha amada.

A suave harmonia affeminada,
Grata ao mimoso Amor, e á Formosura,
Os molles sons, de que a Razáo murmura,
Converte em sons, de que a Razáo se agrada.

Aindaque te atroe o negro Bando
De torpes Gralhas, e a feróz Cohorte
De inexoraveis Zoilos, escumando,

Resôa, applaude, exalta o Sábio, o Forte;
Que, além das altas nuvens assomando,
Colheo no Olympo o antidoto da Morte.

De Manoel Maria de Barbosa du Bocage.

OITAVAS

Ao mesmo assumpto.

I.

QUe brilhante Espectaculo pomposo
A meus olhos attonitos se offrece!
Da alta Ulysséa o Vulgo numeroso
Já no amplo Foro de tropel recresce:
Sôa o Marcio Concerto estrepitoso,
Que o sangue agita, os animos aquece;
Assoma aos ares neste alegre dia
Raro prodigio de arte, e de ousadia.

II.

O Téjo as ondas cérulas aplana,
Das lédas filhas candidas cercado,
Vibra o tridente azul c'o a dextra ufana,
E rebate a bravéza ao Norte irado:
Contemplar em silencio a audacia humana
Quer, indaque a portentos costumado,
Quer, encostando a face á urna de oiro,
Ver brilhar, ó Sciencia, o teu thesoiro.

III.

Lá surge ao vasto, ao flúido Elemento
O Globo voador, lá se arrebata
Sobre as azas diáfanas do vento,
E pelo immenso vácuo se dilata.
O passaro feróz, voraz, cruento,
Quando rápido vôo aos Ceos desata,
Quando as nuvens transcende, e Febo affronta,
Da terra mais veloz se não remonta.

IV.

Portentoso Mortal, que á summa altura
Vás no ethéreo Baixel subindo ousado,
Que illusão, que prestigio, que loucura
Te arrisca a fim tremendo, e desastrado?
Teu espirito insano ah! que procura
Pela estrada do Olympo alcantilado?
Não temes, despenhando-te dos ares,
Qual Icaro infeliz, dar nome aos mares?

V.

Não temes (quando evites o espumoso
Campo, que he dos Tufões Theatro á guerra)
Não temes que n'um baque pavoroso
Teu sangue purpurêe a dura Terra?
Tentas, qual Prometheo, roubar vaidoso
O sacro lume, que nos Ceos se encerra?
Ah! Não, não faças tão medonho ensaio:
Ou teme o precipicio, ou teme o raio.

VI.

Mas para que pasmado, e delirante,
Brados, e brados pelos ares lanço,
Se apenas do Fenómeno volante
C'o a vista perspicaz o vôo alcanço?
Em quanto grito, o aério Navegante
Seu rumo segue em placido descanço,
Munido de sciencia, e de constancia,
Surdo á voz do terror, e da ignorancia.

VII.

Gamas, Colombos, Magalhães famosos,
Eternos no aureo Templo da Memoria,
Syrtes domando, e Mares espantosos,
De assombros mil, e mil doirais a Historia;
Mas ir dar leis aos ares espaçosos
He triunfo maior, e até mais gloria,
Porque não traz á louca, á céga Gente
Os males de que sois causa innocente.

VIII.

Lá onde a feia Inveja desgrenhada
Ao Mérito não move horrivel guerra,
Nem sobre Chusma inerte, e desprezada
Cospe o veneno, as viboras afferra;
Lá na ditosa, e lucida Morada,
Defeza aos vicios, de que abunda a Terra,
Guardai da Gloria no immortal Thesoiro
O nome de Lunardi em letras de oiro.

IX.

Que importa que no centro de Ulysséa
A' luz, claro Varáo, não fosses dado?
De hum frivolo accidente a louca idéa
Tenha embora poder no Vulgo errado;
Que eu te consagro a dadiva Febéa,
Qual se berço commum nos désse o Fado;
Longe, vás prevençóes d'Homem grosseiro:
O Sábio he Cidadão do Mundo inteiro.

X.

Mas tu, Cantor de Augusto, e de Mecénas,
Roga a Jove te anime as Cinzas frias,
E de alvo Cysne renovando as pennas,
Desperta o sacro fogo em que fervias:
Desce ás Montanhas flóridas, e amenas,
Onde revivem de Saturno os dias;
Dalli canóro entôa o nobre metro,
E em honra de Lunardi exerce o plectro.

XI.

De tornar-lhe perenne a digna fama
Só tu, só tu convens á grande empreza;
Vem ve-lo ardendo em gloriosa chamma,
Superior ao poder da Natureza;
Para novos prodigios punge, inflamma
Seu animo, e, c'o a vóz em estro acceza,
Suppre-lhe, ó Vate, os bronzes, e alabastros:
Depois com elle voltarás aos Astros.

XII.

Intrépidos Mortaes; oh quantos Mundos;
Atégora escondidos, e ignorados,
Ireis pizar, affoitos, e jucundos,
Pelos ethéreos Campos azulados!
Náo fraquejeis, Espiritos profundos,
E na pasmosa Máquina elevados,
Ide incensar entre os sydereos lumes
O Congresso immortal dos altos Numes.

XIII.

He pouco para vós o Mar, e a Terra,
Sim, a mais vos conduz o Instinto, a sorte,
Illustrados Varóes, em quanto a Guerra
Rouba, estraga, horroriza o Sul, e o Norte;
Em quanto as negras Furias desencerra
Do tenebroso Inferno a torva Morte,
Vinde á soberba Fundação de Ulysses,
Entre Povo feliz viver felices.

XIV.

Renovai-lhe espectaculos gostosos,
Exulte a curiosa Humanidade
Sobre os Campos de Lysia venturosos,
Vestidos de serena amenidade:
Fugi, fugi aos Climas desditosos
Onde, exposta á voraz ferocidade
De Monstros de ímpia garra, agúda preza,
Estremece, desmaia a Natureza.

XV.

E tu, que da loquaz Maledicencia
Tens açaimado a boca venenosa,
Tu, que de Racionaes, só na apparencia,
Domaste a mente incrédula, e teimosa,
Das fadigas, que exige árdua Sciencia,
Em vivas perennaes o premio gosa,
E admira em teu louvor estranho, e novo
Unida á voz do Sábio a voz do Povo.

De Manoel Maria de Barbosa du Bocage.
Elmano Sadino.

Traducção do Epigramma 14 do Liv. IX. de Marcial.

Este que as mezas tem feito,
E os falernos teu amigo,
Cuidas guardará comtigo
Verdadeiro, e fiel peito?

De ser amigo dá mostras,
Mas resta saber de quem:
Daquillo que sabe bem,
Vinho, saichichões, e ostras.

SONETO

A' morte do Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Sebastião José de Carvalho e Mello, primeiro Marquez do Pombal.

COm os louros cabellos desgrenhados
Pelo chão negras roupas arrastando,
Anda a triste Lisboa suspirando,
Como se os muros seus víra arrazados,

Ao longe retinindo roucos brados
Respondem a seus ais de quando em quando,
E o Tejo na cabeça as mãos fechando,
Chora os dias, que teve affortunados:

Se novamente a terra a bocca abríra,
E engolisse das Cortes a Rainha,
Maior mágoa Lisboa não sentíra;

Pois junto do seu lado já não tinha
Quem de lustrosas gallas a vestíra,
E quem nos fortes hombros a sostinha.

SONETO.

C'O a catana debaixo do capote
Vinha de noite hum bebado marujo
Tomando a rua derrengado, e çujo,
Té que na esquina co' nariz deo bote:

» A mim!... a mim!... irra co' piparote!
Metta mão se he capaz, que eu cá não fujo: »
Trape zape. He bem rijo o tal sabujo!
» Não recua?... traz malha?... traz pelote? »

A pedra dura, ás tezas cutiladas
Ferida, faiscou;... ficou patinho,
O marujo;... fez pé atraz;... e logo

Co' estas se desforrou razões pauzadas:
» He velhaco!... he traidor!... vou-me embaindo,
» Não brigo com quem traz armas de fogo.

Do P. Francisco Manoel do Nascimento.
Filinto Elysio.

SONETO.

ILlustres filhos do feróz Mavórte,
Lusitanos Heroes, á guerra, á guerra,
He tempo de mostrar á Lusa terra
Que não teme o rugir do Leão forte:

Quem sabe triunfar da crua morte
Com pequenas desgraças não se aterra,
A posse de vencer, que em vós se encerra
Louros ha de arrancar das mãos da sorte:

Defender Throno, e Patria he causa justa,
Pugnar pela razão sublime empreza,
Resguardar o que he proprio a ninguem custa.

Oppressores crueis da Natureza,
Que nos vem atacar com guerra injusta
Sacrificai á gloria Portugueza.

SONETO

A' Náo dos Quintos em 1779.

SE a larga prôa trazes alastrada
De prenhes cofres do metal luzente,
Que importa, ó alta Náo, se juntamente
Vens de pranto, e penhoras carregada:

Para ver tanta cara envergonhada,
E pôr no Limoeiro immensa gente,
Para isto sulcaste a grão corrente
Dos ventos, e das vagas açoutada?

Se alegras huma parte da Cidade,
Ergues n'outra a hum sordido Porteiro,
Vendendo trastes velhos por metade:

Traz bens e males teu fatal dinheiro;
Huma alta paz aos homens de verdade,
Hum estupor a cada caloteiro.

De Antonio Lobo de Carvalho.

A' Paz

HYMNO.

I.

O' Paz serena, e candida,
Tu que dos Ceos desceste,
E ao mundo appareceste
Nascendo o Creador;

II.

Tu que os humanos ligas
Em doce laço estreito
Vinculo o mais perfeito,
Que formar póde Amor;

III.

Ah! pôe os claros olhos
Na miseravel Terra,
Que assola a cruel Guerra
Com horrido furor.

IV.

Dissipa as negras nuvens
De fumo, e pranto, e sangue,
Faze que a Europa exangue
Tome novo vigor.

V.

Do Norte ao Meio dia
As máos unáo os Povos,
E em mil Canticos novos
Da Paz sôe o louvor.

VI.

Em Paz cortem-se os mares,
Em Paz sulque-se a Terra,
Fuja de nós a Guerra
Do Averno ao negro horror.

De Corydon Neptunino.

Bilhete de Boas Festas para o Illustrissimo e Excellentissimo Senhor D. João Carlos de Bragança Sousa e Line, Duque de Lafões, etc., em 14 de Abril de 1805.

TAlvez, Senhor, parecerá loucura
Pôr no vosso louvor tanta insistencia,
Quem no Sabio Theatro da Eloquencia
Nem fazer póde ainda a menor figura.

Em váo meu debil Estro, em váo procura
Esgotar os Thesouros da Sciencia,
Quando nem cabe igual correspondencia
Do Tracio canto na maior doçura.

Com tudo, a gratidáo por mim jurada,
Me afugenta o temor, e mo contesta,
Da Gloria abrindo-me a mais doce estrada.

Mas, Ceos! que honroso obsequio ainda me resta,
Dai, de Prazeres mil acompanhada,
Ao meu Heroe a mais gostosa Festa!

De Miliseu Sileno.

A huma formosura séria, e modesta.

SONETO.

AMor, eu tive tal felicidade,
Qual ter não póde humana creatura;
Pois vi de huma belleza a imagem pura
Dar lições de modestia á mocidade.

Vi sizudeza, vi honestidade
Juntar-se na mais rara formosura;
Cousa que o mundo conta por figura,
Se acaso aconteceo na antiga idade.

Eu vi de Aglais os òlhos vencedores
Sobre a terra baixar com ligeireza,
Vibrando raios, e espargindo flores.

Sobresaltou-se toda a natureza;
Mas só as Graças, e os fieis Amores
Fizerão côrte á Divinal belleza.

A huma filha, que morreo ao A. de bexigas.

SONETO.

DA chara filha ao vivo retratando
Me está sempre a saudade o gesto lindo;
Por mais que vou da illusão fugindo,
Sempre me está a imagem figurando.

Aqui me pinta aquelle agrado, quando
Para mim se voltava alegre, e rindo;
Alli os vivos olhos exprimindo,
Me parece que a oiço estar fallando.

Mas (ai de mim) que logo a sombra errada,
Lutando co' a mortal enfermidade,
M'a pinta em monstro enorme transformada.

Oh tormento! oh rigor! oh crueldade!
Se a morte me roubou a filha amada,
Porque me enganas, misera saudade?

A' morte de Fernando Antonio.

SONETO.

DEo o final suspiro aquelle inteiro
Da mocidade então exemplo raro,
Que, inda antes de morrer, ao mundo charo
Sentir fazia o golpe derradeiro.

Chore embore o amigo verdadeiro;
Irmãos, e pais afflictos pranto amaro
Derramem; não me espanto. Só reparo,
Que não sei que me diz o Ceo primeiro.

Não he vida a feliz eternidade?
Quem ha que della o virtuoso prive?
Oh illusão, fatal perplexidade!

Fernando não morrêo. Eu sempre tive,
Que nós he que morrêmos de saudade,
E elle no Ceo eternamente vive.

De M. P. A. R.

MOTE.

Ferve no peito o roedor ciume.

Glosa.

SONETO.

DEpois que Tirce o vergonhoso nome
De meu rival incauta proferio,
Táo grave mal no peito me cahio,
Que as miseras entranhas me consóme.

A clara luz dos olhos se me sóme;
Eu ardo, eu gélo; não, não zombo, ou rio.
Se alguem duvída desta febre, e frio,
Apalpe as minhas mãos, meu pulso tóme.

Sou por fóra de neve; a chamma ardente
Por dentro me devóra. He fogo, he lume.
Quem hum Vesuvio me chamar não mente.

Que mal este será, alguem presume?
Será talvez o mal, que impaciente
Ferve no peito o roedor ciume?

Ao mesmo.

SONETO.

A' Cóva fui das Parcas; era escura.
Do meu ciume ó horror mais a assombrava.
Só hum grande silencio costumava
Romper o vento, que ao redor murmura.

De Atropos fêa a horrivel catadura
Alli com Cloto, e Láchesis estava;
Da minha vida o fio esta enrolava
No grosso fuso, que na máo segura.

Que pertendes? Diz Atropos sevéra.
Eu digo: a morte peço. Amor no cume
Me pôz de hum bem, que eu antes náo quizera.

Amou-me Anarda, e me despreza, oh Nume!
Cada vez que me lembra a traiçáo féra,
Ferve no peito o roedor ciume.

Ao mesmo.

SONETO.

AS settas já provei de amor tyranno,
Senti dos zelos os farpões ervados;
Mas hoje livre de mortaes cuidados
Passo tranquillo o dia, o mez, e o anno.

Inda á tempo surdi do golfo insano,
Em que os mares cruzei encapellados;
Humidos os vestidos pendurados
Lá ficão já no altar do Desengano.

Ferrei da paz o socegado porto,
Guiou-me a elle da verdade o lume,
Em que allivio encontrei, vida, e conforto.

Já hum profano amor me não consume,
Nem Já (Graças ao Ceo) qual tive absorto,
Ferve no peito o roedor ciume.

De M. P. A. R.

A' paz de 1801.

SONETO.

DOis lustros ha que asperrimos destinos,
Assulando a civil Discordia astuta,
O orbe assombrão. Lysia fere, e luta
Com sanhudos Leões, Gallos ferinos.

Ao som de escuros versos Sybillinos
Vôa a dourada paz; e a Furia hirsuta
A boca pára da sulphurea gruta,
Ouvindo os écos dos ingratos Hymnos.

Povos do Pindo, Ah! se já não berra
Horrida boca de metal rotundo,
Creio que finda a sangüinosa guerra.

Só me acompanha o desprazer profundo,
Que durem vossos versos sobre a terra
Menos, que ha de durar a paz no mundo.

De M. P. A. R.

Ao Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Antonio de Araujo de Azevedo.

O D E.

CAntor, que a Olympia arêa
A's estrellas ergueste arrebatado,
E o merito deixaste eternizado,
Que honrou a Palma Elêa;
Quem, senão tu a rápida torrente
Do som, que o Pindo harmonico recrêa,
Soltar devia para a chamma ardente
Do Genio hoje exaltar, quanto o demanda
O Apollineo desejo,
E exalta o Mósa, o Seine, o Newa, o Tejo.

Genio da Lusitania,
(Perto, ou longe da Patria) quando esfria
O honroso fogo, que nas almas cria?
Não teme a Grega insania
De enganos vís, que só a furto investem,
Sinon, que abraza a infeliz Dardania;
Que as falsas roupas, com que o zelo vestem,
Pouco a pouco despindo, ao claro lume
Da pura lealdade
Mostra sem veio a candida verdade.

Feróz por toda a parte,
Qual procellosa nuvem, trovejando
Campos, gentes, e muros assolando
Se volve o Franco Marte.
Já chega de triunfos rodeado
De Mastrich ao soberbo baluarte.
Tremulo o Mósa n'a urna recostado
Ouve das armas o fragor horrendo;
E vê espavorido
Abrir-lhe a porta o Batavo rendido.

Entra pois de repente
No centro dos Estados, que despertão,
Quando os Ministros das Nações desertão:
Só o Genio valente
De Lysia se recolhe poderoso.
Ao coração magnanimo, e prudente
De Araujo Immortal. O pavoroso
Som da victoria impavido não teme
Aquelle, a quem primeiro
Applausos deo o General Guerreiro.

Qual Temistocles forte,
Que inda em Suza da Patria os sãos costumes
Respeita, as santas Leis, os Sacros Numes,
Negra imagem da Morte
Para o fazer traidor em vão porfia;
Em Haia o Luso Genio desta sorte
O Principe, fiel áquem servia,
Ama, escuta da Patria os votos justos,
E cauto lhe prepara
A paz, que foi depois amada, e chara.

Já Decio Lusitano
Ás margens vôa do espumoso Senna,
E por salvar a Patria se condemna.
Que mais fez o Romano?
Da sedição o revoltoso indicio
Forja a cadea do fatal engano,
E quasi apromptа o horrivel sacrificio;
Da Lusitania o Genio em París sôa.
O pezo, que a opprime
Faz com que a palma se erga mais sublime.

A's nuvens se levanta
Do mal, do bem o alado pregoeiro,
Que com cem olhos vê o mundo inteiro,
E por bocas mil canta;
Do Louvre, donde abrindo as azas vôa,
Tão heroico valor, que o mundo espanta,
No dourado clarim acclama, e sôa;
Valor, que já da terra ás quatro partes
Em sonoros accentos
Vôa nas azas dos ligeiros ventos.

Se aquelle, a quem em sorte
Coube affrontar de Antheu a força dura,
Beber o sacro nectar não procura,
Senão depois que a morte
Venceo, vencendo, o bruto do Erimanto,
O Leão de Nemea, a Hydra forte,
Cujas cabeças são de Lerne o espanto;
Inda a morte vencendo o Genio Luso,
Vencer não pôde a inveja,
Antheu mais forte, com que então peleja.

O Monstro vil, e horrendo,
Que na terra não dorme hum só instante,
E enruga sempre o pálido semblante,
Cujo peito roendo
Rijo Abutre infernal o Orbe incita,
E contra a luz os olhos retorcendo
O livido veneno atróz vomita,
Ante o Solio de Jupiter Potente,
O Genio abate, e rude,
Dobrar pertende a sólida virtude.

Por cerros não trilhados
Caminha o Genio só. Não o embaraça
O ardil, que o Monstro estupido lhe traça,
Da queixa afoga os brados.
Soffrido calca com emprego nobre,
Não branda arêa, os montes levantados
Dos crespos gelos, que a Moscowia cobre;
Mas antes que em pessoa á Corte assome
Do Czar poderoso,
Já lá chegado tem seu Nome honroso.

Com sereno semblante
Fabio, raro prodigio da virtude,
As affrontas soffreo da plebe rude.
A' dura Lei constante,
Que a Minucio inexperto em vão o igualla,
Humilde se sugeita. Nesse instante
Obra só Fabio, se Minucio falla;
Minucio livra, e paga generoso
Da Patria a grave injúria
Com a salvar das mãos da fatal Furia.

Vibrando resplendores,
Não menos obra o Genio esclarecido.
De longe inda remove submettido
Os Mavorcios furores
Da terra, em que os Penates seus deixára.
Petropole franquêa a seus louvores
Padrão igual de gloria immensa, e rara.
No Golfo de Finlande o Newa undoso
Por cem bocas semêa
O Nome do Varão, que honra Ulissêa.

A enroscada cabeça
Do Monstro c' um só pé, e outro no Solio
Piza quem já o eleva ao Capitolio
Das honras, e começa
A premear não menos Generoso
O Vassallo fiel (sem que se esqueça
Das Letras, do valor, merito honroso)
JOÃO, Principe Augusto, a quem humilde
A lingoa sibillante
Muda só lambe a Planta Fulminante.

Que dons em ti juntárão
Os Ceos! Quem póde, Antonio, assás louvar-te!
Sem pelejar tu representas Marte.
Quantos melhor tocárão
A Citara sonora, tu venceste.
Ah! quaes no verso a Apollo te igualárão:
Porém que novo Monumento he este,
Que Amor da Patria erige, onde pendura
A longa Eternidade
Altos trofeos de singular piedade!

De Manoel Nicoláo dos Reis de Araujo Ribeiro.

Ao mesmo Illustrissimo e Excellentissimo Senhor.

ODE

A' imitação das de Pindaro, Poeta Grego.

POr mais que, ó Lyra, estude
Fraco Mortal do Ismeno entrar na esféra,
Cega a luz, que a Virtude reverbera.
Benefica Virtude,
Dom raro, tu que brotas fulgor santo,
Porque o fragil terreno assombras tanto?
Armigera Deidade,
Novo audaz Prometheo resurge, e guia
Ao Promontorio, em que alça a fronte o dia;
Que a longa immensidade
Dos aerios espaços encadêa;
Ou da sacra centelha hum raio arranca,
Que rapido fuzile,
E inflamme a terreal inerte idéa.

Melhor na pelle hirsuta
Será, que niveas plumas recamando,
Pelos hombros, e braços transformando
A vã fôrma e corrupta,
Branco Cysne da terra me desprenda;
E qual mistura, que vistosa, e horrenda

Grosso cartaz aperta,
De salitroso pó, á cauda atada
Da fistula ligeira, accelerada,
Porque a zona deserta
Direita rompa, brilhe, estale, e toque;
Do immundo pò acima pelos ares
Zunindo impetuóso
Entre os braços das nuvens me colloque.

Com azas não vulgares
Biforme, illéso então aos Ceos me erguêra,
Té onde vio fundir Dedalea cêra
O Despota dos Mares.
Mas que Sacro furor!.. Maior que o Orbe
Nada a meu Estro na carreira estorve.
Do Bosphoro distante
Embora a praia brame; a Lybia ardente
Arenosas voragens de repente
No refluxo levante;
Travem Rhodano, e Ebro infausta guerra,
Os ultimos Gelonos de arco armados
Dacia, Getulia, e Colchos;
Ave canora já, nada me atterra.

Igual com as estrellas,
Satellite de Apollo, Marte, ou Jove,
Estro immortal immortaes azas move.
Bebendo as luzes bellas
Do Divinal fulgor; quão differente,
Em torno gira a maquina luzente!
Pezado, grave, e leve,
Os corpos já, que abrange o Firmamento,

Vão repartindo o eterno movimento,
Bem como o fogo, e a neve;
Qual desviando do central caminho,
Qual por outra vereda discorrendo
Na Orbita se chega
Ao sitio mais da terra, e mar vizinho.

Eu vejo a Cinosura,
Andromeda, Cepheo, e o Drago horrendo,
E de Oriente o gesto, e o ar tremendo;
Que graça, e formosura!
Cassiopea gentil, que inda vaidosa
Julga ser que as Nereidas mais formosa;
Outro Cysne, que gira,
(Qual placido cantando exhala, e morre)
A Lebre rutilante, que alli corre,
Os Cáes, a Náo, e a Lyra,
E os animaes, que em numero exaltados
De doze estão, como de Phebo intonso
Talhados aposentos,
Com largo cinto de ouro em roda atados.

Que torreão fulgente
De abrilhantada massa, ethereo lume,
Surge da esféra no impinado cume!
De esmeralda luzente
Cem mil columnas o edificio esteião,
E de rubim o Portico rodeião!
Na soberba fachada
Esculpidos em rigido diamante
Troféos avultão de valor prestante!
Sacra, eterna morada,

O Numen, que te occupa em tanta gloria,
Dize, Pallas será, ou Juno, ou Marte,
Ou o Senhor do raio,
Ou filha alguma da immortal memoria?

Se por lei dos Destinos
He consagrada a refulgente móle
Do Cephalico Jove á Sabia prole,
Solon, Eaco, e Minos,
Pesistrato, Licurgo, e Rhadamante
Côrte farão ao Numen. Se diante
Da filha de Saturno
O grande imperio está; porque não chega
Ao Porto do Luzeiro a Armada Grega,
Dido, Juturna, e Turno?
Se de Jupiter he; porque assim falta
Aguia sublime, que veloz adeja,
De Tros o filho amavel,
Que pelos fios de ouro aos Ceos se exalta?

Porém se esta he a Corte
Do Belligero Deos, vem pois, ó raro
Tu de Numancia vencedor preclaro;
E tu, que o nectar forte
Bebes, domando os tres varões ufano,
Quando fechaste o bifronte Jano;
E os que se distinguírão
Dos meus Lusos Heroes por mar e terra,
Quando ao Tridente declarárão guerra,
E fataes reprimírão
O Gangetico orgulho, Castro ardente,
Terrivel Albuquerque, Gama invicto,

Pacheco, Nuno, e Lima
De Jór altiva o vencedor potente...

Mas que estrondo espantoso!...
Na rigida couceira vacilante
Rangendo se abre a porta scintillante!...
No fundo portentoso
Que Deosa vejo em solio collocada
De mil almos Espiritos cercada!...
Numen do Firmamento,
Quem es? Quem esta maquina levanta?
Riqueza, e Arte, e Forma, tudo espanta!...
Profundo acatamento
Mostra a Sacra Phalange. Altos arcanos
Promulga a Deosa. A Natureza toda
Se humilha, e emmudece.
» Celicolas, ouvi; fugi, profanos.

» Quem entre a retumbante,
» E rouca voz, que horrisona quebranta
» Sobre o sangue infeliz victoria canta;
» Que a entranha palpitante
» Do prostrado mortal, que ainda arqueja,
» Com brutal ira retalhar deseja;
» Que dos humanos brados
» Não sente o écco lastimoso, vendo,
» Apathico do horror, o fogo ardendo,
» Levar arrebatados
» Os miseros irmãos; do Pólo summo,
» Qual crepitante raio, que destroça,
» Metade do Universo
» Deixar envolto em turbilhões de fumo;

» Qual na afflicta Cidade,
» Que entre a chamma voraz o terreo assento
» Sacudir via de tremor violento,
» Brutal iniquidade
» De vís salteadores rompe as minas
» De ouro enterrado em lugubres ruinas,
» Assoprando a fogueira,
» Os pálidos cadaveres despindo
» Das rotas vestes, qne horridas tingindo
» Montanhas de poeira,
» De quente sangue immenso, e turvo lago,
» Sacrilegos ao Ceo agradecião
» O tumulto, que augmenta
» Da infeliz Patria o miserando estrago;

» Não são deste Hemisferio
» Moradores, ou Satrapas ditosos;
» Os Deoses, Semideoses fabulosos
» Não honrão meu Imperio.
» Saturno, Pallas, Jupiter, e Jano
» Filhos são de mortal, e cego engano.
» O Alumno verdadeiro
» Do meu Celeste Paço he o que treme,
» E nas desgraças de outrem chora, e geme.
» Aquelle, que primeiro
» Sahe do Dorio Palacio, que o engana,
» E vaga pelos campos consternado,
» Quando vê solitaria
» Sem hum cultor a infima choupana.

» O que as hervas calcando
»Que as ruas cobrem da deserta aldêa,

» Quando vê nas estradas, que rodêa;
» Triste mái soluçando;
» O pai gemendo, o filho magro, e roto
» Demandarem paiz estranho, ignoto;
» Profugos innocentes
» Da doce, e chara Patria, em que nascêrão,
» Quando aos longos gemidos, que já derão,
» Unem vozes dolentes,
» Acorda a humanidade, e pode tanto,
» Que o soccorro acompanha acerbo espasmo,
» Que o coração lhe rasga,
» E as faces banha de amargoso pranto.

» No seio da indigencia
» Quem não toma por vil, e infame injúria
» Ir encontrar o Merito, e penuria,
» Escravos da opulencia,
» E trás elles correr; em doces laços
» Lançar-lhe ao collo enternecidos braços;
» Qual o Questor Romano,
» Que entre as silvestres brenhas explorando
» O tumulo de Archimede, affrontando
» O vil Siciliano
» Roça os espessos matos, e descobre,
» Estrangeiro na terra, a pedra bruta,
» Que o Merito soterra,
» E a Patria assim de infame pejo cobre.

» No Batavo conflicto
» Quem só lastima a Lusitana gente,
» E orgão da Patria ao Vencedor potente
» Repõem o claro grito.

» Assim largar das mãos lhe determina
» O vaso, em que bebia a atroz ruina.
» A gratidão, a inveja
» No pêzo, equilibrando, o beneficio
» Armão em gloria já, em precipicio
» Alternada peleja;
» Nada da Patria ao Bemfeitor espanta.
» Se na prosperidade se corrompe,
» Nos trabalhos se apura
» A virtude, que a terra aos Ceos levanta.

» Qual já nuvem funesta
» Sobre da Gallia a Capital se engrossa;
» Contra o Martyr do Estado se alvoroça
» Da intriga a turba infesta.
» Por bem fazer não teme o varão forte
» Nadar em ondas da terrivel morte.
» Hum raio de esperança
» Scintilla mal, que em torno lhe revôa,
» A' Ursa Boreal submisso vôa.
» Instante não descança;
» Em que rasgando a densa, e escura tréva,
» Que a Discordia por terra, e mar espalha,
» Inda hoje vigilante
» A afortunar a Patria não se atreva.

» Tal o Varão, que o atro
» Vicio detesta, e as bellas artes ama:
» Mas se tanto as acções lhe esmalta a Fama;
» Se universal Theatro
» Forão do Alto saber, que ao longe ensaia,
» Petropole, París, e Hollanda, ou Haia;

» Este Dom glorioso,
» Escripto já em eternal diamante
» Ornando mais de meu poder bastante
» O archivo luminoso,
» O cria Alumno meu, que he por essencia
» Benefico, Immortal. Seu Respeitavel
» Nome o Universo escute:
» He Araujo; e eu Beneficencia. »

Ao som de acorde Hymno,
Que extatico transporta o pensamento
Nitida a porta cerra á Deosa attento
Espirito Divino.
Sonho!.. Onde estou? Onde já fica o mundo
Etherio, Elementar? Onde o rotundo
Globo, que a Sapiencia,
Por si mesma sustenta, e só que eterna
Por leis eternas vivida governa
Divinal Providencia?
Musa, da gratidáo acompanhada
O vôo abate, despe a Cygnea Forma;
Vem já, como aturdida,
Sepultar-te no abysmo do teu nada.

De M. P. A. R.

ODE

A Filinto.

Filinto, ah meu Filinto, jaz enfermo
O teu querido Alfeno, atassalhado
De dous crueis galfarros famulentos,
Que querem devora-lo.
Hum delles frio mais que o gelo alpino,
Aos lassos bófes tão tenaz se afferra,
Que em vão, pelo expellir, lidão e suão
Em convulsos arrancos:
Em quanto o outro, como fragoa ardente,
Com rapidez girando pelas veias,
Me faz passar os dias dormitando,
Em continuas modorras.
Mas de noite, roubando somno aos olhos,
Na fantasia ao vivo me debuxa
Centauros, Geriões, Hydras, Chiméras,
E monstros mil informes.
No meio destes males lastimosos,
Em trajos de viuva encapellada
Tirando arrojo os lugubres vestidos
Entra a melancolia.
Com vagarosos passos se encaminha
Para o leito, a miudo bocejando;
E, cravados em mim os torvos olhos,

Se assenta á cabeceira.
Alli tres vezes, com as mãos de chumbo
Me aperta o coração, depois tres vezes
O macilento rosto me bafeja
Co' a verde-negra bocca
A' medida que em mim lávra o veneno,
Em frias bagas de suór me banho;
Espessas trévas subito me embruscão
A fraca, errante vista.
Foge-me a alegria, as doces Musas
Me fogem de tropel, espavoridas
Da horrenda catadura desta bruxa,
Que entre dentes praguejão.
Corre, corre, Filinto, ao teu Alfeno:
Vem livra-lo do monstro sanguinoso,
Que as entranhas lhe chupa sitibundo,
Qual tenaz sanguisuga.
Não de rigidas malhas revestido,
Ou de cótta de laminas seguras,
Com luzente murrião, escudo, grêvas,
Brandindo a grossa lança.
Não se espanta de ver tanta ferragem,
Quem he do alvergue do furor porteira,
Quem entra a tenda do Tyranno intruso,
Por entre armadas filas.
Mas armado de saes, facécias, chistes,
Na cabeça por elmo hum Alfarache,
Hum Gil Blas por pavêz, ou grão Tacanho,
Por lança hum Dom Quixote.
Nem te esqueça trazer (por mór cautela)
De Ferrabras o balsamo bemdito,
Aquelle, que na *venda* ao pobre Sancho

Fez vomitar as tripas.
Apenas te avistar, vêla-has bramindo
Discorrer rabeando pela sala;
Té que, estourando com fragor horrendo,
Se solte em negro fumo.
Quando estes rudes Versos te escrevia,
Longe de mim vagava a voraz furia...
Ei-la que chega, oh Ceos! sumamos tudo
Antes que deite o luzio.

De Domingos Maximiano Torres.
Alfeno Cynthio.

O Douto Medico.

MAl vem a febre de furor armada,
Lávra dos bota-fogos, no edificio,
Labareda ateada.
Eis corre a Natureza ao prompto officio,
Arca por arca luta co' a aggressora;
E a gente expectadora
Buscando quem desmanche a ágra pendencia
Traz hum cégo, que ornou Medico lauro.
Este o bordão vareja de Epidauro,
De pancadas de cégo faz sciencia;
Se aleija a febre, o enfermo tem saude,
Se a Natureza, aprestem-lhe ataûde.

Do P. Francisco Manoel do Nascimento.
Filinto Elysio.

SONETO

Ao Desembargador Antonio Diniz da Cruz.

QUinze vezes a aurora tem rompido,
E acendi outras tantas a candêa
Desde que prezo estou nesta cadêa,
Soffrendo o que nenhum cá tem soffrido.

De todo trago o estómago perdido,
Cômo frio o jantar, mal quente a cêa;
E este misero ornato que me acêa,
De noite he cama, de manhã vestido.

A hum canto da boca arrumo hum dedo,
Subo os olhos ao tecto, ao chão os mando,
Sem saber o que faço me arremedo.

Comigo mesmo estou filosofando;
Nego os mesmos principios que concedo:
Vê tu, meu bom Diniz, qual louco eu ando.

De Pedro Antonio Corrêa Garção.

SONETO.

RAsga-se em dous, do Templo o véo sagrado:
Tolda-se o ar de trévas espantosas:
A Lua, o Sol com manchas sanguinosas:
O Mar geme na praia espedaçado.

Treme o globo em seus eixos abalado,
E surgem das entranhas revoltosas
Mirrhadas formas, hirtas, pavorosas,
Que o povo pôem transido, e descórado.

O Sol, o Céo, a Terra, e o Mar profundo
Deviáo este pasmo, e horror ingente
Ao que espira na Cruz, Author do Mundo.

Mas se assim nos assusta paciente,
Que será quando venha furibundo
Julgar do Throno a peccadora gente!

Do P. Francisco Manoel do Nascimento.
Filinto Elysio.

SONETO.

IMpavidos Heroes, filhos de Marte,
Britanica Nação, agil, robusta,
A quem o pó sulfureo nunca assusta,
Com quem Neptuno o Reino seu reparte;

Do teu temivel bellico Estandarte
O Heroico arvorar a Gallia assusta,
E do teu Soberano a Mão Augusta
Cruel remorso inspira a Bonaparte.

Ah! vem auxiliar nossas acções
Contra quem torna os povos infelices,
Contra o Monstro voraz das mais Nações.

Então, França, verás, quando tal visses,
Da Inglaterra surgir mil Scipiões,
De cada Portuguez hum novo Ulysses.

A' hida de Bonaparte ao Egypto.

SONETO.

NÃo mettas, temerario, em curva quilha
Pé costumado a triunfar na terra;
No mar ha outro genero de guerra,
Arte sublime, da experiencia filha.

Italo Heroe novos caminhos trilha;
E quando outro Laurel affronta, e serra,
O Pavilhão encontra de Inglaterra,
E a seu aspecto a alta fronte humilha.

Scipião, que a Anibal a furia illude,
Fez no Mediterraneo horrivel lago
De humano sangue, de combate rude:

Mas se a victoria do presente estrago
For pois inseparavel da virtude,
Londres Roma será, Paris Carthago.

Ao intento que dizem tivera Junot de derribar a Estatua Equestre.

SONETO.

DA Casa de Bragança existe em vulto
Na Equestre Estatua hum Rei pio, e clemente,
Avô daquelle Principe Regente,
A quem vinhas fazer barbaro insulto.

O Povo inda lhe rende amante culto,
Inda respeita nelle hum Rei potente,
E o amor protestado ao Neto ausente
Nos nossos corações não vive occulto.

Que importa se destrua o Grande Busto,
Se conservamos na alma outra memoria,
Onde immortal será seu Nome Augusto?

Tu manchas nessa acção da França a historia;
E nós vêmos que sempre de hum Rei Justo
Foi dado o corpo á terra, a Alma á Gloria.

SONETO.

O Grande Usurpador, que o mundo atrôa,
Que o crime faz girar de pólo a pólo,
Não julgue ufano ter seguro o cólo,
Que inda haver póde quem lhe abata a prôa.

Sem armas usurpou a Lusa crôa,
Que já cantárão as Irmãs de Apollo.
Sem pejo, e sem remôrso, e só por dólo
Veio com pés de lá sobre Lisboa.

Ninguem com tantos crimes piza a terra;
E de huns humildes pais sendo oriundo,
Só á santa virtude he que faz guerra.

Das Furias he o seu pensar profundo;
Eis-aqui tudo está, em que se encerra
A grande gloria de quem rouba o mundo.

Ao festejo, que fez Junot em Lisboa pelos annos de Bonaparte.

SONETO de Opio.

DE Soléques, Meliques, Trapalóques,
Sulturios, sulfurantes, sulfurados,
Rotundos, salitrosos, cavornados,
Bum, bum, bum, bum, resôão simbalóques:

Espaventos flammantes, trapiquóques,
Imbelles, infecundos, insolados,
Xenofes, Xenofontes, Xenofados,
Tripudeáo berliques, e berlóques,

Strangurio, scalponio, figurato,
Gerivazio de gimbo, que gambêa
No Zimborio de Boreas, boreato.

Eis-aqui o primor, com que se arrêa
O dia natalicio celebrato
De hum tal Napoleáo em terra alhêa.

O D E.

.... *Te doctus prisca loquentem*
Te matura senex audiat. = Claudian.

Floreça, falle, cante, ouça-se, e viva
A Portugueza lingua.

Ferreira. Carta a Pero Caminha.

IRritado da dôr de ver zombada,
Por insulsos pechótes,
A lingua de Camões sonóra, e pura,
Que nos deo tanto nome;
A frase nobre e tersa, com que a Castro
Derramava seu pranto,
Chorando o fado dos alados Cysnes;
Que do Parnaso as sendas
Nos calcárão com tão gentil despejo;
E com tanta opulencia
De eloquente riqueza nos fizerão
Herdeiros sumptuosos,
Fui sentar-me cuidoso, e magoado
Nas ribeiras do Téjo:
E, a mão na face, descahida a frente,
Lançava ao longe a vista
Pelas aguas do rio caudaloso,
Outr'ora tão cantadas,
Tão famosas na Europa, e no Oriente.

» Quem vos vio n'outras éras
» Tâgides nobres, celebres nos hymnos;
» Levantar triunfantes
» Nas claras ondas o soberbo rosto,
» Entre as do Alpheo, do Mincio;
» Na Italia e Grecia tão gabadas Nynfas?
» Hoje, de deslembradas,
» Não atreveis erguer-vos, pôr os olhos
» Nos Cantores de Elysia....»
Nisto... Sinto hum rumor... Turbão-se as ondas;
Borbulhão, formão cêrcos,
Que vão, huns apôs outros, estendendo-se,
E entre a miuda espuma,
Que alveja pelas lizas verdes tranças,
Diviso o lindo chôro
Das graciosas Nynfas, escoltadas
De Tritões escamosos,
Com a forçada cauda o mar varrendo.
No meio hum soberano
Ancião de branca barba ondeada e longa,
Que branda lhe descia
Pela cerulea toga auri-brilhante.
De Nerêa em Nerêa
Os verde-mares olhos perpassando;
Curva Real acêno
A' mais bella das Nynfas, que responda
A meus vivos queixumes.
Calou-se o vento, e as ondas alizando-se,
Como em luzente espelho
Tritões espadaudos retratárão,
E o Téjo, e suas Nynfas.
Então em mim fitando a clara Dea

O angelico semblante:
» Filinto, com razão, mui justas queixas
» Apaixonado espalhas
» Pelas nossas ribeiras saudosas;
» Depois que a morte crua
» Segou, com foice avara, aquelles grandes
» Esp'ritos excellentes
» Camões sublime, altiloquo Ferreira,
» E quantos a era augusta
» Criou com leite são, clara doutrina,
» Que a Patria acreditárão:
» E Nume tutelar, benigno Phébo,
» De accender não cessava
» Divino fogo nos engenhos Lusos,
» Mostrando-lhes c'roado
» De illustres ramas o desejo de honra,
» Ganhada por bons Versos.
» Este ar, troando ainda c'os furores
» Da bellicosa tuba,
» Que immortal aquecia o Vate ousado
» Quando lançava o brado,
» Que por esse Universo se estendia,
» Mostrando os mares da Asia
» Trilhados das affoitas proas Lusas,
E os feitos memorandos,
» Que inda écco fazem nos auritos montes
» Despertão insoffridos
» Ardentes peitos de Renome eterno
» A treparem com ancia
» Pela scabrosa encosta do alto Pindo,
» E nelle cortar louros.
» Inda ha pouco Garção, Elpino, Alfeno,

» Por Apollo animados,
» E nos nossos regaços instruidos,
» As Lyras recebêrão
» Dos Cantores mais altos do Parnaso,
» E sobre as doutas cordas,
» Já renovárão as Canções Dircêas;
» E as Musas, que corridas
» Da rançosa Academica (1) cohorte,
» Fugírão enojadas,
» Que, de mil semi-vates aprosados
» Escuros, e espinhosos
» Desdenhárão influir os Anagrammas,
» Acrosticos, e Enigmas,
» Ou Góthicos, freiraticos conceitos,
» Já canoras do Pindo
» Vinhão descendo a bafejar os Hymnos
» Dos viçosos Alumnos,
» Nos Gregos prados, nas Latinas veigas
» Mestrados co' a cultura
» Do apurado saber, ferrenho estudo....
» Eis que de negros corvos
» Hum bando iniquo em torno delles grasna
» Invejoso, molesto,
» Moteja a lingoa de aspera e de antiga;
» De sentido enleado;
» Acha bronco o Camões, charro o Ferreira;
» Camões! a nossa gloria!
» Por quem somos só lidas e estudadas
» Nas terras mais remotas!
» Erguem no povo rudo alto ruido

---

(1) As Academias dos Singulares, dos Occultos, etc. etc.

» Contra os novos Orfeos,
» E assim como as Bistonides raivosas
» O canto lhe affogárão,
» Quando no Hébro a dulcisona cabeça
» Arrojárão dementes;
» Taes contra os meus Alumnos, essas Gralhas
» Os gritos desentoão.
» Dellas te queixa, nellas céva as iras;
» Que as flexas do ridiculo
» Horacio e Juvenal te affião promptas:
» Que não temas as Nynfas
» Mais armas que as do Verso acicalado
» Que rasga o amago da alma.
» Não somos Jove atirador de raios
» Nem Phebo architenente
» Que contra esses, que a pura veia turvão
» Da Pegasea Agannippe,
» E as estradas do Pindo o passo impedem
» Aos mimosos das Musas,
» Disparemos bombardas. Mas tu pódes,
» Novo Boileau severo,
» Cortar por Scuderis, Cottins, La Serres,
» Descozer seus escriptos,
» Ou novo Lobo, de engraçado pico
» Pô-los tão despreziveis,
» Que nem os olhos levantar se atrevão
» Para os que os sons melliflùos
» Anciosos bebem na agua do Parnaso,
» Alta esperança Lusa! »

Do P. Francisco Manoel do Nascimento.
Filinto Elysio.

Ao Nascimento de D. José Thomas de Menezes, filho de D. Rodrigo José de Menezes, Governador de Minas Geraes.

OITAVAS.

I.

BArbaros filhos destas brenhas duras,
Nunca mais recordeis os males vossos,
Revolváo-se no horror das sepulturas
Dos primeiros Avôs os frios ossos;
Qu' os Heroes das mais altas cataduras
Principiáo a ser Patricios nossos,
E o vosso sangue, que esta terra ensopa,
Já produz fructos do melhor da Europa.

II.

Bem que venha a semente á terra estranha,
Quando produz, com igual força gera;
Nem o forte Leáo fóra de Hespanha
A fereza nos filhos degenera:
O que o Estio n' humas terras ganha,
Em outras vence a fresca Primavera,
E a raça dos Heroes da mesma sorte
Produz no Sul o que produz no Norte.

III.

Ramulo por ventura foi Romano?
E Roma a quem deveo tanta grandeza?
Não era o Grande Henrique Lusitano?
Quem deo principio á gloria Portugueza?
Que importa que José Americano
Traga a honra, a virtude, e a fortaleza
De altos, e antigos Troncos Portuguezes,
Se he Patricio este Ramo dos Menezes.

IV.

Quando algum dia permittir o Fado,
Que elle o mando Real moderar venha,
E que o bastão do Pai com gloria herdado
Do pulso invicto pendurado tenha;
Qual esperais que seja o seu agrado?
Vós exp'rimentareis como s'empenha
Em louvor estas serras, estes ares,
E venerar gostoso os Patrios lares.

V.

Isto que Europa Barbaria chama
Do seio das delicias tão diverso,
Quão differente he para quem ama
Os ternos laços de seu patrio berso!
O Pastor loiro, que o meu peito inflamma,
Dará novos alentos ao meu Verso,
Para mostrar do nosso Heroe na bocca,
Como em grandezas tanto horror se troca.

VI.

Aquellas serras na apparencia feias
Dirá José oh! quanto são formosas!
Ellas conservão nas occultas veias
A força das Potencias Magestosas:
Tem as ricas entranhas todas cheias
De prata, oiro, e pedras preciosas:
Aquellas brutas, e escalvadas serras
Fazem as pazes, dão calor ás guerras.

VII.

Aquelles matos negros e fechados,
Que occupão quasi a Região dos ares,
São os que em edificios respeitados
Repartem raios pelos crespos mares:
Os Corintios Palacios levantados,
Dos ricos Templos Jonicos Altares,
São obras feitas desses lenhos duros,
Filhos desses sertões feios, e escuros.

VIII.

A c'rôa de oiro, que na testa brilha,
E o sceptro que empunha na mão justa
Do Augusto José a Heroica Filha
Nossa Rainha Soberana Augusta;
E Lisboa da Europa maravilha,
Cuja riqueza todo o mundo assusta,
Estas terras a farão respeitada,
Barbara terra, mas abençoada.

IX.

Estes homens de varios accidentes
Pardos, e pretos, tintos, e tostados
São os escravos duros, e valentes
Aos penosos trabalhos costumados:
Elles mudão aos rios as correntes,
Rasgão as serras, tendo sempre armados
Da pezada alavanca, e duro malho
Os fortes braços feitos ao trabalho.

X.

Por ventura, Senhores, pôde tanto
O Grande Heroe, que a antiguidade aclama?
Porque aterrou a féra de Hirimanto,
Venceo a Hydra com o ferro e chamma?
Ou esse a quem da tuba Grega o canto
Fez digno de immortal, e eterna fama?
Ou ainda o Macedonico guerreiro,
Que soube subjugar o mundo inteiro?

XI.

Eu só pondero que essa força armada
Debaixo de acertados movimentos,
Foi sempre huma com outra disputada
Com fins correspondentes aos intentos:
Isto que tem co' a força disparada
Contra todo o poder dos Elementos?
Que bate a fórma da terreste esféra,
A pezar d' huma vida a mais austera.

XII.

Se o justo, e util póde tão sómente
Ser o acertado fim das acções nossas;
Quaes s'empregão, dizei, mais dignamente,
As forças destes, ou as forças vossas?
Mandão a destruir a humana gente
Terriveis Legiões, Armadas grossas;
Procurar o metal, que acode a tudo,
He destes homens o cançado estudo.

XIII.

São dignos de attenção... hia dizendo,
A tempo que chegava o Velho honrado,
Que o povo reverente vem benzendo
Do Grande Pedro co' o poder sagrado,
E já o nosso Heroe nos braços tendo
O breve instante, em que ficou calado,
De amor em ternas lagrimas desfeito
Estas vozes tirou do amante peito.

XIV.

Filho, que assim te chamo, Filho amado,
Bem que hum Tronco Real teu berso enlaça,
Porque fostes por mim regenerado
Nas puras fontes da primeira graça,
Deves o nascimento ao Pai honrado,
Mas eu de Christo te alistei na praça;
E estas mãos por favor de hum Deos Eterno
Te restaurarão do poder do Inferno.

XV.

Amado Filho meu, torna a meus braços,
Permitta o Ceo, que a governar prosigas,
Seguindo sempre de teu Pai os passos,
Honrando as suas paternaes fadigas;
Não recêes que encontres embaraços,
Aonde quer que o teu destino sigas,
Que elle pizou por todas estas terras
Matos, Rios, Sertões, Morros, e Serras.

XVI.

Valoroso, incançavel, diligente,
No Serviço Real promoveo tudo,
Já nos Paizes do Puri valente,
Já nos Bosques do bruto Buticudo:
Sentírão todos sua mão prudente
Sempre debaixo de acertado estudo;
E quantos vírão seu sereno rosto,
Lhe obedecêrão por amor, por gosto.

XVII.

Assim confio; o teu destino seja
Servindo a Patria, e augmentando o Estado,
Zelando a honra da Romana Igreja,
Exemplo illustre de teus Pais herdado.
Permitta o Ceo, que felizmente veja,
Quando espero de ti desempenhado;
Assim contente acabarei meus dias,
Tu honrarás as minhas cinzas frias.

XVIII.

Acabou de fallar o honrado Velho;
Com lagrimas as vozes misturando,
Ouvio o nosso Heroe o seu conselho:
Novos projectos sobre os seus formando,
Propagar as Doutrinas do Evangelho,
Ir os Patricios seus civilizando,
Augmentar os thesouros dn Reinante,
Sáo seus desvelos desde aquelle instante.

XIX.

Feliz Governo, queira o Ceo sagrado
Que eu chegue a ver esse ditoso dia,
Em que nos torne o seculo doirado
Os tempos de Rodrigo, e de Maria;
Seculo que será sempre lembrado
Nos instantes de gosto, e de alegria,
Até os tempos, que o destino encerra
De governar José a patria terra.

De Ignacio José de Alvarenga.

Ao Principe Regente Nosso Senhor.

O D E.

Concines majore poeta plectro
PRINCIPEM , ...
. . . .
Quo nihil majus , meliusve terris
Fata donavêre , bonique Divi ,
Nec dabunt , quamvis redeant in aurum
Tempora priscum.
Horat. Ode II. Lib. IV.

I.

DItoso Portugal , taes Maravilhas
Do Nosso Augusto o Universo espantão,
Que hoje as candidas filhas
Da longa Eternidade a voz levantão
Para cantar cada huma ,
Tito não só , mas o prudente Numa ,
Que por Celeste Aviso , e Gloria rara
Salvando vai do horror a Patria cara.

II.

Em quanto a vil discordia , rebentando
Do Tartaro cruel , assombra a terra ;
E os animos turbando
Declara ímpia , sanguinosa guerra ;
Em quanto furioso
O Batavo sacode o jugo honroso ,
Já quando o Belga , que o veneno estrêa ,
Sente os apertos da subtil cadêa ;

III.

Em quanto pelos Alpes discorrendo
A delirante Esphinge disfarçada
Vai Cidades rompendo,
Sempre encubrindo a lúgubre cilada,
Sobre Ausonia derrama
O veneno mortal, e a viva chamma,
Abraza a região, que vagaroso
Em roda lava o Mincio temeroso;

IV.

E logo pelo Lacio despedindo
A esfaimada serpe o Tibre enlêa,
E Tusculo ferindo,
Revolve do Tyrreno ao longe a arêa;
Parténope querida
Vomita sangue da mortal ferida,
E como vil escrava, fica preza
No proprio charco a lúbrica Veneza.

V.

O Allobrogo, que em vão recêa, e teme
A fatal illusão, se ergue bramindo;
Em vão Helvecia geme;
Já os Grizões belligeros cahindo
Sobre o Monstro retalhão
As assanhadas viboras; trabalhão
Todos sem tino; e o Monstro desta sorte
Foge, e semêa a confusão, e a morte;

VI.

E em quanto o negro halito respira,
E abrindo hum pouco mais as azas vôa,
Onde em meio o mar gyra,
E por gargantas sete o Nilo sôa;
Dos Nabatheos correndo
Faz o Arabe vir em furia ardendo,
E lá na Tracia o Bosphoro inquieta,
Rompendo o ar a venenosa setta;

VII.

E quando contra o Monstro valerosa
Mil baixeis pelo mar Britania espalha,
E a gente bellicosa
Da Moravia o undoso Rhin coalha,
E o Moscovita irado
Passa o Danubio ainda congelado,
E corre o Scita da região mais fria
A quebrantar-lhe a tumida ousadia;

VIII.

Magnanimo João, da Lusitania
O Pai, qual Tito foi, qual foi Trajano,
Livre da féra insania
Em paz rege o seu Povo. Soberano
Qual do rico Oriente,
Dos barbaros espanto no Occidente,
Posto no Solio cá no fim da terra
Sustenta a paz, porém não teme a guerra.

IX.

Por isso, Grão Senhor, e Gloria Nossa,
Não tem a lealdade Portugueza
Digno louvor, que possa
Tributar-vos em toda a redondeza.
Devia o Luso attento
Erigir-vos perpétuo monumento,
Onde lesse a feliz posteridade
O vosso nome com igual saudade.

X.

Porém antes que em marmore se atreva
Dar-vos louvor, que o tempo gasta, e come,
A Gratidão escreva
Em nossos corações o vosso Nome;
Assim rapido vôe,
Ame-se, espante onde quer que sôe,
Fira novas estrellas, com profundo
Acatamento se oiça em todo o mundo.

XI.

Vós, que fostes, Senhor, por Deos só dado
Para felicitar a Lusa gente,
De santa força armado,
Pondo os olhos no Ceo resplandecente,
Vereis sem ter perigo
Derribado por terra o inimigo,
Se algum ha, que atrever-se ainda possa
Tentar a força, e lealdade nossa.

XII.

O Santo Pai, aquelle Avô Potente,
Que subjugou a féra hypocrisia,
Da morada luzente
O vosso braço guião todo o dia.
Para atalhar o estrago,
Que ao longe faz o sibilante drago,
C'um vivo raio de huma luz mais rara
A vereda melhor vos mostrão clara.

XIII.

Que se imprima (sem temor) constante
O Marcial valor: de lá vos gritão;
De lá vos põe diante
Outros novos troféos, que mais incitão
Toda a gloria, e virtude,
Sem que do tempo a mão os gaste, ou mude;
Troféos, que só pendura nesta idade
No Templo da Memoria a Humanidade.

XIV.

Os honrosos trabalhos de alta gloria
Quasi imprudente esforço em trévas lança;
Escurece a memoria
Quem só na força põe toda a esperança;
Mas força dos Ceos dada,
De concelho, e razão acompanhada,
Ajuda o Ceo; e a simples fortaleza
Despreza irado, e torna em vil fraqueza.

XV.

Já soberbos mortaes o Ceo tentárão
Vencer. Mais espantosos, do que d' antes
Huns montes levantárão
Sobre outros montes parciaes gigantes;
Mas virão de repente
Desde o Olympo estalar a chamma ardente,
E que os montes, que intrepidos subião,
Abrindo a voraz boca, os engolião.

XVI.

Do feroz Leopardo a bruta sanha,
A do Leão, do Tigre mosqueado
Vence mais arte, e manha,
Do que hum braço de ferro tresdobrado.
A Marte valoroso
Nem sempre o seu valor o fez ditoso;
Nem a força tambem, animo, e gloria
Lhe derão sempre a Divinal victoria.

XVII.

Razão, filha do Ceo, que he por essencia,
Concede ao mortal só arma robusta,
Serve o homem á prudencia,
Ao corpo os membros. Só a razão justa
O Heróe immortaliza;
Só aos pés da traição o Monstro piza;
E toda a empreza, que a razão conhece,
O Ceo, a terra, o mar a favorece.

XVIII.

Do Luso Throno sábia companheira,
Só a Razão, Senhor, a Lei nos dicta:
Amor, Justiça inteira
Por vossa mão o Ceo nos facilita.
Hum Throno collocado
Sobre tão firme pedra inalterado
Não só sempre será, mas deste modo
Póde dictar as Leis ao mundo todo.

XIX.

Curvada, pois, a Lusa Monarquia
Vos respeita, Senhor; seu Pai vos chama;
Com vozes de alegria
O seu Principe louva, que mais ama.
Por toda a parte a gente
Dos vossos olhos sempre está pendente;
Pois onde quer que vais, ou indo, ou vindo;
Nossas almas fiéis vos vão seguindo.

XX.

Amor faz o bom Principe querido,
Não medo, em que o escravo humilde geme.
Aquelle que he temido
De muitos, logo delles foge, e teme.
Assim a honra, e gloria
Que aos passados Heróes para memoria
Damos, Senhor; em vós só ha motivo
De vo-las dar ainda em quanto vivo.

XXI.

Que esses grandes Heróes da antiguidade
Que Póvos mil por seu amor vencêrão,
Que em Justiça, e Piedade
Sempre co' as Leis, e as armas defendêrão,
Talvez com grande espanto
Verter chegárão amargoso pranto,
Por em vida não ver por hum momento
Premeado o Real merecimento.

XXII.

Os Scipiões, os Fabios, que prudentes
Nas Punicas acções se assignalárão,
Os Julios, que valentes
Da Galia antiga os barbaros domárão,
Só depois das façanhas,
Que celebrárão as Nações estranhas,
Merecêrão entrar em cinza fria
Nos Templos vãos da vã idolatria.

XXIII.

O por doze trabalhos conhecido,
De homens, de féras o terror, o espanto,
Que com valor subido
Venceo a Hydra, e o Porco do Erymanto,
Vio, que só desta sorte
A inveja se vence com a morte;
Pois só foi, quando encheo da vida o fado,
No número dos Deoses collocado.

XXIV.

Só Vós, Senhor, já alcançaste em vida,
Qual nunca Heróe em vida mereceo;
Já fama esclarecida,
Já honra, e gloria em vida o Ceo vos deo;
O Vosso Nome corre
Desde onde o dia nasce até que morre;
Já he Grande, e Famoso nesta idade,
Como o poderá ser na Eternidade.

XXV.

Vivei, Senhor, Feliz, vivei Ditoso,
A par da Serenissima Consorte;
O Dia Luminoso
De ambos respeito a furibunda Morte.
Desça do Ceo brilhante
Ao longe a Paz neste feliz instante;
Ou sejão novos Sceptros sem detença
Da Vossa Gloria a illustre recompensa.

XXVI.

De João, e Carlota o Nome Augusto,
Escrito mais, que em rígido diamante,
Seja o eterno Busto,
Que o Povo grave no animo constante;
Ter-lhe amor verdadeiro...
Esta seja a Estatua, este o Letreiro
Com que eternize na futura historia
Dos Pais, dos Filhos a Real Memoria.

HYMNO A BACCHO.

. . . . *Dulce periculum est,*
O Lenæ, sequi Deum
Cingentem viridi tempora pampino.
Horat. lib. 3. Od. 25.

I.

VEm, vem, potente Baccho,
Vem domador das Indias invencivel,
Que os mosqueados,
Rabidos tigres
Reges sob'rano
C'um açoite de vides dobradiças;
Que a desdenhada crôa da Princeza
(Antes que estrellas fosse)
Com corymbos, com pampanos ornaste.

II.

Tu, grande Rei, governas
Os Reinos da alegria, e do deleite,
Nossos humores
Rapidos, lentos,
Punges, refreas.
Tu animas as danças, os festejos,
E ameigas no teu collo as lindas graças,
Que o riso airoso negão
Aos impios, que os altares teus não bejão.

III.

Cahe aos teus pés rasgado
A teu aceno o sello do segredo,
Francas as portas
Tens dos Ministros,
Dos Reis cuidosos
Se entrar em seus defezos Paços dignas;
Tu, se c'o a recendente, invicta dextra
O coração lhe espremes,
Pela boca espirrar-lhe o arcano fazes.

IV.

Com branda, amiga força
Despedes das contentes companhias
Rancor pezado,
Secco silencio,
Grave etiqueta;
Tinges de meiga côr nossos costumes,
E a fronte do sizudo desencrespas.
Por ti ri a virtude
Ao amor, e a seus brincos buliçosos.

V.

Vem, Baccho, de mãos dadas
C'o a molle ociosidade voluptuosa;
Vimineos cestos
De almas botelhas
Satyros leves
Dos hombros fulos ante mim deponhão;
Aqui vazem rubi, aqui topazio
De trasbordada escuma,
Aqui vindo o sedento seio alaguem.

VI.

Oh Nyctileu valente,

Só de entoar na lyra os teus louvores,
Não sei que flamma
Nivida, fulgida
Serpêa e corre
A assettear c'os petulantes raios
As costas encurvadas dos pezares...
Eis que trepa... eis que sobe
A casa da razão, e ma allumia.

VII.

Novo discernimento
Com novo radio estrema idéas novas.
Cruzão em bandos
Gentis conceitos,
Louçãos, garridos.
Nova série de acções de Heroes corados
Passão mostra no espelho do futuro:
Outro povo, outros tempos
Se me offrecem, me esperão, me convidão:

VIII.

Que furor me arrebata!
Que novos Ceos descubro, novos mundos!
Tudo são vinhas!
Tudo parreiras...
Hum mar vermelho
Se estende, e ondeia, crespo de navios,
Sem flammulas, sem vélas... Não são dórnas;
São frotas, são armadas
De undivagos toneis conquistadores.

IX.

Cá descem das montanhas
Despenhadas correntes auri-dulces
Do Carcavéllos,

Do bom Setubal,
Que aquece o seio,
Que ameiga, que aviventa a alma dos velhos:
Aqui dormentes sombras prazenteiras
Se debrução das parras
Sobre alastradas moitas de Bacchantes.

X.

Como ronca o Sileno
Entre vazios potes do cheiroso
Nectar sadio!
Pelos bigódes
A crespa escuma
Lhe ondeia ao som do fólego cantante.
Arrepiados, stridulos adufes
Alli jazem cançados
C' os pampinosos vingadores thyrsos.

XI.

Sobre esteios nodosos
Repousa, e estende os racimosos braços
A alegre vide.
C' o inchado bojo
Regala a vista
O bago accezo; guapo as máos convida
Entre as viçosas folhas reluzindo.
Que de enfeitados templos!
De devotos, que o bom Evan consola!

XII.

Destemido me assento
Ante esta ára divina, e rubicunda...
Como apressados
Mil Sacerdotes
De pés fendidos,

Carregados de victimas undosas
Vem ornar-me este altar! Ponde no meio
A grande, a das quatro azas,
E ma adornai com bastiões de frascos.

XIII.

Pela micante borda
Desta bojuda taça espanca-enfados
Saltão prazeres...
Vê como pulão,
Vê como estoirão
C'os pés brincões as apinhadas bolhas!
E no meio do lago, que derrama,
Olha nadando as Nynfas,
As Nynfas da alegria galhofeira.

XIV.

Olha, atravéz das ondas
Que talhão c'o alvo peito, lá no fundo
Baccho risonho,
Mui recostado
N'um throno de hera,
Que me acena c'o thyrso folheado.
Eu vou, eu vou, Lennèo irresistivel.
Nos palacios do seio
Meu hospede serás... Entra de golpe.

XV.

Oh como hum Deos he grande!
Onde quer que aposenta, occupa tudo.
Os quartos da alma,
Os da memoria,
Té qui tão cheios
De mordazes tristezas, de infortunios,
Tudo desalojou, tudo acha estreito

Para a pousada sua
Baccho embebeo-me todo, e eu sou hum Baccho.

XVI.

Em fogosos Etontes
Nos leva a repelões Apollo o dia;
Como huns instantes
As horas vêem;
Tacita a lua
No carro argenteo acolha o fugaz tempo.
Que eu transbordando Baccho, zombo, e rio
Do seu bater das azas,
E lhe dou vaias c'o tinir dos copos.

XVII.

Vaias lhe dou sonoras,
Quando cheio de ti, por ti Poeta,
Nos bordões grossos
Da cara Lyra
Dou quatro golpes,
Com que este ar todo freme, atroa, estruge,
E vai pelas cavernas ribombando,
Té que acorda a Marfisa,
Que do folguedo de honte inda hoje dorme.

XVIII.

Onde foste esconder-te,
Deslavado Dorindo, que os mysterios
Do augusto Bromio
Celebrar hoje
Foges esquivo!
Vem beber côres, vem beber saude
Nas sacras taças deste altar perenne:
Affoga-me esses filtros
Com que Esculapio te danou o peito.

XIX.

Tu por acaso julgas
Que huma agua sem sabor, sem côr, sem força,
Não froxas veias
Pinte, apressure
Palido sangue?
Encha de ardor o coração ensosso,
E discretas faiscas mande á testa,
D'onde alegria aos olhos
Nos desça, e desça á bocca o dito agudo.

XX.

Só foi dado a Lyeo
Povoar de altas idéas o juizo.
No verde Pindo
O douto Horacio
Nunca vio Nynfas,
Sem que a mente primeiro confortasse
Com sangue de bacello. Dalli versos
De atrevida harmonia,
Dalli prazer lhe vinha, vinha força.

XXI.

Cheio de ousado brio,
Que esta crôa me dá de louro e de hera,
Aqui a guardo,
E os desafio
C'o copo em punho,
Os duros valentões famigerados
Da viçosa Chamusca, ou Lavradio:
Não ha hi desalmado,
Gigante, encantador, que eu não arroste.

XXII.

Accende em roda os fachos

De resinoso, crepitante pinho:
——Entre mil lumes
Trémulos, rutilos
Bebo esta grande
Taça ao grande Evio, estoutra a ti, Marfisa,
Que auricrinante chegas opportuna....
Ai como os campos dançáo!
Dança a meza!... Dobrados vejo os frascos!

Do P. Francisco Manoel do Nascimento.
Filinto Elysio.

ODE IV. DE HORACIO

Do Livro I. *Solvitur acris hyems.*

ACaba-se o inverno rigoroso,
Cedendo á primavera, e ao favonio;
As maquinas navaes ás seccas quilhas
Arrastão já.
O gado já não gosta dos curraes,
O lavrador ao fogo não se chega,
Nos verdes prados já se não observa
Branca geada.
Já a Deosa de Cythéra guia os coros,
Alegres coros ao sahir da lua;
Com as Nynfas formosas misturadas
Graças gentis,
C'os alternados pés á terra batem,
Em quanto o coxo Deos Vulcano ardente,
Nas negras officinas dos Cyclopes
O fogo accende.
Gosta-se agora da cabeça ornada
Cingir com verde murta entre os banquetes,
Ou com aquellas flores que produzem,
As soltas terras.
Tambem agora nos sombrios bosques
Se vai sacrificar com alegria,

A tenra cordeirinha a Fauno, ou antes
Gordo cabrito.
A macilenta morte póe por terra
O palacio do Rei, e igualmente
A cabana do pobre. O' feliz Sesto,
A vida breve
Náo nos deixa cumprir longas esperanças,
A tenebrosa noite vai cubrir-te,
Os manes fabulosos váo cercar-te,
Vás habitar
As vasias moradas de Plutáo;
Nas quaes náo tornarás tu, tendo entrado,
A sortear com dados os alegres
Reinos do vinho.

ERICIA, OU A VESTAL,

TRAGEDIA.

ACTORES.

VETURIA *Primeira Sacerdotiza de Vesta.*
ERICIA *Vestal.*
EMILIA *Donzella, que aspira ao culto de Vesta.*
AURELIO *Grão Sacerdote.*
ABRANIO *Patricio Romano.*

Vestaes, Sacerdotes, Povo Romano, Soldados.

A Scena he em Roma no Templo de Vesta.

ACTO I.

O Theatro representa o Templo de Vesta. O fogo sagrado está acceso no Altar. He noite, e só este fogo allumia o Templo. As Vestaes estão prostradas.

SCENA I.

Veturia encostada com huma das mãos sobre o Altar.

Vet. O' Deosa protectora dos Romanos,
O' Vesta Sacrosanta, Augusta Virgem,
Sê favoravel sempre a quem te adora;

O Sacro fogo em tuas Aras brilhe.
Em quanto o vencedor d'altiva Hespanha;
Em quanto Scipião de Roma as Aguias
Conduz ás Torres da feroz Carthago,
Dobra a cerviz do indomito Africano,
Tu volve para nós benignos olhos,
Conserva a paz, e a gloria em nossos muros;
Ouve a tua fiel Sacerdotiza,
Que t' incensa, t' invoca, e deste Povo
Preces, votos, depõem nos teus Altares. (1)
Vós, ó filhas do Ceo, Donzellas Santas,
Vós, cujos corações purificados
A' virtude, ao dever se consagrárão,
E a quem neste feliz, quieto asylo
Hum destino suave os Ceos concedem;
Longe das cegas illusões do Mundo,
Dai, dai graças a Vesta; os seus favores
Deprecai, merecei: nos cultos della
Só devem consistir vossos cuidados,
Desejos, pensamentos, gloria, tudo. (2)
As sombras vem cahindo, e quando a Aurora
Desfizer a nocturna escuridade,
Veremos outra vez o dia illustre,
Em que o melhor dos Reis, o sabio Numa;
De Vesta submetteo ao grande auspicio
Seu Throno inda recente, e neste dia
A Deidade immortal de nós espera
Almas submissas, corações libertos

---

(1) Para as Vestaes que se erguem.
(2) Ericia suspira.

Das viz torrentes da fraqueza humana (1)
Para a santa, annual festividade
A lembrança dos votos vos disponha;
Nada os póde annullar. Pensai, ó Virgens (2)
No terrivel sepulchro destinado
Para a torpe Vestal, que escandalosa
Da Deosa macular a Estancia Augusta;
Pensai, pensai q' em vós he crime hum erro,
Que Vesta lê nas almas; que seus olhos
Sempre estão fitos neste immenso espaço,
E, mais que em tudo, em nós; que não conhecem
Nem tempos, nem limites, nem distancias,
Q' abarcando o Universo elles penetrão
Com prompta, com igual facilidade
A densa terra, os ares transparentes.
Recolhei-vos. E tu, que pela sorte (3)
Hoje para velar foste escolhida,
Conserva este deposito sagrado;
Vê que nestes altares venerandos (4)
A Deosa te escutou solemnes votos;
Hum queixume, hum só ai póde aggrava-la;
Treme, adora-lhe as leis; sê digna della.

(1) Ericia se perturba.
(2) Novos signaes de perturbação em Ericia.
(3) Vão-se as Vestaes menos Ericia.
(4) Apontando para o lume sagrado.

SCENA II.

Ericia só olhando para Veturia, que se vai.

Eri. ASsim da minha dor se compadecem!...
O Ceo devia ouvir pezados votos,
Votos que o coração desaprovava!...
Hum inflexivel Pai me trouxe, ó Deosa,
Victima involuntaria aos teus altares;
Tu o sabes; indigna de servir-te,
Podia submetter-me a teus preceitos;
E dar-te hum coração que já não tinha?
Afranio mo roubou, inda o possue,
Inda a memoria do meu doce amante
Me persegue a teus pés, ó Divindade.
Aqui mesmo suspiro, ardo por elle...
Saberá de meu mal! terá noticia
Das lagrimas, que dou á sua ausencia!...
Chorará como eu choro!... Amar-me-ha inda?
Ah dúvida cruel, tu me envenenas...
Deosa! Deosa! Eu t'offendo, eu te profano;
Mas hum lústro (ai de mim) soltar não pôde
De suave attracção meu pensamento;
Nelle reina, triunfa a grata imagem
De meus benignos amorosos dias.
Suffoca para sempre, extingue, ó Deosa,
Este fogo invencivel, que m'abraza;
Arranca-me do peito o mavioso
Coração infeliz, e atribulado,
Que nasceo para amar, e amar não deve.

SCENA III.

Ericia, e Emilia.

Emi. O Zelo a ti me guia, eu te supplico
Me permittas velar comtigo a noite,
Em que t' he confiado o Sacro lume;
Cedo ao culto de Vesta hei de obrigar-me;
Tão doce expectação quanto me he grata!
De ti venho aprender como se deve
Servir a Divindade.
Eri. . . . . . Ah desgraçada! (1)
Emi. Digna-te pois . . . .
Eri. Emilia, ainda es livre . . . .
Assim como a seduzem já tentárão
Seduzir-me, encantar-me ao jugo acerbo.
Eu fugia, eu me oppunha! . . . Ella s' entrega! . . .
N' hum abysmo de males, de tormentos
A querem despenhar. E o zelo he isto! . . .
Ah, tua alma innocente, ingenua, pura
Tem medido, ai de mim, tem ponderado
Toda a longa extenção destes deveres,
A que intenta cingir-se? . . .
Emi. A paz, e a gloria
Venho aqui merecer, gozar comtigo;
De Vesta os beneficios, a clemencia
Tua felicidade . . ., Ericia choras? . . .
Eri. Que beneficios!

---

(1) Olhando com ternura.

Emi. Ceos! quanto me assombrão
As lagrimas que vejo! .. Angustia .. Pranto
Neste sacro lugar! .. Não, tudo, tudo
Aqui me lisongea, aqui m'offrece
A face da ventura.
Eri. . . . . Ah! como a enganão!
Eu devo ao pé do abysmo allumiar-lhe;
Mal póde a compaixão ser hum delicto!
Fascinárão-te, Emilia, ouve a amizade.
Choro os teus Fados... A innocencia tua;
De ti, dessa illusão sinto a piedade,
Que de mim não sentírão! .. Mais sincera,
Mais justa devo ser... Buscas, ó filha,
Buscas nestes Altares a ventura...
Sabe que não existe onde a presumes.
Emi. Ceos!
Eri. . . . Desesperação, pavor, tristeza,
Mais terriveis q'a morte aqui residem;
As almas carregadas, opprimidas
C'o pezo do dever, aqui desmaião;
Eterno Abutre d' implacavel fome
Aqui mirradas Victimas devora;
Aqui surgir do peito os ais não ousão,
Medroso ao coração recua o pranto;
Té a mesma virtude, em toda a parte
Tão doce, tão pacifica, mudando
De natureza aqui nos atormenta,
Nos faz desesperar, morrer mil vezes.
Emi. Que! Padece-se aqui! sinto a minha alma
Confusa de t'ouvir, não convencida....
Ah quererás talvez exprimentar-me!...
Perdoa, Roma crê que sois ditosa,

Q' a Deosa com tranquillos puros gostos
Prospéra, aformosêa os vossos dias.
Eri. Roma não vê, não sabe o que soffremos,
A desesperação q' em nós fermenta;
Roma de longe nos applaude... e os ferros
Nos pezão mais, e mais, de dia em dia.
Estas grossas muralhas vedão, sommem
A seus olhos o horror que nos abrange.
Tu ainda és feliz, ainda ignoras
A que tribulações, a que desastres
O humano coração nasceo propenso.
Emi. Encontrão as q' incensão seus Altares
Amargosa oppressão nas leis de Vesta?
Do mundo que deixárão tem saudades!
Eri. Dá-me credito Emilia... Oh quantas, quantas,
Como tu, conduzidas pelo zelo
Aos Altares de Vesta, e retratando
(Mas já tarde) os seus votos indiscretos
N' hum silencio tyranno a dor enfrêão!
Algumas ha (mais dignas de carpir-se)
Que victimas do grão q' os Ceos lhes derão
(Ou antes da ambição de Pais injustos)
Vierão com violencia a estas Aras
Votar-se á solidão, ao captiveiro;
Enterrar-se n' hum carcere de horrores,
Quando ao Mundo as chamão os pensamentos!
Ao Mundo q' a seus olhos presentava
Alta felicidade em mil objectos,
Gostos neste lugar desconhecidos!
O templo em que lhes cumpre, em q' he forçoso
Q' a magoa lhes consuma os turvos dias,

Sem que doce esperança as lisongêe;
Este rigido Templo hum muro ingente
Ergue entre ellas, e o Mundo; ellas desejão
Ir goza-lo outra vez, querem remir-se
D'amargosa oppressão... Mas lei sagrada
Eri. Invencivel obstaculo as suspende!
Além desta muralha antiga, horrenda,
Que de tudo as separa, a cada instante
Sua alma s'arrebata, s'extravia;
Seus pensamentos vão, vão seus desejos
Sedentos demandar entre os Romanos
Hum prazer que lhes foge, e Fados novos;
Mas em ferrea prizão seus agros dias
Ao rigoroso Templo estão ligados.
As lèdas illusões se desvanecem,
E a desesperação de horror cercada
Os tristes corações fica roendo.
Então sente-se mais o pezo ao jugo,
A' morte que o desate então se roga;
Mas ao contínuo rogo a morte he surda:
Vai calada afflicção ralando o peito,
Nenhuma destas victimas se affouta
A declarar seu mal antes o occulta.
Póde ao menos no Mundo a quem nos ama
O nosso coração manifestar-se.
Póde chorar no Mundo, e ser chorado;
Mas aqui a afflicção não tem piedade;
Miseros corações aqui não gozão
Nem a consolação de os lamentarem,
Esse unico prazer dos desgraçados!
Emi. Nada póde aterrar-me: o genio, o zelo
Aos Altares da Deosa me guiárão,

O Mundo para mim não tem valia;
Pago-me de o deixar; memorias suas
Já mais me custárão nem hum suspiro.
Que attractivos ha nelle? os váos prazeres,
O nada dos seus bens sentio minha alma,
Sagaz adulação vámente os doura,
No Mundo affecta o vicio de virtude:
Triunfa o crime. Os Deoses se profanáo.
Eri. Ah q' o conheces mal! Tua innocencia
O Mundo pinta, e crê, segundo as falsas
Doutrinas, que recebe a cega infancia.
Não achas preciosa a liberdade?
Emi. Mas essa liberdade, isso que choras
Quando he nosso? As mulheres sempre escravas,
Victimas do interesse, e do costume,
Dependem do dever, e não da escolha;
Se acaso d'hum Consorte ás leis se obrigão,
Cumpre condescender com seus caprichos,
Supportar seus defeitos; cumpre ama-lo,
Cumpre até venerar-lhe as injustiças:
Póde-se appetecer tão duro estado?
Ah! só neste lugar serei ditosa.
Eri. Serias, porque tens tranquillo o peito,
Aqui mansa innocencia abrigo encontra;
Mas o tempo virá tornar penoso
O estado que tão doce te parece;
E o véo das illusões ha de romper-se.
Nessa viçosa idade, em q' os humanos
A si mesmos s' ignorão, inda Emilia,
Inda o teu coração te não diz nada.
Tens mudos os sentidos, e ociosos,
Nada os ancêa. A natureza dorme,

Ella despertará. Não pára o tempo;
Vem apontando a idade, em que tua alma
Surgirá do lethargo, e da indolencia,
Sentimentos incognitos provando:
Não lhe hão de então bastar, nem saciá-la
Os Altares de Vesta, as leis, e o culto.
Dos primeiros desejos assombrada
Inquieta, pungida, ao pensamento
Te virá nova sorte, e novo estado;
O Mundo que odioso se t' antolha,
Outra côr tomará na tua idéa...
Mas tarde, mas em vão! E a soledade,
Este jugo, este horror, o Altar, e os votos
Irão de dia em dia exacerbando
O teu desassocego, os teus desgostos.
Emi. Dessas perturbações, desses desgostos,
De q' excitas em mim confusa idéa,
Aqui meu coração terei seguro.
Eri. Que seria de ti, se hum doce objecto
O tenro coração t' esclarecesse
Entre esta escuridão! Se affoguiada
Tua alma por outra alma suspirasse,
Que acceza appetecesse unir-se á tua!
Em tal consternação onde acharias,
O' triste, o teu soccorro, o teu refugio?
Buscarias debalde a paz perdida.
Leio em teu coração pelos teus olhos,
Sei que te deixa absorta o que m' escutas.
Teme a tua innocencia, ella concorre
A seduzir-te, Emilia. Esta linguagem,
No lugar onde a fallo, he estrangeira;
Mas do risco, em que estás, quero salvar-te.

Emi. He tal que te mereça a dor q' observo!
Commovem-me teus ais, creio em teu pranto
A pezar d'afflicção d'hum Pai querido,
Que saudoso entre os braços me affagava
A idéa da ventura aqui me trouxe,
E.... (1)

Eri. ... Fallas em teu Pai?.. E's delle amada?

Emi. Eu sei que lhe he penoso o meu projecto,
E custa-me affligi-lo.

Eri. Ama-te, Emilia?
E atreves-te a deixa-lo?.. Ah! considera
Nesse amor, nesse bem, merece-o, torna
Ao seio paternal, vai consola-lo.
Como és digna de inveja!... Hum Pai te anima!
Ai de mim! quantas lagrimas excitão
Neste triste lugar! De quantos males
Inexoraveis Pais tem sido origem!
As preoccupações, o orgulho, o sexo,
O juz dos primogenitos, ou antes
Parcial injustiça, em hum dos filhos
Lhes concentra os desvelos, e a ternura.
Instados d'ambição guia-lo intentão
A's altas, as pomposas Dignidades,
E ao futuro explendor lhes sacrificão
As miseras Irmãs!.. Oh Pais tyrannos!
Que! não murmura em vós a natureza
Contra esta preferencia abominavel!...
Foge, foge daqui, ditosa Emilia,
Agradecendo aos Ceos hum Pai benigno;
Vai ser-lhe arrimo á languida velhice,

---

(1) Ericia interrompendo-a.

Vai ajudar-lhe os vacilantes passos;
Teu dever lhe aligeire o pezo á vida,
Lhe disfarce o pavor da sepultura:
Quem nos pinta dos Numes a clemencia
He só a ingenua paternal bondade.
Emi. Cumpre sacrificar aos Deoses tudo:
Eis o que me ensinárão.
Eri. . . . . Desvanece
Esse engano, em que jaz tua alma envolta,
Escuta o coração da natureza;
Ouve a benigna voz que a todos falla:
Deve-se culto aos Ceos, aos Pais ternura;
Triste de quem n'hum Pai acha hum tyranno!
Emi. Ouço-te com terror! Vesta não póde
Livrar teu coração desses desgostos?
Eri. Vesta!... Vesta!... Ai de mim!...
Vai minha filha,
Vai-te, deixa-me só!... No peito encerro
Crueis tribulações... Tu não as sentes...
Não as saibas....
Emi. Confia os teus segredos
De hum coração que te ama, e que....
Eri. Ha segredos,
Que da alma, que os contém, sahir não devem.
A amizade a meu mal não poderia
Dar lenitivo algũm. Deixa-me.

SCENA IV.

Ericia só.

Eri. OH, Deoses!
Quanto em hum coração, s' amor o ancêa,
Custa reter segredos que lhe pezão!
Já não posso esperar socego, allivio!
Ha de sempre a minha alma em seus transportes
Revolver-se no crime, e no remorso!
Inda, feliz Emilia, és insensivel,
Inda serena victima innocente,
Ignorando o perigo, a dor, e os males,
Que estas fataes abobedas enlutão,
Corres sem susto para o ferro erguido,
Destinado a ferir-te, ah! Inda beijas
O funesto grilhão que te sopeia;
Só vês as flores de que estás croada....
Eu provo todo o horror do sacrificio,
Do sacrificio atroz. Oh Ceo!... Não hei de
Mitigar teu rigor! Só d' almas puras, (1)
Prézas, Vesta immortal, o ardor, o incenso
Muda, converte a minha; e se he possivel,
Neste peito afanoso influe, oh Deosa,
O fervor, a innocencia, a paz de Emilia.
Esvaece, destroe, consome, apaga
A lembrança tenaz, que me persegue,

(1) Chega-se para o Altar.

Só quero que me esqueça o mèu amante.
Que desejo! Ai de mim! Quem me dissera,
Que fôra a minha dita, a minha gloria
Desterra-lo do peito, e do sentido!...
Ah! Que açerbo dever, que tyrannia
Me ordena, justos Ceos, qne o sacrifique!

SCENA V.

Ericia junto ao Altar, e Afranio. (1)

Afra. MEus passos guia amor.... He ella..
Ericia!... (2)
Eri. Afranio!... Ah! onde estou! Que vejo!... Eu morro.
Afra. Formoso, amado encanto, eu venho, eu venho.
Esquecer a teus pés minha desgraça.
Eri. Afranio!... Junto a mim!... Que ardor, que insania
Te move a pôr em risco a minha fama,
Os teus dias, e os meus. (3)
Afra. .... Dissipa o medo.
Neste feliz momento a sorte amiga
Reconduz á teus olhos lacrimosos
O teu saudoso amante. Em mil desgostos,

---

(1) Afranio caminha inquieto, e olhando para hum, e outro lado.
(2) Chega-se.
(3) Afranio com tom rapido.

Sentindo o coração desfalecer-me;
E deprecando aos Ceos o bem de olhar-te,
Cançado de carpir, de amar sem fructo,
Entrei pela saudade enfurecido,
Na escura solidão do Sacro Bosque,
Onde este duro Asylo se remata;
Para os cegos mortaes o entra-lo he crime;
Mas nada me deteve . . . Hum Nume, hum Nume,
Sem dúvida que alli me encaminhava!
Occupado em minar de noite e dia
Passagem, que a teus pés me dirigisse,
A terra em fim cedeo, e abrio caminho
A meus passos, a Amor. Por huma estrada
Subterranea, profunda, e tenebrosa,
Que vem findar-se aqui, m' entranho affouto.
Os olhos veladores, que t' espião
Attentos ao festejo, em ti não cuidão,
Hum amigo me espera, e me assegura
A fuga vigiando além dos muros.
Vem pois, aproveitemo-nos do tempo;
Eu a teus pés teu coração reclamo,
Esse amor puro, que dourou meus dias
Inda em ti resplandece? E's inda a mesma?

Eri. Se te amo! . . . Em que lugar! . . . O' Ceos! Que intentas?

Afra. Que receio hei de ter, sendo inda amado? . . (1)

As trevas, o silencio nos ajudão,
Jáz afferrada ao somno a tyrannia,
E os olhos d' amizade estão velando.

---

(1) Com transporte.

De ti privado, Ericia, ha quasi hum lustro,
Entregue aos frenezins, entregue ás ancias
Da desesperação, com mil clamores
Accusando teu Pai, e os Ceos, e os Fados,
A vida, e todo o Mundo aborrecendo,
Para o fatal Recinto, em que gemias,
Com raivoso tremor lançavas os olhos:
Mil vezes (senão fosse o teu perigo,
Ou antes tua morte inevitavel)
Mil vezes tornaria em cinza, em nada
Este carcere horrendo, este sepulcro.
Sem cessar fluctuando em vãos projectos
Para ver se mudava o teu Destino,
Té disposto a vibrar n'hum ferro a morte
Contra teu Pai cruel, contra mim mesmo,
Todo quanto furor nas almas cabe
Longamente por ti sentio minha alma;
Mas do prazer o ardor só sente agora;
Tudo em meu coração cede á ternura...
Eu te vejo, eu te escuto, e nada temo.

Eri. As ancias da saudade, o mal d'ausencia
Supportei como tu.... Mas em que tempo
A meus olhos o Ceo te restitue!....
Envolta nestes véos, ante estas Aras
Ouso ver-te!... Escutar-te!... Amante!... Amado!...
Oh Vesta!... Oh lei penosa! Oh sorte injusta!...

Afra. Do Pai deves queixar-te, e não da sorte:
A dureza feroz desse tyranno
Foi só quem motivou nossas desgraças....
Se a fervida paixão que me inspiraste
Não fôra escudo seu.... Da minha amada

Com seu sangue o cruel pagára o pranto.
Aos Ceos encommendei minha vingança;
E os Ceos no horror tumulo arrojárão
Teu Irmão, esse objecto em que nutria
Funestas, orgulhosas esperanças.
Eri. Meu Irmão, já não vive! Entre estes muros
Sumida, afferrolhada ao Pai não devo
A minima lembrança! Inda até agora
Noticia me não deo de seus Destinos.
Afra. C'o a tua compaixão teu Pai condemnas:
Elle renunciando o lustre, a pompa,
Do Mundo s'affastou, e ignoro aonde
A dor, e a desventura o conduzírão:
Deposto o nome, o Grão, fugindo a todos
Conta-se que no Altar aos Deoses serve....
Embora expie as furias junto ás Aras
Que me importa o cruel, se vejo Ericia?
Eri. Meu Pai!....
Afra. Ainda o choras! Não te lembras....
Eri. Forjou meu damno, e.. lagrimas lhe devo,
Elle em meu coração, elle em meus dias
Vertendo amargo fel, veneno amargo,
Se privou dos desvelos, dos extremos
De filial ternura: Eu lhe seria
Branda consolação nos seus pezares.....
Propicio a nosso amor, não levantára
Entre nós esta rigida barreira....
Afranio..... Que he do tempo em que eu gozava
Dos olhos teus sem susto? E estremosa....
E tua a par de ti serena, e livre,
Acceza na paixão, que te accendia,
Hum prospero futuro imaginava?....

Tão bellos dias para nós morrêrão.

Afra. Revivem para nós tão bellos dias;
Temos em nossas mãos, nossa ventura
S'inda o candido amor ferve em teu peito,
Meus males, meus tormentos, meus transportes
Tem demonstrado assás que amor me inflamma.
O sangue dos Publiculas, o sangue
Que as veias me circula, he grato a Roma,
Roma chora o meu mal, e enternecida
De hum robusto partido á mão me offerta
Se és, a que foste, approva o meu designio,
Demos-lhe execução: Risonhos Fados
Aplanão para nós do bem a estrada.

Eri. Devia-te esquecer.... Porém não pude;
Informem-te este Altar, e aquelles muros
Entre os quaes meu amor desventurado,
Te carpio sem cessar chamando a morte.
Ante este mesmo Altar que he testemunha
De tão funesto amor, com mil suspiros
A Deosa contra ti debalde invoco. (1)

Afra. Perdoa.... Este lugar vedado a todos,
Franco está para mim. Venho propor-te
Que rompas teus grilhões, que me acompanhes;
Que debaixo de hum Ceo mais favoravel
Nos vamos esquecer do ferreo jugo,
Que os Deoses, e teu Pai te fabricárão
Atreve-te a seguir-me....

Eri. ...... Eu extremeço... (2)
Que pertendes de mim? Não vês, não sabes

(1) Afranio com arrebatamento.
(2) Cheia de furor, e fugindo para o Altar.

Que Vesta nos contempla, e nos escuta?.. (1)
Afra. Para salvar quem amo, eu affrontára
Os Ceos, os proprios Ceos!... Porém que digo!
Propicios a meu gosto os Ceos abrírão
O caminho, que a ti me trouxe occulto.
Nada te impede a fuga, e já supponho
Inuteis ao projecto os meus sequazes;
A tua approvação só quero, e rogo,
Cede aos desejos meus, e tudo he facil.
Amigo inseparavel me acompanha,
E da nova intenção vou dar-lhe aviso;
Para a fuga dispôr basta-me hum dia,
Com a noite a manhã virei buscar-te.
Eri. Que escuto!... Irados Ceos! Terrivel Deosa!...
Donde intenta arrancar-me hum cego impulso!... (2)
Trovêja contra mim vingança eterna
Antes que deste Altar.... (3)
Afra. ..... E amas-me ainda?...
Eri. Tu reforças meus males... Sim eu te amo,
Assás por este amor sou criminosa
Hei de ás Aras, e á Deosa abandonando,
Da perdição... do horror... subir ao Cume!...
Não Afranio, o soccorro, a mão de Vesta
Resistencia dará virtude e forças
A' fragil infeliz Sacerdotiza;
O Ceo defenderá do mais enorme

(1) Afranio rapidamante.
(2) Com mais terror.
(3) Afranio consternado, e chegando-se a ella.

Do mais negro dos crimes a minha alma:
Sim aqui morrerei.
Afra. . . . Não, tu, não amas. (1)
Enganou-me a apparencia. Eu vinha, ingrata;
De amorosas idéas inflammado....
Esperava hum prazer, hum dia, hum premio
Promettido aos extremos e á constancia.
A Deos.... Queres que morra .... Eu te contento (2)
Eri. Onde vás, caro amante?...Oh, Ceos!
Que disse?... (3)
Afra. De pressa; que resolves?
Eri. ......Olha o Templo, (4)
A que hum voto cruel me tem ligada;
Já o meu coração me não pertence,
Pertence á Divindade....Os juramentos
Que me apartão de ti, bem vês, bem sabes (5).
Afra. Que dizes! Que illusão! Que juramentos!...
Os juramentos teus forão ser minha;
Os juramentos teus me asseverárão
Hum permanente amor, hum laço eterno.

---

(1) Affastando-se della com hum furor repremido.
(2) Indo-se.
(3) Apartando-se do Altar, e estende os braços para Afranio, torna logo a encostar-se no Altar. Afranio voltando.
(4) Perturbada chorando, e sem deixar o Altar.
(5) Afranio com vivacidade.

Eu reclamo a teus pés o que juraste;
Esse voto a teus labios extorquido,
Não rompe, não destroe o antigo voto;
A Deosa, que te cinge a seus altares,
Sobre o teu coração não tem direitos,
Mais sagrados que os meus; os meus procedem
Do mesmo coração que hoje me negas.
Ah! contrapezas espontaneos votos
A votos que arrancou brutal violencia?
Se crês que em fim o Altar lhe alteia o preço,
Tu tambem, tu primeiro ámor juraste:
He seu Altar teu peito, amor conserva
Indestructivel juz sobre a tua alma;
Se temes ser sacrilega com Vesta
Já com amor sacrilega tens sido,
Com amor que mil vezes aterraste,
Ousa despedaçar teus duros feros,
Ousa restituir-te aos teus direitos,
O Esposo attende, entrega-lhe a Consorte. (1)

Eri. Olha a terrivel Deosa!.. Que ameaça...
O Altar que treme!.. As chammas que esmorecem. (2)

Afra. Quem te affasta de mim, não, não he Vesta,
He tua ingratidão, tua indifrença,
Ericia desleal... Eu hoje ao cume
Da gloria, do prazer, hia elevar-me...
A tua approvação nos enlaçava...
Confiei-me de ti... Fiz mal, foi erro

---

(1) Ericia com desacordo e terror.
(2) Afranio com afflicção furiosa.

A minha confiança, e vou puni-la....
Tyranna! vou morrer de amor, de raiva,
De desesperação... Tu algum dia
Amaste-me... O remorço ha de vingar-me.
Se aqui da minha morte houver noticia,
A ti sómente accusa, a ti sómente;
Lembre-te o nosso a Deos... Mais deshumana,
Mais dura para mim, que hum Pai cruento,
Do pezo desses ferros carregada,
Desses ferros serviz que me preferes,
Quando só attender a amor devias,
Ante este mesmo Altar... Ha de carpir-me. (1)
Eri. Oh Deveres!... Oh Vesta!... Amor! Triunfa,
Minha alma contra os Ceos por ti decide.
Juro...

SCENA VI.

Ericia, Afranio, e Emilia.

Emi. AUgmenta, ou socega os meus terrores,
Que tudo o que te ouvi me encheo de assombro. (2)
Mas a luz se amortece... A luz se apaga...
Oh Deosa! Hum homem!... Ah!... (3)

---

(1) Caminha, e torna.

(2) Buscando Ericia por entre a escuridade, que resulta de se ir apagando o fogo.

(3) Vai fugindo o fogo sagrado; apagando-se, deo hum grande clarão que lhe fez vêr Afranio.

SCENA VII.

Ericia, e Afranio, ambos em huma grande consternação.

Eri. . . . . . VÊ, vê o effeito (1)
Os damnos que produz minha fraqueza,
Sabe-se tudo!.. Oh Ceos!.. Viráõ te, estamos
Descobertos... Os Deoses se indignáráõ...
Afranio... Tu me perdes... Cumpre, cumpre
Que me ligue outra vez aos meus deveres...
A Deosa quiz trahir... Ella se vinga...
Eu me desdigo já...
Afra. . . . . . Não continues. (2)
Não ha de ao teu amante o Ceo roubar-te
Por falta de alimento o fogo extincto,
Aterra, Ericia! Dita-lhe hum perjurio!...
Ouço rumor; bem sei que perigo corres,
Torno ao meu Socio, vou rogar-lhe auxilio,
Encarregar-lhe vou que apreste a fuga.
Pelo mesmo caminho eu virei logo
Vigiar no teu Fado, e no teu risco,
Arrebatar-te a Vesta, impôr-me a tudo,
Defender-te, ou morrer. (3) (4)

---

(1) Ericia tornando a si com terror e afflicção. Isto antes do verso.
(2) Interrompendo-a rapidamente.
(3) Parte accelaredamente.
(4) Ericia só e perturbada.

Eri. . . . . . . Deixa essa empreza.
Vesta exige huma victima ... Este fogo
No Altar morrendo revelou meu crime...

SCENA VIII.

Ericia, Veturia, e todas as Vestaes junto ao Altar. As Escravas que trazem luzes. Ericia procura occultar-se na multidão.

Vet. TRazei luzes, trazei, corra-se o Templo;
Trema o Crime... Oh terror!.. Oh Sacrilegio!..
O lume protector morreo nas Aras.
Vesta ameaça Roma; agouro horrendo
No ledo instante do annual festejo,
Negras Calamidades annuncia,
Troca hum dia solemne em dia infausto
Na mente que de horrores antecipo!
Orgão de atroz desastre a Sacra tuba
Já derrama o terror por toda a parte,
O somno se dissipa, o medo acorda,
Jaz em luto o Senado, e Roma em pranto
Vê mil profundos horridos abysmos,
Que as bravas legiões lhe vão sorvendo,
Vê cahir Scipião vencido em terra,
A affrontosos grilhões os pulços dando....
O' Deosa Tutelar o agoiro afasta,
Baste o sangue do Réo para applacar-te;
Do impio caso o Pontifice advertido
Em breve chegará: nós, nós veremos
Este Juiz, Interprete dos Numes,

Da vingança dos Ceos encarregado
Incendido no ardor de hum zelo augusto;
Da alta Religião brandindo o ferro
Logo, (Oh magoa! oh vergonha!) em nossos dias
O crime o chama aqui! Deoses Supremos!
Se o Réo nos escapar, não vos escape,
Se ás nossas mãos fugir, não fuja ao raio;
Aos Infernos o dou, só nos Infernos
Ha pena, que responda ao seu delicto.
Talvez huma Vestal perjura, infame
Sua complice foi; Jove permitta
Que o nome da infiel se patenteie,
E seu justo castigo os Ceos desarme.
Imitai-me, prostresmo-nos, ó Virgens,
Ante o manchado Altar, e a Deosa irada
Com suspiros, com lagrimas se invoque. (1)
Eri. Aonde occultarei, supremos Deoses
Meus olhos... minha fronte criminosa!
Como que este lugar se vai fundindo
Debaixo de meus passos vacilantes!...
O remorso implacavel me rodêa,
Eu fallo... Conhecei a delinquente... (2)
Ella mesma se accusa... (3)
Vet. . . . . . . Oh detestavel!...
Eri. Desculpa não procuro ao meu delicto...
Castiga, fere, mata, mas não cubras

---

(1) As Vestaes se prostrão. Ericia não póde esconder a perturbação, e fica em pé.
(2) Encaminhando-se para Veturia.
(3) As Vestaes a ouvem com horror, e se levantão.

De opprobrios, de baldões minha desgraça:
Sim nesta habitação que em pranto alago,
Por mim, por terno impulso... huma alma illustre
Hum mortal generoso... hum homem digno
Da funesta paixão, que me domina
Vejo a Deosa insultar no proprio Templo;
Mas sabe o Ceo que em vez de convidado
Com profana ousadia ao sacrilegio,
Meu triste coração se horrorizava,
Tremia de ceder aos seus desejos.

Vet. Temeraria não mais do Ceo que offendes,
Do Ceo que te condemna a graça implora
Em resignado, e timido silencio.
Aos pés do Grão Pontifice, que espero
Deves só revelar impios segredos.
Tu es a que lhe dás hum feio ingresso
Neste lugar tremendo; aqui sómente
Delictos vem julgar... Sua presença
He para nós terrivel: assinala
Nossa affronta... Prejura, Indigna, teme
A sentença fatal que de seus labios,
Qual raio vingador vem fulminar-te.
Com supremo poder prompto a firmalla,
No austero Tribunal junto o Senado
A torpe informação sómente espera.
Impia! rebelde ao Ceo! Chora teus Fados. (1)

---

(1) Vai-se com as Vestaes, e Escravas.

SCENA IX.

Ericia só.

Eri. DEbaixo de meus pés negreja a morte!..
Aonde esconderei a angustia, o pejo,
O terror que me abrange!... Eu oiço, eu oiço
Hum Nume vingador, que em mim trovêja.

ACTO II.

SCENA I.

Veturia, Ericia, Aurelio, e Vestaes. Aurelio no fundo do Theatro.

Aur. DA Santa Dignidade ornado apenas
Venho satisfazer-lhe a lei mais dura!
Devo em nome dos Ceos punir delictos!..
Imitar-lhe a clemencia antes quizera. (1)
Vet. Senhor, sabes quem foi a mão traidora
Que a Deosa profanou?... Foi huma ingrata,
Huma filha sacrilega de Vesta.
Vê o Altar de seus fogos despojado,

(1) Veturia caminhando para elle.

Vê com as nodoàs do crime o Templo Augusto:
Não decorreo da noite inda metade.
A Celeste vingança, hum justo exemplo
Deve á luz matutina antecipar-se. (1)
A culpada aqui tens, indaga, e julga.
O público terror, em paz se torne. .
Os direitos de Vesta; os seus poderes
Jazem nas tuas mãos depositados. (2)
Nós vamos por mil votos applacalla. (3)

SCENA II.

Aurelio, e Ericia, que tem os olhos baixos como quem deseja esconder o rosto aos do Pontifice. Aurelio, tendo seguido com os olhos as Vestaes, e olhando á roda de si.

Aur. MEus olhos com terror vão rodeando
Todo este Santuario; ante elle eu sinto
Tremer-me o coração . . . Tremer-me as plantas . . .
A leza Divindade está clamando,
Tratemos de punir, o mais se esqueça.
Chega. (4)
Eri. Que voz! . . . (5)

---

(1) Presenta-lhe Ericia coberta do Véo com a cabeça baixa cheia de confusão, e terror.
(2) Voltando para as Vestaes.
(3) Vai-se com as Sacerdotizas.
(4) Para Ericia.
(5) Turbada.

Aur. . . . O crime está no Templo, (1)
Hum castigo exemplar que aterre o crime,
Os Romanos atonitos esperão.
A dureza das leis coartar não posso,
Defende-te se pódes (2)

Eri. . . . . . Ceos!.. Que lance!..
Que amargura!.. He meu Pai!.. Não, não me
engano (3)
Pune.

Aur. Que vejo!.. Oh Deos!.. (*Conhecendo-a.*)

Eri. . . . . Vês tua Filha.

Aur. Ella!.. Ericia! Olhos meus, alucinais-
me!.. (*Aterrado.*)
Foi teu Pai.. contra ti chamado ao Templo!..
Assim... Ao triste... vens a presentar-te?
Voltas o rosto.. e nada me respondes?

Eri. Senhor!

Aur. Jove supremo! Eternos Deoses!
Está pois convencida!.. A filha encontro! (4)
Os Ceos ... A Patria ... As leis mandão que
morra!..
E eu devo condemnalla!

Eri. . . . . Es tu mesmo
Meu Juiz... Ah Senhor!...

Aur. Se-lo he forçoso... (*Com amargura.*)
Debaixo de que Estrella abominosa

---

(1) Sem olhar para ella.
(2) Ericia olhando com perturbação.
(3) Depois de o tornar a encarar, e chegando-se a elle.
(4) Depois de algum silencio.

Me criastes oh Ceos!... Desenganado!
Das quimeras do Mundo aos pés dos Numes
Hia o fim de mandar dos meus desgostos,
Da minha agitação. Renunciando
Nome, Grandezas, tudo, ante os Altares
Em silencio chorava, a meu despeito
De Pontifice erguido ao gráo sublime
Hoje a ti me conduz feroz destino...
Meu filho já não vive... Eu julgo, eu creio
Que huma filha me resta, e vejo... Oh sorte!..;
Que enche todos os seus de eterno opprobrio!..
Infeliz!... Esqueceo-te o juramento?...
Foste rebelde ás leis no Ceo dictadas?..
Ousaste ser perjura, e dispozeste
Fim triste a mim, e a ti, na dor, na infamia!.:
Eri. Ceos!.. Que escuto! Senhor, eis-me prostrada,
Tua victima sou, mereço a morte?
Sei meu crime qual he... Porém devias
Tu proprio, tu Senhor, lançar-mo em rosto?.:
Minha dor tem direito a lamentar-se.
Eu amava (tu mesmo o conheceste)
Por teu odio tenaz fui constrangida,
A mudar meu Destino, e para sempre
Dos braços Paternaes arremeçada
Me vi, a pezar meu, preza aos Altares;
O melhor dos mortaes me foi roubado,
Elle me appeteceo quando a saudade
Minha fragil razão desacordava;
Tu, tu sabes se o amo!.. Eia, condemna;
Sentencea, castiga... Eu já não devo
Estranhar teu rigor, mas se te infamo,

Esse mesmo rigor sómente accusa.
Sim : quiz fugir deste lugar terrivel,
Quiz hum jugo romper que me impozeste;
Mas ao designio meu se oppôz meu fado :
Perdi, murchei nas lagrimas, no opprobrio
A estação de alegria, a flor dos annos,
Combater-me, opprimir-me, atormentar-me,
Padecer, suspirar foi meu destino.
A mil tribulações me reduziste :
Só tenho no sepulchro o fim de todas :
Em breve se abrirá por ordem tua...
As tuas proprias mãos me arrojão nelle...
Teu pranto corre?.. Não correo meu pranto,
Não soárão meus ais para obrigar-te
A affastar-me hum grilhão peor que a morte? ..
Meu Pai!.. Mas não Senhor, meu Pai não foste!..
Meu Pai no coração me dera asilo,
Passaste a meu Juiz, de meu Tyranno :
Este nome feroz véda a ternura.

Aur. Justos Ceos!..

Eri. . . . Tu, só tu me expões á morte,
Soffre pois o amargor de meus queixumes...
Tua filha infeliz, quasi expirando,
Deve ao seu infortunio esta vingança.
Da morte que me dás tu és culpado,
Donde o crime nasceo, nasce o castigo,
A injustiça abolio razões do sangue.
Amor, sómente amor, aos Pais nos liga;
Seus beneficios só são seus direitos...
Mas tu que o desamor, tu que a frieza
Sempre com a terna filha exercitaste,
Com que affagos, Senhor, ou com que extremos

Meus deveres, e os teus me tens mostrado?
Opposto a meus legitimos desejos,
A todo o meu prazer contrario sempre,
Huma só vez se quer não preferiste
O caracter de Pai ao de verdugo;
Deste-me a conhecer o que he desgraça,
Folgaste de meu mal... Não, não te assombre
Que eu do respeito as leis, Senhor, não cumpra;
Tu o exemplo me déste, atropellando
As maviosas leis da natureza.

Aur. Basta... He muito... Não mais, não mais oh filha...
Poupa meu coração.. não mo expedaces...
Teu Pai foi criminoso... Es criminosa...
Minha severidade está punida...
Tuas exprobrações enchem minha alma
De remorsos, de horror... Eu as mereço.
Oh da minha ambição fructo amargoso!
Dous filhos possui... nenhum me resta.
Debaixo dos teus pés cavei o abysmo,
O pavoroso abysmo, em que te arrojo!..
Ericia... Ah minhas lagrimas te vingão...
Tua voz... Tua voz... Aqui resoa...
(*Põe a mão no peito.*)
Fere meu coração, nelle me accusa....
(*Vai para ella.*)
Ceos! minha filha esquiva-se a meus braços!

Eri. Ah meu Pai! ... Em que tempo mos offreces!..
A' boca do Sepulchro me prantêas!
De meus dias amargos, quasi extinctos,
He este o final dia? ... A sepultura

Espera já por mim!.. Meu Pai me some
Naquelle eterno horror!.. Meu Pai me chora!..
Tardo amor! Vá piedade! Inutil pranto!...
Mas que digo!... Perdoa-me os furores,
Perdoa-me o delirio... Eu despedaço
Teu coração, meu Pai, e a dor te azédo.
Tua filha rebelde, irreverente
Ultraja os Ceos, ultraja a natureza...
Mas elles podem mais que os meus transportes;
Releva, oh Pai, releva a minha insania;
Quiz vingar-me... A vingança me horrorisa...
No coração paterno amor desperta!..
Houve tempo... Ai de mim! tempo em que fôra
Esse amor precioso a gloria minha...
E morro? .. Morrerei... Senhor, não temas,
Não temas que outra vez meus ais te accusem.

SCENA III.

Aurelio, Ericia, e Afranio. Este correndo com precipitação, tendo ouvido os ultimos versos.

Afra. NÃo tu não morrerás; o Pai de Ericia
Antes de proferir mortal sentença
Ha de arrancar-me a vida.
Aur. . . . . . . Oh Ceos que vejo!
Eri. Que projecto!.. Que audacia!.. Que delirio
Te reconduz aqui? Vens, vens de novo
Nas Aras affrontar a Divindade?

Afra. Cautamente escondido, e prompto a tudo
Tua voz conheci, venho amparar-te.
Da tua atrocidade olha os effeitos,
(*Para Aurelio.*)
Barbaro, só em mim teu odio céva.
Dos ferros com que a Deosa a tem ligada,
Eu vinha resgatar-te a triste filha,
Debalde a meu furor o altar se oppunha,
Debalde essa infeliz me recordava
Seu voto, as leis do Ceo, e as leis da terra.
A tudo me atrevi, só eu fiz tudo,
Só eu fui Réo. Não ouses condemnalla;
Eu a victima sou que os Ceos exigem;
Fere, apaga em meu sangue as furias minhas...
Inspirar-me ternura acaso deves?
Traze á memoria os golpes que me has dado,
Meus tormentos, meu mal revê na idéa,
Lembre-te que de ti nascêrão todos,
Que me tens obrigado a desejar-te
A morte mais atroz, que do meu odio
Seguro não estás, que te detesto...
Ah senão fosse a tua iniquidade,
Tu bem sabes, cruel, se eu te amaria!
Eri. Espera.. Que he meu Pai, reflecte, insano,
Olha a consternação que o justifica...
Cruel!.. Para que vens vituperallo,
Envenenar-lhe a dor, talvez perder-te...
Morrer sem me salvar?.. Meu Pai, vieste
Com braço vingador pôr freio ao crime...
Não te enganas da victima na escolha,
A mim, que delinqui, punir só deves...
De cegos frenezins desacordada

Aos Ceos, a Vesta preferi o amante
Elle, ah!.. Elle, sem ver minha fraqueza,
Jámais conceberia as esperanças
De arrancar-me a cerviz de hum jugo eterno.
Eu devêra lutar,.. lutar não pude.

Aur. Meus filhos.. (*Pegando-lhes nas mãos.*)

Afra. Tu suspiras!.. Que resolves?..
(*Apertando lhe a mão.*)

Da ternura em teus olhos ferve o pranto;
Falla; com huma palavra extrahir pódes
Os terrores mortaes, que em mim se arreigão.
Emmudeces!.. Bem sei, vais condemna-la!.. (1)
Mas meu amor, meu braço inda lhe restão.
Roma de meus Avós he grata ao zelo,
Ella recordará quanto me deve;
Se em Roma tenho amigos, tu bem sabes,
E se o sangue Publicola se estima.
Sou vivo, impedirei o atroz projecto,
O negro detestavel Sacrificio...
Treme, eu vou.

Eri. . . . . Pára, e vê tua injustiça,
Venera aquellas cás, ouve me ao menos;
Huma esperança vã do peito expulsa...
Recuso, e desapprovo os teus excessos.
Os Deoses a sentença proferírão...
Meu Pai por dever santo he orgão della.
Tu no meu coração reinas, triunfas...
Por esta confissão me entrego á morte.
A minha vida está nas mãos de Vesta...
Eu te adoro, eu te perco, eu para sempre

(1) Larga-lhe a mão com furor.

Meus dias vou fechar... Na sepultura...
Meus dias... que por ti só me erão gratos...
Submette-te... Refreia os teus furores;
Não aggraves hum crime, hum Pai respeita...
No semblante do Pai contempla a Filha;
Vive para adoçar-lhe a desventura;
Nos froxos olhos seus enxuga o pranto,
Em vez de lho augmentar com teus insultos...
Exigir inda mais talvez podéra...
Ah! Por ti morro... De animo careço...
Acceita hum triste a Deos... A Deos da morte...
Nunca mais te verei, (*Affasta-se vagarosamente.*) (1)
Ericia, Ericia!

Afra. Ella foge; os meus gritos são baldados.

SCENA IV.

Aurelio, e Afranio. Este voltando-se para Aurelio, e com voz arrebatada.

Afra. EScuta.. Não te enganes, não presumas
Que eu se Ericia perder seu Pai respeite,
Vê que no Amante hum vingador lhe fica...
Mas que faço!.. A que excessos me arrebata
Meu inutil furor! He desta sorte,
Que hum Réo ao seu Juiz perdão supplíca!

(1) Afranio seguindo-a. Ella pára, olha para elle com amargura, volta-se arrebatadamente, e desapparece.

Tu me vês a teus pés depôr a audacia,
Tu prostrado me vês, vês que te imploro
Para te conservar teu proprio sangue,
Para evitar-te os prantos, e os remorsos,
Para salvar de hum fim tão lastimoso
Huns dias preciosos, huma vida
Que deves respeitar; por ti, por ella;
Recorro ao pranto, ás supplicas me abato...
Pontifice dos Deoses, sê sensivel...
Sê Pai... Tu choras?... Lagrimas não bastão
Ericia mais que lagrimas precisa;
Estorva a sua morte, a minha, a tua.

Aur. Vai, já meu coração, já me tem dit
Quanto póde dizer... Porém minha alma
Attonita de horror, mede, contempla
A medonha extenção dos seus deveres.
O Pai não póde... Oh Ceos!.. Alucinar-se..
Sim da Religião sevéra immovel
No tribunal sagrado elle preside...
Elle chora... Estremece... Esta sentença
He direito, he dever do grão que occupa;
O ferro da Justiça armou-lhe a dextra...
Não póde perdoar...

Afra. Que leis! Que horrores!
Os Ceos anhelão sangue! Ordenão mortes?
Exigem Parrecidios! Tu confundes
Com a Religião teu impio zelo...
Inhumano! Elle he Pai, e eu sou quem roga!
Esta sentença barbara te aterra,
E, a pezar do terror, vais proferi-la!

Aur. Afranio... (*Chora.*)

Afra. Vai-te, deixa-me Tyranno, (*Arrebatado.*)

Artifice fatal dos nossos males!..
Tu vez que precipicio a mim, e á Filha
Cavou tua injustiça Em melhor tempo
A meu ardente amor porque o roubaste?
Justo seria... As horas passão, fogem,
Aproveita-las vou, devo salva-la.
Se isto he crime, encarrego-me do crime,
Se nisto affronto os Ceos, os Ceos tem raios;
Posso remir a victima que adoro;
Ha caminho que a ella me conduza;
Consente-o: não arriscas tua gloria,
Basta só que retardes a sentença.
Se a retardas, Senhor, salvas-te a Filha.
Da palavra que dou, verás o effeito.

Aur. Que intenta! ... A que cegueira amor o arrasta! (1)
Ah Mancebo infeliz! que pronuncias!
Dentro em meu coração não lem teus olhos ...
Eu o golpe lhe dei com que ella espira...
Ah nesta alma paterna inconsolavel
Com mais exprobações o horror não dobres...
De benigna piedade eu necessito...
Vê meu debil poder... Já no Senado
Os severos Pontifices se ajuntão;
Do crime perpetrado em breve esperão
Exacta informação que dar-lhes devo...
Ou demora, ou descuido as leis não soffrem.
A mesma criminosa se dilata...
O zelo impaciente apressa a pena...

---

(1) Aurelio a custo, e como reanimando a constancia.

Retardar-se não póde o sacrificio...
Que o meu dever me impõe, que Roma espera
Afra. Sacrificio! De quem! De Ericia! Ah caião
Caião primeiro esses crueis Altares
Nas ruinass dos tectos abrazados;
Primeiro o Sacro fogo em cinzas torne
De feroz Vesta as barbaras Escravas!
Já não sei da razão, já nada attendo,
Meu coração raivoso, arrebatado
Ousa desafiar todos os Deoses.
Embora sobre mim rebentem raios:
Nada póde estorvar que eu vingue Ericia,
Que eu vingue a minha amada... Oh Ceos
Vinga-la!
Outras idéas tenho, outros cuidados;
Sómente o de salva-la he que me occupa:
Aurelio, meus tormentos te commovão,
Ahi faze que o Pontifice emmudeça;
Triunfe a natureza, amor triunfe...
(*Lança-se-lhe aos pés.*)
Oh meu Pai!.. Tenho o juz de assim chamar-te.
Nada tentas, Senhor, nada te incita!
A proxima desgraça não te aterra!
Que! Poderás ouvir, ver tua Filha
Gemer, e caminhar ao trance horrivel;
No sepulchro fatal sumir-se viva!
Pela ultima vez tendo lançado
Os olhos para ti, e em vão chorando;
Pedindo em vão piedade aos Pai, aos Deoses!
Poderás ver. seu pranto... Origem delle!..
Treme a tão negra idéa, a Natureza!..
Aurelio!.. Que espectaculo!.. E serias

Capaz de o supportar!..
(*Aurelio o encara com ternura, levanta-o, torna a encara-lo, e vai-se.*)

SCENA V.

Afranio só.

Afra. . . . FOge, não me ouve!..
Tudo infeliz Donzella, te abandona!..
(*Depois de alguma pausa.*)
Tudo, tudo perdeo!.. Não eu lhe resto,
Basta. Appelle-se á força. Arme-se a raiva,
Congregue-se hum Partido, ajudem promptos
Os Confidentes meus minha vingança,
E com ferro, e violencia aqui tornemos.
Ao Sepulchro se arranque a minha amada,
Arranque-se aos Verdugos, a despeito
Dos Romanos, das leis, e até dos Numes.

ACTO III.

O fundo do Theatro está aberto, deixa ver huma Praça, que faz parte do Recinto; nota-se alli huma terra elevada, que he o Sepulchro destinado para Ericia; a entrada he por cima. A' roda grandes pedras que devem fecha-lo. Vem quasi amanhecendo.

SCENA I.

Aurelio só cheio de consternação caminha algum tempo pela Scena sem dizer nada, ergue os olhos para o Ceo, e recua horrorizado á vista do Sepulchro.

Aur. QUe espectaculo! Oh Vesta! ... A criminosa (1)
Está julgada em fim... Não tem refugio ...
Eu a sentenciei... Serás vingada ...
Os Pontifices todos a condemnão...
Perdoa-me estas lagrimas... Ao fado
De huma filha infeliz são bem devidas...
Debalde quer firmar-se a natureza...
O aspecto do Sepulchro me confunde...

(1) Olha para toda a parte com inquietação

[Me] arripia... Me abate... E posso oh Deosa,
[O] rigor sustentar de meus deveres?...
[A]franio...
. . . Que esperanças, que desejos
[S]e afoite a conceber minha alma insana?
[E]u sou Juiz, Pontifice, e Romano... (1)
[E]u sou Pai .. elle vio minha amargura...
[A]ma... he audaz... A tudo ha de atrever-se ...
[V]enha... os impetos seus... Eu cerro os olhos.
[M]as onde me transporta o meu delirio!..
[V]ingança devo ás leis... Vingança aos Numes...
[A] minha propria Filha... em honra delles
[D]evo sacrificar!.. Que angustia!.. Afranio!..
[A]franio!... Este desejo he sacrilegio.
(*Tornando a olhar.*)
[C]om que voz, com que face, oh filha minha,
[H]a de teu Pai miserrimo intimar-te
(*Depois de algum silencio.*)
[A] sentença cruel, que deo forçado?
[C]om que animo a teus olhos temerosos
[H]ei de expôr o Sepulchro!.. A morte!... O
nada!..
[S]occorro, eterno Jove!.. Eu desfaleço.
(*Encosta-se a hum canto do Theatro, e
fica em profunda afflicção.*)

---

(1) Rapidamente, e como fallando a seu pezar.

SCENA II.

Aurelio, e Ericia, esta caminha lentamente, e com hum ar desacordado.

Eri. ONde vou!... Tudo augmenta o meus terrores...
A' morte me approximo em cada passo...
Senhor... Na turbação que lhe diviso (1)
Se nutrem minhas ancias!... Tarde... Ai!...
Tarde
Deparado me foi o amor Paterno.
Aur. E's tu Filha! (*Como acordando, fallando a custo.*) (2)
Eri. . . . Acolá me espera a morte,
Meu Pai!
Aur. Para morrer devo dispo-la!...
(*Chorando.*) (3)
Eri. Já nenhuma esperança me permittem?..
Choras!.. Suspiras!.. Basta, eu me resigno.
O Senado firmou minha sentença?..
Afranio... Te-lo amado he só meu crime.
Este funesto amor, que negros males
Semeou na minha alma, e nos meus dias!..
Meu Pai... Que injuria atroz fiz eu aos Numes?.

---

(1) Caminha para o Pai que não repara nella.
(2) Olha para o Sepulchro, volta-se para o Pai, e aponta para elle.
(3) Torna a encostar-se.

Sem querer te enveneno o fim da vida...
Porém dos annos meus pondera o Fado.
Elles por dura lei se tem volvido
Neste carcere triste em amarguras,
Em desesperação, queixumes, prantos;
Vê como se terminão! .. Cerra os olhos, (1)
Cuida só em punir, meus ais não oiças,
Suffoca as sensações da humanidade,
Repulsa a natureza horrorizada...
Senhor... Se compassivo em outro tempo
Sua voz attendesses, não virias
Exercer este horrivel ministerio;
Tu serias feliz... De Afranio eu fôra...
Perdoa... Desatino... A seus transportes
Se dá meu coração mais do que deve...
Lamento-te Senhor... Adoro Afranio...
E vou morrer!.. Constancia, fortaleza
Armem teu peito agora, ousa animar-me
No momento fatal, soccorre Ericia,
Eu não receio a morte, a injuria temo,
Inda cedendo, a amor dei culto á honra,
Seguia hum terno Esposo, hum digno amante,
Que me offertava a liberdade, a gloria,
Seguia hum coração que ao meu se unira
Desde a tenra, viçosa adolescencia...
Morro com tudo no supplicio infame,
Que pune corações torpes, abjectos,
Falsos ao mesmo tempo a si, e aos Deoses...
Os injustos mortaes allucinados

---

(1) Aurelio se levanta, da hum gemido, e cahe na sua primeira situação.

Do crime não distinguem a fraqueza?
Serei da opinião victima triste! (1)
Aur. Ah Filha deploravel!... Esperemos...
Se a fortuna... Se os Ceos.. Se os meus desejos..
Que crime!.. Que esperança!.. Oh negros fados!... (2)

SCENA III.

Veturia, Aurelio, e Ericia.

Vet. JA' Ministro sagrado, as sombras fogem,
A Aurora vem raiando, e sem vingança
A Deosa ainda está, e a afflicta Roma!
Expie-se o delicto o mal se arrede;
Morra a culpada no supplicio justo;
Hoje este indispensavel Sacrificio
Seja o primeiro que os Romanos vejão:
Ao Templo consternado o Sol nascente,
Reconduzindo a luz, de novo encontre
Nestes Altares a pureza augusta,
E preste a nossos cultos nova chamma,
Na sombra em que nasceo se ausente o crime.
De Vesta celebrar-se os ritos podem
Este pomposo instante acceleremos:
Motivo algum não ha para a demora;
Dos offendidos Ceos, do Altar manchado

---

(1) Aurelio levantando-se, e caminhando de pressa pelo Theatro, e olhando para o fundo.
(2) Com dor, e susto.

Seja a vingança pública, e solemne,
Ao Povo impaciente as portas se abrão.
Soldados, vigiai por toda a parte,
Neste santo lugar vossa presença
Contenha a multidão. Vestaes, he tempo,
Vinde. (1)

Eri. . . . (2) A meu termo, oh Ceos! estou chegada!
Morte cruel! Ao teu aspecto horrivel
A humanidade treme... antes de tempo
Caio, e me escondo em teu abysmo eterno!

Aur. . . (3) Criminosa esperança abafar devo...
Ceos! .. Cumpre obedecer! .. Tu me conforta.

Vet. (4) Tudo, Santo Ministro, está disposto;
Execute-se a lei. Essa perjura,
Que alta justiça ao Tumulo condemna,
Hum nome que manchou, não leve a elle.
Do sacro véo despoje-se a rebelde,
Por seus membros se estenda o véo da morte.

Aur. (5) Que barbaro dever!

---

(1) O fundo do Theatro se enche; as Vestaes vem com os Pontifices; os soldados dispersos pela Scena, affastando o povo da sepultura.

(2) Lança os olhos para a Turba, e ergue-os para o Ceo.

(3) Olhando para huma parte com perturbação.

(4) Pegando no véo negro que lhe traz huma das Vestaes.

(5) Péga no véo negro que Veturia lhe dá, e entretanto algumas Vestaes tirão o véo branco a Ericia.

Eri. . . . Momento acerbo! (1)
Senhor, tu estremeces! . . . Vê que todos
(*Abaixa a voz.*)
Tem nas tuas acções os olhos fitos,
Conclue . . . De ser Pai não he já tempo . . .
Do Juiz, do Pontifice, eis a hora;
Para o negro Sepulchro os passos movo . . .
Eu só devo tremer, e lamentar-me . . .
Tu . . . Obedece aos Deoses. Quando Afranio . . (2)
Onde triste memoria, me arrebatas! . . .
Ah, meu final momento á amor pertence. (3)
Vet. (4) Tua morte socegue a afflicta Roma.
Os males que temia em ti descaião:
Só tu iniqua fronte os Deoses firão.
Eri. (5) A Deos querida Emilia.
Emi. (6) . . . . . Ah fui-te falsa,
O meu zelo indiscreto urdio-te a morte.
Eri. Vê se neste lugar mora a ventura. (7)
(8) De fraqueza hum momento alli me abysma,
Implorai a Daidade a bem de Ericia,
De Ericia triste, (*Para as Vestaes.*)

---

(1) Chega-se para seu Pai.
(2) Com voz ainda mais baixa.
(3) Abaixa a cabeça; Aurelio ergue o véo com mão tremula, e o deixa cahir nella.
(4) Veturia em quanto Ericia recebe o véo.
(5) Depois de ter dado alguns passos, e achando-se ao pé de Emilia.
(6) Detendo-a, e lançando-se-lhe aos pés.
(7) Levantando-a nos braços.
(8) Mostra-lhe o Sepulchro.

1) O meu caminho he este? (2)

Vet. Toda aquella entre nós que ousar manchar-se
De tão feio attentado, assim pereça.
Vestaes, que sacra lei nas Aras prende,
Das vinganças do Ceo vêdes o exemplo;
Tende-o sempre ante os olhos aterrados,
Adoremos a Deosa inexoravel;
A seus augustos pés tremei comigo.

Aur. Oh dor! (3)

Eri. He pois aqui meu ponto extremo!...
Deixo em fim de existir!... De amar! Perdoa,
Sim perdoa-me, oh Ceo, talvez te offendo;
Mas ache hum protector, ache hum refugio
Em teu poder supremo a gloria minha!
Tu ao meu coração quando me punes,
Tu ao meu coração faze justiça;
Elle de corrupção não foi tocado,
Sacerdotes, Vestaes, Povo Romano,
Em prova do que ouvis attesto os Deoses,
Que aos impios dão no Inferno eternas penas;
Não, no estado em que estou não ha fingidos;

---

(1) Olha para o Sepulchro; a multidão do Povo concorre, e põe-se em roda; os soldados que conservão a Turba em huma certa distancia, estão postos em fileira, e deixão entre si hum caminho livre.

(2) Volta a cabeça de vagar, e caminha com horror para onde está a sepultura.

(3) Olha para o Sepulchro, vê sua filha que lhe contempla a profundidade com terror. Aurelio volta a cabeça, e encosta-se a hum Pontifice.

Entre a morte, entre mim só vejo hum passo
Mas soffrei que ao morrer me queixe ao me-
nos.
Respeitos, sugeições, ou interesses
De todo para mim se desvanecem;
Das cegas prevençóes o véo rasgando,
A verdade nos Tumulos se encosta....
Dalli he que ella falla, e resplandece.
Quando maligno fado, a meu despeito,
Me conduzio Vestaes ao Templo vosso,
Vós que vistes meu pranto, e meus pezares
Expulsaste-me então, como devieis?
Não; vós minhas cadeias apertastes,
E desde esse cruel, terrivel dia,
Sempre, sempre a gemer busquei soccorro,
Busquei piedade em vós... E achei piedade?
Não, só fallar ouvia em leis tremendas,
Que arremessão no horror da Sepultura
Profanas infieis Sacerdotizas;
Calava-se a piedade, a dor crescia,
E do temor nasceo meu arteficio.
O infeliz coração que exarcerbastes,
Pelo não parecer, foi criminoso.
Talvez dobrou seu mal por occulta-lo,
Compassivos talvez vossos desvelos
Chagas que amor lhe abrio curar podessem,
Nada obtive de vós... Morrer me vêdes,
Ah praza, praza ao Ceo, que deplorando
Os tristes fados meus, não mais, oh Virgens,
Franquieis vosso Templo a desgraçadas!
Estas preces ouvi, eu vos perdoo...
Vesta! Vê meus remorços, não me siga

Teu odio, teu furor além da morte. (1)

SCENA ULTIMA.

Os Actores precedentes, Afranio com hum punhal na mão, seguido de Romanos armados, e abrindo caminho por entre o Povo. Aurelio em toda esta Scena mostra com géstos a sua extrema consternação.

Afra. FUgi.
Vet. .... Que voz sacrilega interrompe
(*Indo para elle.*)
Hum acto... Porque empunhas esse ferro?
Afra. Treme... E tremei tambem Sacerdotizas...
Entregai-me... Que vejo!.. Oh Ceos!.. Detem-te... (2)
Eri. Oh Deoses!... Onde estou! (3)
(*Fica como desmaiada.*)
Afra. (4) .... Meus dignos Socios (5)
Vem com resolução capaz de tudo

(1) Abaixa o véo, e caminha de vagar para o Sepulchro.

(2) Vê Ericia junto á sepultura, corre a ella, lança-lhe os braços ao tempo em que ella já tem hum pé no Sepulchro, e levanta o outro para descer.

(3) Aterrada, e cahindo sobre a pedra do Sepulchro.

(4) Transportado.

(5) Aponta para os companheiros.

Proteger meu amor, òu minha raiva...
Não temas o furor de hum zelò injusto,
De hum zelo que te ultraja... Estou comtigo. (1)
Para sacrifica-la he necessario,
Romanos, que primeiro no meu sangue
As mãos enxovalheis; não desamparo
A lastimosa victima; reclamo
Sobre esta Sepultura a minha amada,
A minha Esposa... He justo que em meus braços
Vós a depositeis. Eu quiz livra-la
De acerba escravidão, ninguem me exprobre
Que insulto a Deosa; recebi primeiro
De Ericia o coração, ternura, e votos;
Vesta com duras leis a tinha preza;
Ella me pertencia... Os meus direitos
Manter quero ante vós: Qual he mais Santo?
Eu amo, eu sou amado... Eía responde,
Pontifice, a ti mesmo afoito appello,

(*Para Aurelio.*)

Tu nos viste formar tão doces laços:
Teu orgulho os quebrou: para exaltares
Hum filho, dous amantes desuniste...
Romanos, conhecei toda a sua alma,
Estorvai hum delicto abominoso...
O barbaro he seu Pai.

(*Apontando para Ericia.*)

Vet. Seu Pai! (*Todos mostrão admiração.*)

Afra. . . . . Dos braços,
Dos braços a roubou de hum terno Amante,
E neste dia ordena a morte della!...

---

(1) Voltando-se para o Povo.

Ella não morrerá; minha ternura
Vem remi-la do horror do captiveiro,
Meu zelo vem romper-lhe o ferreo jugo,
Que tanto na cerviz lhe tem pezado.
Manter a immunidade he crime em Roma?
Examinem-se as leis, que o Tibre adora.
O humano coração tende á ventura.
Que voto ha, que derrogue este desejo?
Votos, que a força impôz, não podem tanto.
He resistir aos Ceos, he ser culpado
Romper hum jugo, hum jugo insupportavel?
De causar nossa angustia os Deoses folgão?
Folgão de nossos ais, de nossos prantos?
Os ferros, e oppressões nos amontoão?
Nós somos filhos seus, não seus escravos!...

Vet. (1) Deoses! ... Ainda o raio está suspenso!
Romanos, castigai...

Afra (2) . . . . . Fieis amigos,
Favorecei meu impeto... Romanos
(*O Povo.*)
Esperai, quando não fervendo em raiva,
O Templo cubrirei de horror, de estragos;
Perseguirei bramindo os vossos dias
Defronte desses Deoses implacaveis,
Cubiçosos de lagrimas, e sangue!
Se derramando-o só lhes aprazemós,
Se Vesta em fim o exige... Eu a contento...

---

(1) Com huma especie de horror.

(2) Aos seus amigos vendo a plebe disposta a amotinar-se.

Que Deoses cujas leis, cuja grandeza
Em vez de proteger, o mundo opprimem!
Que as Aras querem ver nadando em sangue,
Quando para applaca-los deveria
Ser bastante hum so ai, hum só remorso!
Detesto os Deoses máos que adora o Medo,
Filhos do engano, pela morte honrados...
Inda que Vesta subito me abrisse
A terra em bocas mil para tragar-me,
Eu não conheceria... Eu não conheço
Senão o Author de Roma, o Deos da Guerra,
Dos meus Concidadãos ó Deos terrivel...
Por elle o Mundo, promettido a Roma,
Ha de soffrer-lhe as leis, sentir-lhe os ferros...
Marte de Ericia não exige a morte;
Ella por mim suspira; aquelle affecto
Para arrancar-lhe a vida he hum direito?
Ceos! Que contradicção diviso em Roma?
Onde Venus se adora, amor se pune!
Merece Amor este cruel supplicio?
Como! A Religião faz deshumanos?
Sempre a superstição desatinada,
Oh Ceos! Oh Natureza! Ha de affrontar-vos!
Sempre de idéas vãs envilecida,
Ha de a razão jazer, e a humanidade!
Sempre o cego mortal ceder a enganos!...
Ah dos Numes que asylo esperaremos,
Se a morte se colloca ao pé das Aras!
Deve o medo offertar nossos incensos?
Não!... Se o Ceo quer vingar-se, o Ceo se vingue...
E quando vós punis, talvez perdoe;

Só compete aos mortaes orar aos Numes...
Mas demorei-me assás; vem, segue Afranio,
Meu fervido valor desesperado,
(*Para Ericia.*)
Passagem te abrirá por entre o Povo.
Eri. Deixa-me!.. Teme os Ceos, de quem blasfemas.
Afra. Sê minha, vem, depois os Ceos fulminem
Dos Deoses a pezar eu hei de obter-te;
Minha promessa tens, e exijo a tua,
Minha Esposa serás... Dos Ceos á face,
Sobre este horrivel Tumulo profiro
O solemne immutavel juramento;
Nada póde arrancar-te dos meus braços:
Neste meu juramento, attesto, invoco:
Amor, Jupiter mesmo, a mesma Vesta.
Eri. Espera... Tu que pódes? Deixa, deixa
Este lugar em paz, não o profanes...
Satisfeitos serão Amor, e Vesta.
Olha o Povo a bramar! quer minha morte:
O duro Sacrificio em vão suspendes.
Romanos, eis o Amante idolatrado,
Que á Patria, que ao dever, que aos Ceos prefiro;
Dos annos meus lhe consagrei a aurora...
Meus primeiros suspiros forão delle,
Delle será meu ultimo suspiro...
Cahe-me o grilhão, recobra a liberdade. (1)
O' tu que imperas só nos meus sentidos,

(1) Voltando-se para Afranio.

Queres a minha mão? ... (1)
. . . . Recebe-a, he tua.

Aur. Deoses!... eu morro!...

Afra. . . . . Ericia!... Oh raiva!... Oh crime!...
Ceo tyranno!... Outra victima te offreço. (2)

Por Manoel Maria de Barbosa du Bocage.

---

(1) Lança-se arrebatadamente ao punhal de Afranio, fere-se com elle, e estende-lhe a mão, dizendo.

(2) Arranca-lhe o punhal, e mata-se. Aurelio consternado se encosta a hum Pontifice. O Povo, e soldados mostrão dor, e compaixão. Os Pontifices, e as Vestaes horror, e assombro.

Descripção da Vida Picaresca de Diogo Camacho, Author da Jornada ao Parnaso.

I.

OS Portuguezes peitos não domados
Cante o Corte-Real digno de estima;
Os mares só por elles navegados
Celébre o grão Camões com grave Rima;
As mágoas, e os amores delicados
Alcido cante junto do seu Lima;
Mostre Pereira, a quem o não sabia,
O sangue ainda fresco em Berberia.

II.

A quem d'esta alma tem a melhor parte,
E a quem são todas mui inferiores,
Mostre no que quizer engenho, e arte,
E guarde para si só dignos louvores:
Pinte a seu gosto o sanguinoso Marte,
Ou faça alegres Rimas por amores;
Que eu não canto de Amor nem gentilezas,
Mas chorarei miserias, e tristezas.

III.

Depois de nascer nú, sendo creado
Em tal pobreza, qual me não convinha,
Passei da vida o pueril estado
Em sarampão, bexigas, sarna, e tinha:
Depois ao juvenil sendo chegado,
E querendo provar a sorte minha,
O Reino desprezando, e patria terra,
O exercicio segui da dura guerra.

IV.

E nelle consumi sete, ou mais annos,
Os melhores de toda a minha idade,
Sevando as esperanças com enganos,
E louvando da vida a liberdade:
Por isso não temia graves damnos,
Mortes, perigos, nem adversidades;
Porque tudo passa sem receio
Hum livre peito de pobreza cheio.

V.

Zomba do dito do Villão praguento,
E senão zomba, dá-lhe seu castigo;
Ao mestiço Fidalgo, e avarento,
Que tudo funda em seu sangue antigo,
Se de temor carece, o fundamento
Descobre, sem temor de algum perigo,
Com valor, que a todo o Mundo excede
Lhe próva vir de Sára, ou Mafamede.

VI.

Acanha com huma licita ousadia
O fumo do fantastico Escudeiro,
Que tem por honra só na estribaria
Hum quasi morto, e misero sindeiro:
E sendo Almotacé por qualquer via,
Provê primeiro o Sastre, ou Sapateiro,
E deixa ao pobre, posto que he honrado,
Sem vinho, carne, páo, e sem pescado.

VII.

O rustico villão, que com torpeza,
Ou suór do seu rosto se fez nobre,
Não aguardando o tempo, a vileza
Do Pai o sangue, e Avós logo descobre:
Estima só primor, e gentileza,
O honrado venera, inda que pobre;
Que não se ha de honrar só pela renda,
O que honrado nasceo, e sem fazenda.

VIII.

Traz desta liberdade, fui gastando
Os annos por Provincias mui remotas,
A vida de continuo arriscando
Por terra em esquadrões, por mar em frotas:
Comendo hum dia, muitos jejuando,
Ora despido nú, ora sem botas;
Até que de miserias enfadado,
Determinei tomar hum novo estado.

IX.

Este foi tal, qual he minha ventura,
Pois náõ o tomar nunca, fôra acerto,
E fôra-me melhor na sepultura
Estar da humida terra já coberto:
Porque huma fome com mofina pura
Me tem cercado, e posto em tal aperto;
Que vivendo todo o homem, porque come,
Eu vivo só, por só morrer de fome.

X.

He manifesta causa deste damno,
E de outros muitos males que padeço,
Ser Estudante, se me náo engano,
Na terra em que nasci, e sei seu preço:
A culpa minha he, pois de anno em anno
Ando para fugir, que bem conheço;
Mas tem-me táo atado ao soffrimento,
Que soffro hoje hum nescio, á manhá cento.

XI.

Hum jura que me vio forçar donzellas,
E outro, que me vio roubar altares,
E meu delicto tem cem mil queréllas,
Todas as noites homens mato a pares:
As públicas matracas dei das Cellas,
De outros delictos fiz cem mil milhares;
A insignes Prelados virtuosos
Fiz torpes Versos, baixos, e odiosos.

XII.

Outros me tem por nescio impertinente,
Outros por infame emmascarado,
E jurão não ser licito, e decente
Emmascarar-se hum homem, se he avisado:
Assimque a vida he qualquer Agente,
Mas a morte he de fome; e hum honrado
Não ha, que por vedar tão grandes males
Me encha a vasia bolsa de Realles.

XIII.

Então ver hum grão nescio, de enfadado,
Querer Cortezão ser, e dar preceitos,
E só por Estudante, e bom Letrado
Fallar por geringonças com mil geitos:
He para mim hum caso tão pezado,
Que me tem bófe, e figados desfeitos;
E assim que a fome pura, e o tal madraço
A vida me tem posta no espinhaço.

XIV.

Se tivera este tal seu aposento,
Qual tenho o meu, sem banco, nem cadeira,
E passára, qual eu, com meu tormento
Servindo-me de cama rota esteira;
Se lhe faltára em fim o mantimento,
Comendo, como eu, sempre lazeira,
Houvera de fazer mil desatinos,
Corrido a cado passo dos meninos.

XV.

E eu a tudo isto ando pairando ;
Mas tudo he por de mais, que quando entro
Na pobre casa, entro suspirando,
Por não ter que comer da porta a dentro:
Então com grande angustia vou buscando
Da engilhada bolsa o fundo centro
Se tópo algum vintem, com alvoroço
Nas mãos o metto do faminto moço.

XVI.

O qual com ligeireza não usada
Me traz quatro de pão pelo costume,
Seis d'ovos, com mais dous de huma sellada,
E dos ovos se foi hum pelo lume:
Contemple a alma devota em tal jornada,
E todo o que de Sabio se presume,
Que fará com tanto pão, e ovo e meio,
E hum grande ventre de agoa fria cheio?

XVII.

Outras vezes tambem (por brevidade,
Quem della amigo for agora aprenda)
Vai o moço com grão velocidade,
E entra logo na primeira venda,
E diz á Taverneira em puridade,
Que nenhum dos circunstantes o entenda,
Dez de carne me dai, senhora minha,
E enchei bem a tigella da cozinha.

XVIII.

No mesmo instante com alegre rosto
O moço me apresenta de corrida
A salva; e tomando-a eu com puro gôsto
Acho a carne salgada, ou mal cozida:
Mas como sou de bocca bem disposto,
E não tenho porque poupar a vida,
A carne cômo logo da tigella,
E sôrvo a agoa chilra que vem nella.

XIX.

Se amigo me convida, he escusada
A fabrica, e o custo em que se mette,
Que huma sua breve conçoada
He para mim explendido banquete:
A dieta trago sempre regulada
Pelo pouco que a dieta me promette;
E assim não faço caso da comida;
Pois fome que a outros mata, a mim dá vida.

XX.

Assim já de viver desesperado
Por outra via caminhar procuro;
Astrologo serei mui consummado,
E o fio romperei do fado duro:
Os olhos porei sempre no estrellado,
E crystallino Ceo sereno, e puro,
Lá medirei do Sol curso, e caminho,
Pois cá medir não posso pão, nem vinho.

XXI.

A vida passarei contando estrellas
Por não ouvir de mim mil falsidades
Satisfarei a fome só com vê-las,
E com gozár de suas claridades:
E quem me vir tratar tão só com ellas,
Dirá, em que lhe pêz, do Ceo verdades;
E se algum então por si fôr destruido,
A causa eu não serei, em ser perdido.

XXII.

Não me darão então por culpa, e erro
Aquillo que não fiz, nem será dado
A' minha pouca dita tal desterro,
Qual lhe quizerão dar; mas se he forçado
Haver eu de morrer a sangue, ou ferro,
Deixem-me antes morrer de lazerado,
Que não póde a morte dar-me mór tormento,
Que a fome tomar só por instrumento.

XXIII.

E quando com isto não se contentarem,
E quizerem que morra por mofino,
A traça lhes darei para acabarem
De cumprir seu desejo, ou desatino:
A vez primeira que mui bem fartarem
Este meu ventre de comer indino,
Desta presente vida logo parto,
Que eu não posso morrer senão de farto.

O D E.

Quantus eram pharetra cum protinus ille soluta,
Legit in exitium spicula facta meum,
Lunavitque genu sinuosum fortiter arcum,
Quod canas, Vates accipe, dixit opus.
Me miserum, certas habuit puer ille sagittas?
Uror, et in vacuo pectore regnat amor.
Ovid. lib. 1. Amor. Epist. 1.

QUando á cythara de ouro a mão lançava
Para entoar a Lusitania gloria,
Hum Deos de sobre as cordas se levanta
Joven, formoso, e meigo;
Que o braço recostando sobre a meza,
Affavel me induzia a que cantasse,
E que elle o canto meu reforçaria,
C'um, que escutára ás Musas.
C'os dedos tenteando os sons Thebanos,
Desusada responde a molle Lyra:
Brandamente me dá de Anfrisa o nome
Entre harmoniosas falsas (*).
Então conheço o Deos, que ri, e zomba

(*) Quanto molliores sunt, et delicatiores in cantu flexiones, et falsæ voculæ quam certæ, et severæ?

Cicer. de Orator. Lib. III. Cap. 18.

Do azedo enfado, com que o arguo de impio:
» Não bastão, Deos maligno, inda não bastão
» Seis lustros de servir-te?
» Já Lálage cantei, cantei Delmira,
» E a minha escravidão, e os teus triunfos:
» Já a meus cançados cantos dá de rosto
» A livre Mocidade,
» E inda zombas das cás... das cás nascidas
» Nos pezados grilhões de teu Imperio?
» Veterano soldado lograr devo
» Emérito descanço. »
Nisto me torna o Amor:.. » Canta a teu gosto
» Fortes Castros, e duros Albuquerques:
» Desfére a voz, a cythara tempera,
Cinge-te a ganhar louros:
» E este farpão te esperte a voz, e o canto. »

Do P. Francisco Manoel do Nascimento.
Filinto Elysio.

CARTA.

Saude a Alfeno o seu Filinto envia.

SOneto, pessegos, quintilhas... tudo
Era bom, meu Doutor; só lhes faltava
(Porque nada haja sem senão no mundo)
O serem por mais vezes repetidos.
... Não digo os pessegos, mas sim os versos...:
Porque os teus são dos unicos que eu leio
Com mais gosto, e com doutrina minha.
Fique aqui entre nós este segredo;
Não o saibão os Zoilos Trovistas,
Que são capazes de engolir-nos vivos.
Sim: gósto de teus versos; gósto, e muito;
E os teus Sonetos tem para comigo
Patente de sublimes, desde aquelle
Do *Ciume* (Soneto incomparavel!)
Que eu sei de cór, que não tem de esquecer-me,
Esquecendo-me quanto a minha Musa
Me temperou na desleixada Lyra.
Ninguem se queixe. E gósto: e assim o entendo,
E assim o digo a quantos posso, e devo.
Tu tens nos versos hum pensar tão novo,
Tão bem bebido nas mais claras fontes,
Que ler-se, he ler o seculo de Augusto,
Ou no Lyrico altivo, ou no jocoso.

E ninguem desempenha tanto á risca
O *molle*, *atque facetum*, como Alfeno.
Haja vista ás Quintilhas engraçadas,
Cheias de Attico sal, de mil donaires,
Tão novos, tanto a ponto sazonados. (1)
Oxalá possa eu vê las todas findas,
E a preguiça, e o máo olho as não fascine!
Haja vista ao Soneto primoroso,
(Dos pessegos bizarro camarada)
Não o mostro a ninguem que mo não gabe.
Todos concebem delle a grande idéa,
Altivo pensamento, ousada frase,
E ficção bem sostida, e verosimil.
Condições que requer o velho Mestre,
E o perluxo Boileau seu bom Alumno,
Para que os versos se oução com deleite,
E vivão com bom nome eras, e eras.
Não esperão tal fado obras de Albano
Bem que a tão desejada imprensa vissem;
Bem que a sollícita segunda parte
Viesse pôr espeques á primeira.
Tem ambas de morrer morte immatura,
Sem que cheguem a ter honradas cãns.
Embora as velhas, e os ruins versistas,
Extaticos, babando-se celebrem
Sonetos de Saveiro, e pobre, ou rico,
E as endéchas á sua Lavadeira...
Inda melhor, que explicações do Credo

---

(1) . . . Seu condis amabile Carmen
Prima Feres hædere victricis premia.
Horat. lib. 1. *Epist.* 3.

Saibão de cór cruezas de Damiana,
E suspiros de Albano; embora inculquem
As oitavas da eterna madrugada;
Que as tendas, com muita ancia, ambas as Rimas
Já lhe estão esperando para embrulhos.
E já, c'o gancho erguido o esquecimento,
Ameaça afferrar-lho no seu nome,
E arrasta-lo ás voragens, onde jazem
Tantos mil seus iguaes em prosa, ou rima. (2)

A Domingos Maximiano Torres.
Alfeno Cynthio.

Do P. Francisco Manoel do Nascimento.
Filinto Elysio.

---

(1) Descriptas servare vices operumque colores,
Cur ego, si nequeo ignoroque, Poeta Salutor!
Horat. de Art.

FABULA.

No crystal d' uma fonte clara e pura
Huma Macaca estava contemplando
A sua formosura:
Os mômos, e os pulinhos revezando,
Da sua presumpção indicios dava.
E de ser bella, com prazer, gozava.
Hum Burro, que pastava
Não longe do mostrengo presumpçoso,
Condoido as orelhas sacodia.
E comsigo dizia:
» Se, ao menos, o meu porte grave, e airoso;
» Se a minha voz tonante ella tivera,
» De ser vaidosa a permissão lhe eu d era.»

Quantos conheço ahi, que tomão azo
De notar erros meus; e estão no caso
Do Burro, e da Macaca.

Do P. Francisco Manoel do Nascimento.
Filinto Elysio.

MOTE.

Morro feliz, se morro em teu regaço.

GLOSA.

NIze gentil, que até á sepultura
Terás desta minha alma a Monarchia,
Comtigo irei gostoso á Zona fria,
Ao clima ardente, á Região escura.

Ser-me-ha branda comtigo a Desventura,
E em meus males serás minha alegria;
Tu os revézes da Fortuna impîa
Me adoçarás c' o a tua formosura.

Terei por Paraiso a Lybia estuósa
Terra mãi de Leões, se em doce laço
Bejo essa face que arde em viva rosa.

Hum amoroso teu estreito abraço
Fará com que eu, na brenha mais medrosa,
Morra feliz, morrendo em teu regaço.

Do P. Francisco Manoel do Nascimento.
Filinto Elysio.

QUEIXAS A APOLLO.

Dos Vates Pai cruel, e Deos injusto,
Que o luzente metal c' os raios crias:
Porque o negas escaço
A tua pobre prole?
Desamorado Pai, que a grão galope
Rodas a azul calçada blasonando,
E deixas os teus Vates
A pé pelos lameiros.
Antes que saias dos umbraes dourados
Te embriagas de Ambrosia muj redondo;
Em quanto ás almas tocão
C' os dentes os teus filhos.
Véstes os campos de bordados ricos,
As arvores de perfumados frutos;
E os miseros Poetas
Vestidos de farrapos.
No teu Palacio (diz Ovidio) brilhão
Diamantes, carbunculos, & cetera;
E nós pejamos tristes
Quatro paredes nuas.
Sê Pai: trata com mais brandura, e termo
Teus filhos, os Poetas indigentes;
E por forrares gastos,
Cuida dos bons sómente.

Do P. Francisco Manoel do Nascimento.
Filinto Elysio.

SONETO.

MOTE.

Assim de flores se corôa a Aurora.

GLOSA.

HUm Soneto! ainda esta me faltava!
Quatorze Versos! isso he mui comprido,
Não chega lá meu éstro desprovido:
Muito he se deito a barra a huma oitava.

Lá vai: *O sol brilhante campeava*
Pela estrada do meio... Vou perdido,
Longe do mote, longe do sentido;
Nunca no oiteiro Albano assim glosava.

Entro por outra porta... Desta feita
Creio que dei c' o trincho: *Huma Pastora,*
Que c' o cajado na agua tinha feita...

Não presta, tome lá, minha Senhora,
Guarde o mote, e dir-lhe-hei quando se enfeita
Assim de flores se corôa a Aurora.

Do P.e Francisco Manoel do Nascimento.
Filinto Elysio.

O CAUHY

METAMORFOSE I.

Ao Senhor Luiz Botelho.

JUnto das verdes margens, que talhando
O Paraiba vai com suas aguas,
Hum mancebo vivia o mais famoso,
Entre os outros daquelles arredores;
Em brandir com destreza o curvo arco.
Cauhy era o seu nome, e as suas manhas
Seu valor, e seu brio de mil Nynfas
Erão doce attractivo; mas de todas
As que dentro no peito mais sentião
Lavrar este cuidado, huma Itaubira
Por nome tinha, e a outra era Itauna.
Erão ambas iguaes na formosura,
Ambas no amor iguaes, iguaes na idade.
Mas o frexeiro Deos, que a seu capricho
Os que amão faz felizes, e infelizes,
Quiz que Itaubira então fosse a ditosa.
De seus olhos vibrando a setta ardente,
Que de Cauhy ferio o izento peito,
De hum, e d'outro os quebrados ternos olhos
De suas almas forão os primeiros

Interpretes subtis, que declarárão
O vivo incendio, em que ellas se abrazavão;
Mas depois que á Amor cedeo o pejo,
E que ousárão fallar-se; que ternuras,
Vós, solitarios montes, não lhe ouvistes?
Entre trespaços mil, e mil caricias
Pelos raios do sol ambos jurárão
De se amarem fiéis até á morte;
Desta arte longo tempo venturosos
Em doce paz, em doce amor vivêrão;
Até que o vil ciume cruelmente
Sua doce affeição perturbar veio.
Quanto, ó infame monstro, mais ditosa
Sobre a terra seria a raça humana,
E quanto de invejar a feliz sorte
Dos que amão, e igualmente são amados,
Se não fôras na terra conhecido!
Junto das praias, que Helle fez famosas,
N'huma escabrosa furna, onde morada
A fria noite tem, se alverga o Monstro;
A quem assobiando horrendamente
Em fêa confusão ceruleas cobras
Guarnecem a cabeça, e no pescoço,
E descarnados braços se lhe enroscão,
E o triste coração estão roendo.
Por entre as cegas carregadas sombras,
Q'a caverna, qual denso fumo, inundão;
Mas se distinguem sem cessar voando
Espantosas visões, crueis cuidados:
De cem partes soar ao mesmo tempo
Tristes queixas se escutão, tristes prantos,
E contra Amor imprecações horriveis;

Q' as naturaes abobedas ferindo,
Retumbão tristemente, enchendo os peitos
De espanto, e de pavor. Feras suspeitas
Vãos receios, e falsas apparencias,
E ás vezes vis traições, feios enganos
Os seus Ministros são, suas espias,
Por quem o quanto sobre a terra passa
Entre os amantes sabe, e por quem soube
A sincera união, a paz gostosa,
Em que os dias passavão, disfructando
De hum reciproco amor todas as glorias
Itaubira, e Cauhy. Então disposto
A turbar de infelizes o descanço
Hum dos duros Ministros, que o rodeão,
Raivoso chama, e chamejando intíma,
Q' as azas despregando veloz parta,
E da terna Itaubira o brando peito
Com huma fria cobra, que impaciente
Arranca da cabeça, o peito fira:
Voa a fera suspeita, e invisivel,
O que o Monstro lhe manda fiel cúmpre.
Itauna, que bem, que desprezada
De seu peito lançar Amor não póde,
Escapar não deixava vigilante
Huma só occasião de apresentar-se
Sempre louçã do amado moço aos olhos.
E posto que Cauhy, como quem tinha
A' formosa Itaubira a alma entregue,
E com ella as potencias, e sentidos
Em tal não atentava: a Nynfa bella,
A quem o coração ferido havia
A barbara suspeita, estimulada

Pelo excesso, que observa em Itauna;
Começou à temer dentro em seu peito
Da rival a belleza, e do mancebo
(Posto que sem motivo) a inconstancia.
E desde este momento principià
(Ah funesto momento!) as acções todas
De Cauhy a espiar attentamente.
Hum dia pois que o descuidado moço
Na selva a caçar foi, como só hia,
Ella por entre o mato o foi seguindo.
Cauhy depois de haver veloz cançado
As mais ligeiras féras na carreira,
Com seu sangue manchando hervas, e flores,
Do calor, e do excesso fatigado:
A respirar hum pouco se retira
N' huma sombria lapa, que se esconde
No mais denso da selva, onde rebenta,
Com suave murmurio borbulhando,
Hum grande xorro de agoa cristalina.
Itaubira, que o doce amante vira
Embrenhar-se na selva, dentro n' alma
Crescer sente a suspeita, que lhe finge,
Que Itauna a Cauhy alli aguarda:
E para ver se he certo, o que receia,
Para aquelle lugar dirige os passos;
A sua turbação, sua impaciencia,
A pressa com que corre lhe não deixão
No ruido attentar, de que era causa,
Movendo impetuosa as bastas ramas
Da intrincada floresta. Neste tempo
O mesquinho Cauhy alborotado
Do subito rumor, e presumindo

Q' delle origem era alguma féra,
Das armas lança mão. Ah cego moço!
Quanto melhor te fôra se essas settas
Nunca houvesses tão destro arremessado.
Mas quem póde fugir ao seu destino!
Toma o arco Cauhy, e nelle a setta
Promptamente embebendo, o tiro aponta
Para onde o grão rumor alçar-se ouvia;
Velóz a setta voa, e em continente
Os ouvidos lhe fere hum ai piedoso,
Q' de Itaubira ser se lhe figura.
Então largando as settas prompto corre
Ao lugar donde a triste voz sahíra.
Mas qual o espanto foi, quando passada
Da desestrada frexa a Nynfa encontra!
Sobre a terra jazia rosciando
As arvores, e flores, que rodeão
De seu sangue c' o as rôxas espadanas,
Entre crebros soluços exalando
Da triste vida os ultimos bocejos.
Itaubira, Cauhy lhe brada afflicto:
E á Nynfa á força abrindo os turvos olhos,
Q' da morte a pezada mão cerrava,
Por hum pequeno espaço nelle os fita,
E a cerra-los eternamente vólve.
Coado frio, e qual Marpezia caute,
Fica immovel Cauhy por algum tempo.
Porém tornando em si desesperado,
Corre a arrancar do peito de Itaubira
A despiedosa frexa; porque acabe,
Com ella o coração atravessando,
Junto da amada Nynfa a amarga vida:

Mas ao tira-la vio (cousa espantosa!)
Q' o sangue, que do peito lhe corria
Em cristalino humor se transformava.
Vio que a pálida Nynfa pouco a pouco
Se hia derretendo, e em claro arroio
Toda se convertia. Então absorto
Primeiro, que de todo o lindo corpo
A antiga fórma perca, a abraça-lo
Pela postrema vez chorando corre:
Mas já entre seus braços não aperta
Mais que o cristal, que entre elles lhe escorrega.
Então em pé se alçou, e reflectindo,
Q' dos Deoses era obra este portento,
Aos Deoses roga que jámais permittão
Q' do amado cristal elle se aparte.
Annuírão os Numes aos seus votos;
Pois os ligeiros pés subitamente
A' terra se lhe pegão, e na terra
Profundamente se lhe vão cravando
Em torcidas raizes convertidos;
Os braços se lhe estendem, e se mudão
Em retorcidos ramos, que de folhas
Em ramos vestem suas mãos tornadas.
Os cabellos se arrição, e em vergonteas
Da mesma folha ornadas se convertem;
Cobre-lhe o corpo aspera cortiça,
E de Itaubira ao repetir o nome
A boca lhe tapou, e a lingoa trava.
Desta sorte Cauhy o antigo nome,
E sob a nova fórma inda parece,
Que da antiga paixão se não esquece,
Pois, se apar d'agua brota, sobre a mesma,

Como para abraça-la, os ramos curva:
Tu, ó caro Botelho, que soltando
A' fantazia as azas vivamente,
Com o subtil pincel imitar sabes
Da bella Natureza as varias obras;
Tu pódes (se te praz) com mais viveza
Tecer em rico quadro a triste historia.
Eterno assim faremos nosso nome;
Tu com as tintas poetando aos olhos;
Eu pintando aos ouvidos com palavras;
Tu com os teus pinceis, eu com meus versos.

De Antonio Diniz da Cruz.
Elpino Nonacriense.

O D E.

. . . . Perigosos
Formosissimos olhos, que a robustos
Izentos corações dão triste vida.
Cerco de Diu. Cant. 17.

QUaes as chammas do raio despedido,
Quando no bojo do Ethna
Se despenhão, lhe abrazão as entranhas,
Treme o volcão, e muge:
Já crescem, já borbulhão, já rebentão
Pelo abrazado cume
Horrisonos trovões ennovellados
De fogo, e rôxo fumo;
A labareda aguda vai irada
Romper aérias nuvens;
E de metal os liquidos ribeiros,
Por entre rotas fendas,
Fumegando estridentes, precipitão
Affogueadas ondas....
Musa, que tom he este estrepitoso,
Desconforme do assumpto?
Pindaricas refregas do Estro antigo
Soão ainda as cordas?
Quando tomei nas mãos a eburnea Lyra,
E quando ao Pindo os olhos
Volvi para invocar-te auxiliadora,
Só quiz cantar Anarda.

Vamos a Idalia, ó Musa, aos santos bosques;
A's namoradas murtas,
Onde Amor, onde Venus tem depostos
Os lidados transumptos
Das bellezas que ornárão o Universo.
E pois que me he vedado
Ver aquella, que tanto ver desejo,
Que ao longe tanto admiro,
Vejamos na figura alguns dos rasgos....
Musa, não he Helena
Essa que vindo apontas a essa base?
No pórfido gravado
Seu nome vejo, e de Ilion a ruina
Essa estatua fronteira
He Semiramis: lá batendo as azas
Lhe vem trazer sustento
Pelo ar talhado a próvida Nutrice.
Aqui Lesbia, além Cinthia,
E mais Gregas, e Lacias formosuras....
Busquemos a de Anarda,
Que não deve estar longe.... He esta, he esta
Que me fere a memoria
Seu retrato que o lindo quiz mostrar-me.
Quantas graças respirão
Inda no marmore! Nos olhos quantos
Piedosos movimentos!
Quão potente he de Amor a sabia dextra,
Que finge em pedra dura
De mostrações de vida! Os labios quasi
Para fallar descérra:
E rompendo na bocca ancioso passo
Está o efficaz rógo,

Para ir prostrar-se ante o sublime throno;
Em favor de votado
Do Mérito prestante, desvalido.
Aquellas mãos tão puras
De generosos dons estão pezadas;
E admiro enternecido
Com que agrado os reparte, e com que acordo.
Inda o lustre das prendas,
Com que as Graças o engenho lhe enfeitárão,
Está raiando airoso
Em redor deste seu gentil semblante?
Disseras que acabárão
De erguer a mão desse ultimo polido.....
Nisto me atalha a Musa:
» Não vês que he hoje o muito fausto dia,
» Em que, nos Ceos formada,
» Desceo de Anarda a formosura á Elysia,
„ Que d'ella se gloria? „

Do P. Francisco Manoel do Nascimento.
Filinto Elysio.

EPIGRAMMA.

COm pomadas, rebiques,
Aqui côr negra, além de azul as veias,
A mascara do rosto afformoseias,
Fillis. Ah, não caustiques
A sege, as bestas de correr cançadas,
A amostrar-te por templos, por moradas;
Manda lá teu criado,
C' o teu rosto pintado.

Do P. Francisco Manoel do Nascimento.
Filinto Elyssio.

Inscripção no pedestal de huma estatua de Cupido.

Qui que tu sois, voi lá ton Maitre:
Il l' est, le fut, ou le doit être.

Crú tyranno, com gesto brando, e bello,
He, ou foi teu senhor, ou tem de sê-lo.

Do P. Francisco Manoel do Nascimento.
Filinto Elysio.

Na tomada de Badajoz.

SONETO.

CAhio... vencemos... Bravos Lusitanos;
Destemidos Bretões a tem prostrado:
Debalde Badajoz tinha ostentado;
Das Armas vencedoras cede aos damnos.

Deoses, que vêdes lá do Olympo ufanos
Vencer hum Reino, que vos he prezado,
Os dois Heroes, que á Lysia haveis mandado;
Recebei entre vós, Deoses Sob'ranos.

Elles da essencia humana se háo despido;
Por seus heroicos feitos assombrosos
A' essencia de Numes tem subido.

E vós, Lysia, exultai; que a seus famosos
Guerreiros braços vosso braço unido,
Ganhareis mil tryunfos portentosos.

Aos Portuguezes.

SONETO.

NÃo frustrados exemplos nos deixárão
Gama, Albuquerque, e Castro portentosos;
Igual nome a seus nomes gloriosos
Hoje mer'cer os Lusos procurárão:

As barreiras temiveis, que os cercárão,
Ei-los já affrontando valerosos;
E da Guerra os caminhos escabrosos,
Quaes aprazIveis campos encarárão.

Os tempos dos Affonsos revivêrão:
Despertou o valor adormecido:
As Armas Inimigas se abatêrão:

Armas, que o Mundo olhava esmorecido,
Os fortes Portuguezes não temêrão:
Da Gram-Bretanha ao lado as tem vencido.

Na Restauração de Lisboa.

SONETO.

AS Leis da Humanidade aos pés calcando,
O Despotismo em Lysia dominava;
Tyranno Usurpador, que a manea tava,
O pranto da infeliz via mofando:

Eis que a Razão aos corações fallando,
A sacodir o jugo os animava,
Razão brilhante, que dos Céos baixava,
Os opprimidos Lusos confortando.

Pela Amizade tres Nações ligadas
Jurárão da Justiça ante os Altares
Ver as Aguias altivas destroçadas.

Ei-las dispersas já cortando os ares:
As palmas da Victoria lhes são dadas;
He tempo, he tempo, ó Lysia, d'exultares.

Na mesma occasião.

SONETO.

MUsas basta de pranto, erguei a frente,
Hymnos cantai á doce Liberdade,
Que a Patria livre já da crueldade
Os grilhões, que arrastou, piza contente.

Qual d'entre as nuvens sahe o sol luzente,
Dissipando a medonha escuridade;
O clarão da Justiça, e da Verdade
A chusma dos Tyrannos pôz ausente.

Musas, reviva o Estro amortecido;
Vosso canto atégora suffocado
Seja nas azas do prazer erguido:

Cantai o Luso Throno restaurado,
Por infamias, por crimes abatido,
Pelas mãos da Virtude levantado.

SONETO.

Que torpe Monstro, fero, truculento
De descarnada ossada carcomida,
C'o assacalada fouce no ar erguida,
Vejo entrar pelo pálido aposento?

Da myrrada garganta o infecto alento
Sopra no rosto a Delia adormecida;
Vejo-lhe a côr murchar-se, e espavorida,
A alma deixa a morada, e esvahe no vento.

Mil Cupidos, sem arco, e passadores,
Vão chorando traz ella, assim cortada
Na quadra dos affagos, dos amores.

Quando eu hia sparzir, com mão magoada
O lindo corpo de saudosas flores....
Acordei ao cantar de Delia amada.

Do P. Francisco Manoel do Nascimento,
Filinto Elysio.

A hum grande Fidalgo prognosticando-lhe feliz successão em hum filho varão.

SONETO.

EU tenho, excelso Conde, hum livro antigo;
Nunca das mãos me sahe, ou da algibeira;
Que hum sigano deixou a huma Parteira,
A qual em vida quiz casar comigo.

Contém d'adivinhações hum longo artigo,
Signaes de parto pela vez primeira:
E trata esta questão em lauda inteira
La Dama encinta si trahe hembra, ó hijo?

Cómque, eu cá me entendo; isto supposto,
Quereis vós apostar hum tanto ou quanto,
Pois mais que o ganho, a perda vos dá gosto?

Se for varão, que venha a lume santo,
Perdeis huma casaca; e eu sempre apósto,
Sendo fêmea, atraz della andar de manto.

De Antonio Lobo de Carvalho.

Ao mesmo Fidalgo nascendo-lhe hum filho em dia de Santa Rita, como lhe havia predicto no Soneto antecedente.

SONETO.

SAnta Rita a impossiveis consagrada,
Todo o mundo a respeita com fé pia,
Diga Cassia, que incrivel romaria
Não cobre o seu altar, a sua entrada:

Mas com a illustre Condessa atribulada
Na acção do parto, cuja dor sentia,
Que fez a Santa Emprestar-lhe o dia;
Mas além disto não lhe fez mais nada.

Mais fiz eu: que observando o meu Planeta,
Bemque sou dos futuros lingoa fraca,
Vaticinei hum Conde em linha recta.

Morda-se a inveja agora impia e velhaca,
E emtanto accendereis a este Profeta
Tres vélas de calção, vestia, e casaca.

De Antonio Lobo de Carvalho.

EPIGRAMMA.

Hum pobre esfarrapado, quasi nú,
Mostrava o peito, e o ventre nú e crú.
Ferrolhado em gaiola
Por ter escandalizado
Boas almas, a quem pedíra esmola;
Citáo-lhe as testemunhas,
Que elle tinha citado:
Vem mulheres, que em suas caramunhas
Asseveráo jurando
Bem terem visto o roto pobre, quando
Ante ellas esmolára;
Mas nenhuma na cara lhe encarára.

Do P. Francisco Manoel do Nascimento.
Filinto Elysio.

SONETO.

Feita a Cêa, ora ao Pai; e em agonia
Sua sangue; o traidor o entrega; e prezo,
Vai de Annaz a Caifaz, e com desprezo
A Pilatos Herodes Rei o envia.

No Atrio aclamado Rei por zombaria,
Depois de flagellado, e indefezo,
Exposto, e sentenciado; o grave pezo
Da Cruz para o Calvario aos hombros fia.

Nella entre dois ladrões crucificado;
Tem sêde; dáo-lhe fel, e por memoria
Dá (depois de hum mortal clamor profundo),

Aos algozes perdáo, ao ladráo gloria;
O Filho á Mái; a Mái ao Filho amado;
A Alma ao Pai, e a Redempçáo ao Mundo.

SONETO.

MAis do que filha, Esposa de Timante
A minha condição me representa;
Se hum dos dous ha de ter morte violenta,
Perca-se o Pai; mas fique salvo o Amante.

Perdoe-me a paterna sombra errante,
Se a filha ingrata ao sangue hoje exprimenta;
Tambem do Esposo a imagem macilenta
Bem vês, ó Pai, que se me põe diante.

Ambos vós concorreis a atormentar-me;
Mas já me não permitte a minha sorte,
Que eu possa de Timante separar-me.

Em fim, ó Pai, não quero a tua morte:
Mas tenho obrigação de não matar-me;
A vida vou salvar na do consorte.

Polvina vê sacrificados á morte o Pai, e o Esposo: póde salvar a hum, e não lhe he possivel salvar a ambos: qual dos dois deve salvar?

DECIMA.

NO mesmo lance se via
À Mãi, que vinha de Torres;
E disse : ó meu Pai, tu morres?
He forte semsabòria!
Mas para minha alegria
Cá fica Manoel Coelho,
Pois sempre he melhor conselho
Mais que Pai, Marido ter;
Que em fim morrer por morrer
Morra meu Pai, que he mais velho.

Feito o Soneto antecedente, para que lhe désse a sua àprovação, o remetteo seu Author ao Padre Braz da Costa, o qual lhe respondeo nesta Decima.

Ao Senhor João Daniel de Bruyn.

O D E.

. . . . Neque
Si chartæ, quod benefeceris
Mercedem tuleris.
Horat. lib. 4. Ode 8.

QUando arde o antigo, e o novo mundo em guerra,
E os dois rivaes Imperios,
(Quaes Carthago mercante, e a inquieta Roma,)
No equoreo campo lutão;
Descem florestas dos erguidos montes,
E á sábia voz do Artista
Tomão azas os despojados róbres;
Na decotada cima
Temúla a famula em lugar das folhas,
E dos magicos pórtos
Novas aves transpõem o mar voando
Entre nuvens de escuma:

Os bravos Almirantes fogo a fogo;
Sobre as nadantes quilhas
Pelejão pela patria, e hum nome ufano;
Mas a cega Fortuna,
Sem respeito aos Heroes, dispensa as bulhas;
Os d' Estaings são feridos
Como o inexperto, timido soldado.
Tropeçando em perigos
C' uma venda nos olhos caminhamos
C' o acaso, e o medo ao lado:
As Graças dão a mão á formosura,
E a estrada lhe alcatifão
De rosas, que envenena a desventura:
Em torno das Tiaras
Os precursores d' Atropos revoão;
E a morte, que inda o poupa,
Desafia sem causa o temerario;
Semque escape da foice
O Ministro prudente, que combina
As sortes dos Monarchas.
Já revolvida a urna dos destinos,
Jove tirou infausto
A espada, que esgotou em Syracusa
O sangue d' Archimedes;
Jove mesmo expedio ao pintor Rhodio
As mercês do Demetrio.
Não se abrem menos promptos aos talentos
Os cancellos de Dite;
E os caminhos Tartareos vão cubertos
De suspiradas almas.
Nem tu, de Bruyn, os Cressos, os Seyanos
Creias mais venturosos:

'A vida alonga o que melhor a emprega;
O que a mão bemfeitora
Estende ao innocente, inteiro amigo,
E o esquiva aos revézes
Que a recatada inveja lhe prepara;
Ou que o toma nos braços,
Quando a calumnia o offusca, ou c' um encontro
O derriba da roda.

Do P. Francisco Manoel do Nascimento.
Filinto Elysio.

A Camões.

O D E.

Fond, impious man! thin K'st thou yon sanguine cloud
Rais'd by thy breath, has quench'd the orb of Day?
To morrow he repairs the golden flood,
And warms the Nations with redou bled ray.
Gray: Od: 6. Ep: 3.

Impio, nescio mortal! pensas que a nuvem,
Sanguinea, que tespiras
Do dia apague o Orbe?
A manhã, reparando as aureas ondas,
Abrilhanta as Nações com luz dobrada.

SErás lido, Camões, em quanto o Luso
Livre aos ares erguer a heroica frente;
Em quanto os nossos campos
Bacho, e Ceres adite, e Flora enfeite:
Em quanto, revolvendo
Auri-nitidas ondas, leve o Tejo
Mais guerta, que tributo ao Rei dos Mares.

Pinceis, Boris, e Marmores, e Bronzes,
Embora eternizar a gloria intentem

Desses Grandes, que o Mundo
Mal diz genuflectindo! a máo do Tempo
Faz a hum ligeiro toque
Derrubados cahir, rodar no Olvido
Monumentos, Piramides, e Bustos. (1)

Assim pelos desertos forra o musgo
Do impio Tyranno o Mausoleo pomposo,
Que inerte pó cobríra!
Mas do Sabio, e do Vate enflora a urna
Justa Posteridade;
E a Patria saudosa vê seu nome
Reflorecer co' a morbida verdura!

Tal reflorece tu! de Phebo ao lado
Inda embocas erisona trombeta,
Que, retinindo ao longe,
O peito accende, e a côr ao gesto muda;
Inda avidos Alumnos
Bebem lições preciosas no teu Canto,
Cujo brado aos dois Orbes se destende.

Promptos co' a vista em ficto elles não podem
Seguir-te por luz fluida navegando

---

(1) The cloud-capt Towers, the gorgeous Palaces,
The solemn Temples, the great glob it self,
Yea, all which it inherit, shall dissolve,
And like the baseless fabric of a vision,
Leave not a wreck behind.

Sha kespeare.

A espaços sem medida!...
Quando da Guerra allardeando as Scenas
Mostras o immortal Nuno,
Que pelo Rei, e a Patria arranca a espada
Ameaçando a Terra, o Mar, e o Mundo!

Aqui fera batalha se encruece
Com mortes, gritos, sangue, e cutiladas,
E de Magriço aos golpes,
Cahe a soberba Ingleza do seu throno!
Quem tinge em sangue as armas!...
Quem co' cavallo em terra dando, geme!...
Quem c'os penachos do elmo açoita as ancas!

Quando Neptuno sobornado ordena,
Que desenclaustre Hypotades soberbo
Os ventos, que dormião
Pelas covas escuras peregrinas,
Quem ha hi, que não trema
Vendo as náos em tormenta, o mar roncando,
E os raios, em que o Polo todo ardia? (1)

Não vai mais doce desdobrando as ondas
Remanso sem rumor como os do Lethes,
Que de Ignez os queixumes
Ante o Rei já movido á piedade.
Ignez, de quem saudosas
As Filhas do Mondego a morte escura
Longo tempo chorando memorarão.

(1) Camões est le Virgile Portugais admirable dans l'art de peindre les objets phantastiques. *Baillet.*

Donde houveste o Pincel, com que traçaste
O véo de rôxos lirios pouco avaro,
Que a' Venus cinge a forma,
Porém nem tudo encobre, nem descobre!
O sorrir lacrimoso, (1)
E nas columnas morbidas trepando
Desejos, que como hera se enrolavão?

Compungem-se os rochedos quando a Affonso
Soccorro implora a candida Maria
Contra a chusma Africana,
Que a vivos medo, e a mortos faz espanto!..
Quando em ais suffocada
O rosto banha em lagrimas ardentes,
Como co' orvalho fica a fresca rosa!

Para acolher de Lysia os Navegantes,
Que tanto mar, e terras tem passado,
Eis brota hum novo Elysio!...
Mil arroios sossurrão! embalsamão
O ar milhões de Flores!...
Mil varios animaes nos prados girão,
E mil aves descantão sobre os ramos!...

Os dões, que da Pomona, alli Natura
Produze, differentes nos sabores;
Alli limões viçosos
Estão virgineas tetas imitando;
A purpurea cereja

(1) Δακρυεν γελασασα

Hom. Iliad. l. 6.

Co' a larangeira lustra, e o Persio pomo
Melhor tornado no terreno alheio!

Mas prodigio maior, ficção mais rica,
Tudo teu! tudo assombro eis chófra aos olhos! (1)
De procelosa noite
Horror dobrando a horror, lá ergue a fronte
Adamastor terrivel!...
Solto funesto agoiro, e lida em balde
Para o Gama torcer da heroica empreza!

De nobre emulação n'alma pungidos
Os Numens da Epopeia, que te ouvião
Em pasmoso silencio
Rompem o applauso aqui, cedem-te a Laurea;
Discordes não decidem
Qual tem preço maior, mais jus á Fama
No quadro original, desenho, ou côres.

Mas torpe inveja ao merito não deixa
Saborear em paz da gloria o Nectar!...
Onde ha mais luzimento
Mais se envipera; a tudo inverte o nome (2),

---

(1) La descripcion du Geant Adamastor, le Gardien du Cap des Tourmentes est une peinture des plus Poetiques, que l'imagination puisse se-former, l'idée en est touchée avec une force, qui saisit, eteleve l'Esprit. *Mr. du Carlẽngas.*

(2) Ella que acceita a empreza contra vivos,
Por mais se enviperar em sanha nova,
Nestes da culpa espiritos captivos
De tormentos crueis faz dura prova.
Mouzinho. Aff. Afric. Cant. 1.

Os vivos atassalha;
Mortos não poupa; Tumulos profana;
As urnas despedaça, e cresta os louros.

Seus ultrajes sentio de Smyrna o Vate (1)
De Sulmona o Cantor (2) de Mantua o Bardo, (3)
Que, no Jardim das Musas,
Como hum Cedro no Libano se eleva!
Nem tu proprio lhe escapas
Oh Camões immortal! oh gloria Lusá;
Posto Divino em metro, em voz Divino!

Eu vejo levantar da fanje impura
Da ignorancia, e do crime, em que rojára,
Negro Zoilo, que intenta
Teu nome denegrir, e entrar na arêa
Onde unico triunfaste!... (4)
Côrvo quer revestir do Cisne a alvura!
Ganço quer emular d' Aguia o remonte!

Mas justa lei de imparcial censura
A's mãos da Zombaria em pena o deixa
Que, azindo-lhe da grenha, (5)

---

(1) Homero.
(2) Ovidio.
(3) Virgilio.
(4) Lustravitque fuga mediam Glaudiator arenam. *Juven. Sat. 2.*
(5) Paris ajoelhou, a que o valente
Menelao corre, e azindo-o da cellada,
Arrastrando o levava, onde o fim dera,
Se Venus, que istò vio lhe não valêra.
Gabriel. Per. de Castro.

Tres vezes o voltea em giro á fronte,
E atordoado o arroja
Ao somnolento rio, onde, de chófre,
Cahindo, vai qual chumbo ao fundo, e fica.

Tal Salmoneo rodando em bronzea ponte,
E o faxo sacudindo, do potente
Therpicheraunio Jove (6)
Relampago, e trovão contrafazia;
Mas irritado o Numen
O não fingido raio assesta ao impio, (7)
E com ponte, e quadriga em cinza o funde!

De José Maria da Costa e Silva.
Elpino Tagidio.

---

(1) Fulmine gaudens.
Homero.

(2) Quatuor hic invectus Equis, et Lampada quassans,
Per Graium Populos, mediæque per Elidis urbem
Ibat ovans, Divumque sibi poscebat honores,
Demens! qui nimbos, et non imitabile fulmen
Œre, et cornipedum cursu simulabat Equorum.
Ac Pater Omnipotens; densa inter nubila telum
Contorsit (non ille faces, nec fumea tædis
Lumina (præcipitemque inmani turbine adegit.
Virgilio Eneid. Liv. 6.

O D E.

Non gemmis, neque purpurâ venale, nec auro.
Horar. lib. 2. Ode 16.

QUando sinto subir-me á memoria
As imagens dos annos sobrósos;
Quando a infancia com brincos donosos
Me ensinou a alegrar;
Bem quizera despir-me das honras,
Crûs tyrannos dos meigos prazeres,
Dar de mão ao renome, aos haveres,
E á puericia tornar.
Senão dão nome illustre, e riquezas
Desatado theor de alegria,
Mais valor me merece hum só dia
Que essa infancia alegrou,
Que trinta annos de insipido fausto
De lisonja maldada, malvista,
De cançada etiqueta, malquista
C'um taful como eu sou,

Do P. Francisco Manoel do Nascimento.
Filinto Elysio.

O D E.

Quantus eram pharetra cum protinus ille soluta,
Legit in exitium spicula facta meum,
Lunavitque genu sinuo um fortiter arcum,
Quod canas, Vates accipe, dixit opus.
Me miserum, certas habuit puer ille sagittas?
Uror, et in vacuo pectore regnat amor.
Ovid. lib. 1. Amor Epist. 1.

QUando á cythara de ouro a mão lançava
Para entoar a Lusitania gloria,
Hum Deos de sobre as cordas se levanta
Joven, formoso, e meigo;
Que o braço recostando sobre a meza,
Affavel me induzia a que cantasse,
E que elle o canto meu reforçaria,
C' um, que escutára ás Musas.
C' os dedos tenteando os sons Thebanos,
Desusada responde a molle Lyra:
Brandamente me dá de Anfrisa o nome
Entre harmoniosas falsas (1).
Então conheço o Deos, que ri, e zomba
Do azedo enfado, com que o arguo de impio:

(1) Quanto molliores sunt, et delicatiores in cantu flexiones, et falsæ voculæ quam certæ, et severæ?

Cicer. de Orator. Lib. III. Cap. 18.

» Não bastão, Deos maligno, inda não bastão
» Seis lustros de servir-te ?
» Já Lálage cantei, cantei Delmira,
» E a minha escravidão, e os teus triunfos :
» Já a meus cançados cantos dá de rosto
» A livre Mocidade,
» E inda zombas das cãs.. das cãs nascidas
» Nos pezados grilhões de teu Imperio ?
» Veterano soldado lograr devo
» Emerito descanço. »
Nisto me torna o Amor : . . » Canta a teu gosto
» Fortes Castros, e duros Albuquerques :
» Desfere a voz, a cythara tempera,
Cinge-te a ganhar louros :
» E este farpão te esperte a voz, e o canto. ¿
Na córnea Lua o embebe, e a mim fréchado
No coração me cála . . . Os ais rebentão,
Os suspiros recrescem.
» Canta os Heroes (me insulta o Deos protervo)
» Canta se pódes. » --- Eis que as azas bate,
E aos ares se remonta, celebrando
A certeza do tiro.
Eu arrancar do peito a setta hervada
Em vão forcejo . . . As farpas prendem na alma,
C' o joelho em terra ao perfido, que foge
Brado em desfeito pranto :
» Perdoa, ingente Nume, Amor perdoa.
» Não quero Heroes cantar; louros engeito.
» Meu Heroe, minha gloria, minha Musa
» Será desde hoje Anfrisa. »

Do P. Francisco Manoel do Nascimento.
Filinto Elysio.

ODE

A' Immaculada Conceição de Maria Santisima Senhora Nossa, que recitou no Monte Menalo aos 8 de Dezembro de 1757 Elpino Nonacriense.

AH! longe, longe deste fertil monte
A's Musas consagrado indocil vulgo
Vulgo profano,
A cujo rude espirito não move
O sagrado furor, que nos transporta:
E vós, almas sublimes,
A que inflamma hum ardente amor das Musas,
Attenção, que hoje intento em novo estilo
Tocar a agreste frauta;
Sinto, sinto elevar-se pouco a pouco
O meu humilde engenho. Em outra especie
Mudar me vejo:
Ah! já não sou, não sou o rude Elpino
Pastor da bella Arcadia! Estes campos
Não são do claro Alfêo:
Onde está Melibeo? Onde a cabana
Do guardador Albano? Onde Sicreno!
Montano, e os mais Pastores!
Hum occulto poder da humilde terra

Suavemente me eleva a minha frauta
Em som mais alto,
Qual armoniosa trompa rompo o vento
Até o ar, que respira he mais sereno
Ao que entre as densas nuvens
Eu vôo, eu vôo, e em circulos velozes
A' guia do sol ás luzes me remonto
Em desenvolto adejo.
Mas que vejo, oh Ceos! que horrida serpente
Naquelle inferior globo se sustenta:
Ai que de mortes
Entre os seus habitantes semeando
Está o horrivel monstro; huns entre as garras
Furioso despedaça,
Outros devora, e ainda palpitando
No immundo ventre encerra, outros estala
No vinculo que tece
C'o a voluvel cauda, e os mais distantes
Com o ar, que inficiona respirando
Miseramente mata
Em todo o globo se derrama
O seu mortal veneno; em toda a parte
Arde o contagio;
Que lastima! Não ha quem lhe resista;
Tristes mortaes, não ha quem vos soccorra,
Quem de vós se enterneça!
Mas que brilhante luz, qual a da Aurora,
Na fresca madrugada lá do Oriente
Pouco a pouco apparece,
Oh Ceos! oh nunca vista maravilha!
Huma pura mulher toda vestida
Do Sol brilhante,

De lucidas Estrellas coroada,
Pizando a branca Lua, he quem espalha
A luz formosa, e pura;
Já com seus raios o ar se purifica,
E como com o Sol a densa nevoa
Se desfaz o contagio;
Oh que formosos passos que vem dando!
Toda de graça cheia! A' sua vista
O Dragão fero
Da escamosa cabeça as grossas conchas
Horridamente errissa: os olhos tinge
De negro immundo sangue,
Das entranhas respira hum vivo fogo,
Que abr zando o contorno o deixa cheio
De hálitos venenosos:
Ai que contra a bellissima Donzella
Tremo de horror! furioso se arremessa
Para tragalla;
Já sobre o meio corpo se levanta,
C'o a cauda o ar açoita, e assobiando
Vibra a farpada lingoa.
Já, já para enredalla em largos giros
Humas vezes estende, outras enrosca
O corpulento vulto;
Mas em váo, mas em váo serpe enganosa,
A'spiras á victoria, em vão te canças,
Que a Mulher forte,
Qual o guerreiro exercito ordenado,
Terrivel te resiste. Ah! já lhe cedes?
Já lhe deixas o campo?
Já foges? Já te segue? já te alcança?
E na torpe cabeça victoriosa

Te imprime a sacra planta.
Valerosa Mulher, tu só pudeste
Triunfar do horrendo monstro. Os teus louvores...
Mas que sonoras
Vozes no ar se dilatão! que vistoso,
Admiravel objecto absorto vejo
De Espiritos Celestes,
De esmeraldas curvadas, e diamantes,
Hum brilhante Esquadrão em torno o cerca,
Batendo as azas de oiro,
Huns sobre ella derramão ás mãos cheias
Huma nuvem de flores: outros cantão
Acordemente
Ao grato som de varios instrumentos
O seu triunfo. Oh! Bemdita entre as mulheres,
Exaltada na terra,
Qual no Libano o cedro junto d'agua,
Ou Platano frondoso, ou qual nos campos
A formosa oliveira
Entre as Filhas de Adão, qual entre espinhos
O puro, e branco lyrio resplandeces;
Toda sem mancha
Tu dos Córos Angelicos és honra,
Tu do Empyrio alegria, e da triunfante
Jerusalem és gloria.
Vem, ó Flor de Jessé, nova Rainha,
Esposa do Senhor, serás coroada
De palma, e de asucenas:
Mas que he isto? Eu estou na nova Arcadia!
Este he o mundo! E estes os Pastores!
Quem de repente
Entre vós me pôz! Como neste dia

Inda em silencio estais? Toca Mirtililo,
Toca a sonôra Lyra
Tu Coridon tambem; que as tuas vozes
Farão parar do Alfeo as frescas aguas,
E a musica das aves.

De Antonio Diniz da Cruz.
Elpino Nonacriense.

MORALIDADE.

HE nosso coração vorage immensa,
Em que honras, cargos, lûbrica ventura
São dos desejos vagos a mantença,
Que, gozados, òs manda á sepultura,
Para abrir nova boca á turba densa
De prazeres de nova formosura;
Quaes das talhas das Bélides impías
Se esvaecem as aguas fugidias.

Do P. Francisco Manoel do Nascimento.
Filinto Elysio.

ODE. (1)

. . . Nil sine magno
Vita labore dedit mortalibus.

Horat. Satyr. 9. lib. 12.

DA' demão á preguiça lisongeira,
Lança-a ao longe de ti; que não se alcanção
Os segredos das Musas sem fadigas,
Sem indefeso estudo.
Olha-as no cimo d'ingremes montanhas;
Applicadas ás artes engenhosas;
E em torno em seus assentos merecidos
Os cuidadosos Vates.
Olha a rama viváz, que a frente cinge
De Camões sublimado, e sonoroso:
Vê como o Adamastor desmesurado
Para elle se debruça;
E ao largo da alta espadua lhe dá móstra
Do honrado Cavalleiro, e gentil Dama,
Que vio morrer de fome os filhos caros;
Nas ardentes areias

(1) Ao Sur Ag. Routiez, que traduzia Camões.

Lá junto áquella fonte dos Amores
Olha as Nynfas do Munda; inda orvalhadas
As faces tem das lagrimas sentida,
Que por Ignez vertêrão.
Não o ouves tu na Lyra resonante
Cantar do Gama os improbos trabalhos,
Que as portas da Asia, superando riscos,
Se abrio ousado, e forte?
Lá vai surcando os mares do Oriente
No nadante baixel empavezado,
Tremóla as Quinas Lusas vencedoras
Junto aos berços da Aurora.
Cheio o peito de incognitos segredos,
Eis solta as vélas, fita em Lysia os olhos,
Os olhos satisfeitos, com que víra
As Indicas Neréas.
Esperado da bella protectora,
E das Nynfas, que Amor feridas tinha,
Os Amores lhe acenão; e os prazeres
Lhe estão abrindo os braços.
A virtude ergue o premio refulgente
Além de longas métas arriscadas;
Pede affrontados medos, pede p'rigos,
Aos que a arranca-lo correm;
Mas logo que vencidas as fadigas
Sobrepuja o valor, lá está assomada
A fama, que apregôa merecida
Bem conquistada gloria.
Ouviste o Canto?... Eis c'o a guerreira dextra
A's escabrosas fragas te convida:
Eis te aponta a vereda inda trilhada
De seus pés resolutos.

» Vem escutar-me, vem (te diz benigno)
» Se da Poesia os penetraes vedados
» Queres envestigar no almo congresso
» Dos immortaes Cantores.
» Rompe com passo ardido a encostadura,
» Esmaga espinhos, desmaranha balças:
» Filinto, a quem fiz certo o meu designio,
» Te esforçará os passos.

Do P. Francisco Manoel do Nascimento.
Filinto Elysio.

A Marcia.

O D E.

Dans le fond de forest votre image me suit;
La lumiere du jour, les ombres de la nuit,
Tout retrace a mes yeux les charmes, que j'evite.
Racine Phed.

ORa que a irmá de Phebo pela estrelada esfera
Rege o carro em serena magestade;
Nos limpidos remansos, que trepidos sussurráo
Seu claráo melancolico rutilla;
E o Zefiro adejando a custo abana, e treme
D' espreguiçadas arvores as folhas.
Quanto he delicioso vagar nesta campina,
Respirando os balsamicos perfumes,
Que as flores, que os exhaláo traidores nos delatáo,
Ouvir trinar saudosa Philomela,
Que da antiga injuria riscar náo póde a idéa,
E solitaria a conta á noite, as trévas!
Aqui desopprimida minha alma se dilata
Livre de inquietaçáo, longe ao desgosto.
Doce tranquillidade no peito se ensinua,
E hum momento me esquece que sou homem!

Mas que fatal lembrança de novo a paz desterra
Marcia!.. oh meu bem!.. teu riso, teus encantos
Da torre da esperança ao longe me allicião
Com o magico fanal doutros prazeres!..
Oh como atropellado decorre o sangue as veias!..
Que medonho! que lúgubre este sitio!
Adeos, oh Philomela, oh bosques, oh regatos!
Sem Marcia para mim nada ha formoso!

José Maria da Costa e Silva.

ENIGMA.

Os homens, e animaes, valles, e montes
Envolvo no meu manto, e não me sentem:
Por seculos perennes me consentem
Mui largo imperio nesses horisontes.
Eu sou a mãi da noite atraiçoada;
E quer-me a morte companheira sua,
Como ella á formosura sou malvada,
E apago quanto aclara o sol e a lua.
Se a lua tem do sol a luz devida,
Elle guerra comigo traz renhida:
E o sol que tudo vê não póde ver-me,
Que ante elle mesmo, eu sei delle esconder-me.

Do P. Francisco Manoel do Nascimento.
Filinto Elysio.

EPIGRAMMA.

Venho attonito (muito serio hum dia,
Certo Romano ao grave ancião dizia)
Catão, Catão, hum rato todo o couro
Me roeo do sapato!... Fora agouro
Mui máo (Catão responde) se o sapato
Roesse o couro ao rato.

Do P. Francisco Manoel do Nascimento.
Filinto Elysio.

O D E.

Prole dos Numes, quasi Nume, e Vate,
Vive no tempo, na Memoria vive,
E vai do tempo, da Memoria aos Astros
Converter-se em porção da Eternidade.

Bocage.

LOngo tempo carpio o sacro Pindo
Do Meónio Cantor a morte escura. (1)
Murcharáo da Castalia os verdes louros,
Turvou-se a clara lympha.

Calliope, que outrora repartia,
Das fadigas o premio, sempre a raios,
As vestes, que trajava magestosas
Troca em funereo lucto.

Deixaráo de existir Permesso, e Musas
Se o Vate, honra de Mantua, náo volvesse (2)
Ao Coro Santo a magestado, os dias
Do prófugo Saturno

(1) Homero.
(2) Virgilio.

Ganhou nome immortal de Luso a Prole
Depois que ao som da Lyra (1) decantados
Forão seus feitos, que a memoria zela
Por seu, e timbre nosso!

Por vós mais honra accresce as gratas Musas
Cantor da Gloria, Pindaro do Tejo (2)
Atilado Garção, Filinto, (3) e outros
Da lei da morte isentos!...

Nem tu me esquecerás, Thomino egregio, (4)
Cuja mente, nos Delphicos adejos,
A terrea estancia desdenhando absorta,
Entre os astros fulgura!

Porém novo clarão de luz Phebea
Surge no ameno, bipartido monte,
Que mil raios á terra despedindo
De estranho brilho a cobre!

He teu genio grandiloquo, facundo,
Arguto, magestoso, grave Elpino, (5)
Das Aonias irmãs mimoso alumno,
Oh Vate, oh quasi Nume!

Nos metricos ensaios adestrado
Tentas da gloria o nebuloso cume,

---

(1) De Camões.
(2) Antonio Dinis.
(3) Francisco Manoel.
(4) Santos e Silva.
(5) O Senhor José Maria da Costa e Silva.

Que avistas não distante, e aonde em breve
Te aguarda a sacra Diva.

A passos giganteos avanção muitos,
O difficil accesso não medindo;
Porém da recta senda extraviados,
Desmaião, ou falecem.

Não assim o teu genio, raro Elpino,
Que teus dias votando ao serio estudo
De arduas combinações repleta a mente,
Vês rebentar o fructo.

Bemque pela invenção louros não ganhes,
(A tuba de Caliope embocando)
Interprete fiel colheste as palmas
De Aganipe regadas.

Da Grecia revocando ao Patrio Tejo
Heroismo, valor, moral, pericia,
Te eriges hum Padrão vedado ás iras
Dos Zoilos, e dos tempos.

Alçando o collo de Meonia o Cisne,
Olhos fitos em ti, applaude, acata
A penosa tarefa a que te deras
Ancioso, prolixo!

Contempla de Peleo o filho altivo,
Raio ardendo em vingar do amigo a morte,
Derrubar a seus pés Heitor, fartar-se
No sangue dos Troianos.

Do Xanto avermelhar soberbo as aguas,
Juncando de cadaveres a terra;
Demolir de Dardania os fortes muros,
Terrivel, furibundo!

Entregue ao ferro, ao fogo, em cinza, hum ermo
A misera Cidade, duvidoso
Quem melhor temperou as varias cores
De ti concebe inveja.

Assim qual cedro eterno, que arreigada
Tem no abysmo a raiz, no Ceo a coma,
Dos enraivados Euros escarneia,
A guerra que lhe movem;

Tal do genio escudado o Vate eximio
Sarcasmos, invectivas rebatendo,
Tem da gloria em si mesmo o brado, a c'roa,
Que os seculos respeitão.

De Pedro Ignacio Ribeiro Soares.

A' Esperança:

O D E.

Sperat infestis, metuit secundis
Alteram sortem bene preparatum
Pectus.... Horat. lib. 2. Od. 10.

I.

VEm, vem, doce Esperança, unico allivio
Desta alma lastimada;
Mostra na c' roa a flor da amendoeira,
Que ao Lavrador previsto,
Da Primavera proxima dá novas.

II.

Vem, vem, doce Esperança, tu que animas
Na escravidão pezada
O afflicto prizioneiro: por ti canta
Condemnado ao trabalho,
Ao som da braga, que nos pés lhe soa.

III.

Por ti veleja o panno na tormenta
O mareante affouto:
No mar largo, ao saudoso passageiro,
(Da esposa, e dos filhinhos)
Tu lhe pintas a terra pelas nuvens.

IV.

Tu consolas no leito o laço enfermo,
C' os ares da melhora:

Tu dás vivos clarões ao moribundo,
Nos já vidrados olhos,
Dos horisontes da Celeste Patria.

V.

Eu já fui de teus dons tambem mimoso;
A vida largos annos
Rebatida entre acérbos infortunios
A sustentei robusto
Com os pomos de teus vergéis viçosos.

VI.

Mas agora que Marcia vive ausente;
Que náo me atenta esquiva
C' o brando mimo d' um de seus agrados,
Que farei infelice,
Se tu, meiga Esperança, náo me acodes?

VII.

Ai! que hum de seus agrados he mais doce,
Que o nectar saboroso;
He mais doce que os osculos requintados
Da namorada Venus
A que o Grego (1) póe preço táo subido.

VIII.

Vem, vem, doce Esperança, que eu te prometto
Ornar os teus altares
C' o a viçosa verbena, que te agrada,
C' o alinda flor, que agora
Enfeita os troncos, que te sáo sagrados.

Do P. Francisco Manoel do Nascimento.
Filinto Elysio.

---

(1) Anacreonte.

ODE

Traduzida de Anacreonte Poeta Grego.

I.

OH quanto he doce
Ir passeando
N'um prado em flores
Luxuriando.

II.

Aonde Zefiro
Brincando exhala
Suave aroma,
Que em torno cala!

III.

Olhar de Bacho
Arvores bellas,
Ir acolher-se
A' sombra dellas.

IV.

Terna donzella
Nos braços tendo,
Que toda Venus
Está vertendo.

José Maria da Costa e Silva.

ODE

Traduzida de Anacreonte Poeta Grego.

DAr-quero aos Atridas;
E a Cadmo louvor,
Mas da Lyra as cordas
Ressoão Amor.

De novo a encordoo;
Affino-a melhor,
Cantar tento Alcides
O grão lidador.

Mas trahindo os dedos
Ao seu tangedor
A Lyra entoava
Só notas de Amor.

Heroes para sempre
Vos deixa o Cantor,
Que a Lyra ressoa
Sómente de Amor.

José Maria da Costa e Silva.

A' Crã-Bretanha.

SONETO.

NÃo tanto hum dia Roma libertada
Do jugo de tyrannos oppressores,
Mais graças dava, dava mais louvores
Do grande Bruto á vingadora espada;

Quanto, ó nossa benefica Alliada,
Graças devemos dar-te inda maiores:
Teu braço nos vingou de vís traidores,
Nos trouxe a liberdade desejada.

Bemque d'Elisia já no seio ardia
O fogo de justissima vingança,
As chammas lhe abafava máo impía:

Em ti os olhos fita, em ti descança;
Tu arrancaste o sceptro á tyrannia,
Quebraste os ferros, que nos punha França.

Por huma Senhora.

A Lord Wellington.

SONETO.

OS grandes Vencedores, que abysmárão
O mundo com triunfos portentosos,
Sempre os ganhados louros gloriosos
Mil correntes de sangue lhe regárão.

As leis da humanidade quebrantárão,
Trazendo á terra males espantosos;
De montões de cadav'res lastimosos
Os degráos de seus thronos levantárão.

Roma, que o diga: Roma, que empunhava
Tantas vezes o sceptro da victoria,
Quantos milhões de vidas lhe custava!

Poupa-las, e vencer.... Tão alta gloria
Sómente para ti o Ceo guardava,
Wellington dino d' immortal memoria.

Por huma Senhora.

Ao mesmo.

SONETO.

MUsas, que ao sexo meu destes outr'ora
O dom Divino, a chamma endeosada;
Que deixastes a Grecia arrebatada
D' huma Sapho na Lyra encantadora,

Se do grande Colombo a grá Cantora
Bocage, aos astros foi por vós levada,
Dai-me o fulgor, a luz, que lhe foi dada,
Poisque mais digno assumpto eu canto agora:

Desencantar os Indicos thesouros,
Haver o novo mundo conquistado,
He jus para alcançar da Gloria os louros.

Mas quanto deve mais ser exaltado
Esse, que assombro nosso, e dos vindouros,
A Patria, a vida, os bens nos tem salvado!

Por huma Senhora.

A dois Irmãos da A., que são Officiaes do Exercito.

SONETO.

PAtria, Honra, Dever, tudo vós chama
Ao Campo da Batalha, Irmãos queridos;
Eia, voai a elle destèmidos;
Não teme a morte quem a Gloria ama.

Ao assustado pranto, que derrama
O Maternal Amor, negai ouvidos;
Ide no Amor da Patria, ide acendidos
Ganhar Nome immortal na voz da Fama.

Lançai os olhos n' apartada Historia,
Vêde, imitai o Portuguez brioso,
Após huma ganhando outra Victoria.

Renasça hoje d' Esparta o tempo honroso,
Em que o femenil sexo obtinha a Gloria,
Chamando a ella o sexo valeroso.

LYRAS.

I.

NEstes sagrados bósques, onde vivo
Retirado do mundo
Mal-assombrado e esquivo,
Dou repouso profundo

II.

Aos que deixando as Côrtes ambiciosas
Seu fausto e valimento
Nestas ribas viçosas
Buscão placido assento.

III.

Não venha aqui o Amor, que he captiveiro;
Que fora injusto aggravo
A hum Nume livre e inteiro
Pôr-lhe ao lado hum escravo.

IV.

A' amizade, que acóde c'o conforto,
A virtude offereço;
Aos naufragos dou portô,
Aos bons corôas têço.

V.

Quem com a medianîa se contenta
Goza de prazer puro;
Aura de vida o alenta,
Dorme são e seguro.

Do P. Francisco Manoel do Nascimento.
Filinto Elysio.

Ao senhor Henrique Leitão de Sousa.

ODE.

. . . . *Fugit retro*
Levis juventas, et decor, arida
Pellente lascivos amores
Canitie. Horat. lib. 2. Od. II.

I.

QUe errado pões, Leitão, a confiança
Nos annos folgazões da verde idade!
O sangue petulante,
Que pelas veias hoje se atropella,
Cansado da carreira,
Com frias vozes pedirá socêgo.

II.

Se amiudas sem termo as romarias
Aos templos de Amathunta perigosa;
O Cirio, que devoto
Arde ante as pulcras aras jactancioso,
Da rapida velhice
Derrengado o verás ao bafo inerte.

III.

Alterna c'o repouso as lidas duras,

Se queres estender da vida a têa:
O sabio não fatiga,
Além do justo, as serviçaes potencias
Nem sempre Hercules bravo
A clava meneou c'o a mão nervosa.

IV.

Couserva-te hum carão vermelho e nedio
Para o decimo lustro, quando as Nynfas
Começão a avistar-nos
No rosto as rugas, na cabeça as brancas;
Que guadio he então lograilas
C'o a côr sadia, e desempeno airoso!

V.

Como em Teios o verde Anacreonte,
Rosada a face, os olhos scintillando,
Chamava a desafio
As basofias da altiva mocidade;
E da Cyprina arêa
Sahia coroado c'o a victoria.

VI.

Aguçosas nos fião as tres velhas
O curto estame da veloz idade:
Só bem lhe aralha os fusos
Quem com sisudo freio leva a passo
O fogoso ginete,
Que relincha batalhas e carreiras.

VII.

C'o jogo, c'os passeios revezando,
E c' os sons de Melpomene e Thalia,
As matinas de Venus,
Alongarás o tempo inestimavel;
Verás dançar na bolça

As valem-tudo, fulgidas carinhas.

VIII.

E com novo vigor espairecido,
Ora na lyra cantarás as noites
Dos ledos aciprestes;
Ora o rival d' Ariosto trasladando,
Tomas quinhão na gloria
Da Tarasca immortal, sem par donzella.

Do P. Francisco Manoel do Nascimento.
Filinto Elysio.

A' Estatua Equestre.

Epigramma.

VE, Minerva, d' hum jacto só fundida
Com tanta perfeição a Estatua rara,
Que pezarosa de faltar-lhe a vida,
Diligente a animalla se prepara:
O ethereo fogo já c'o a mão erguida
Hia a infundir-lhe; mas suspensa pára,
Por não querer ficasse desta sorte
Huma obra immortal sujeita á morte.

De Joaquim Ignacio.

MEDE'A

TRAGEDIA DE SENECA,

ACTO I.

SCENA I.

Medéa.

OH Deoses conjugais, oh tu, Lucina,
Do leito gineal auxilio e guarda;
Tu, que a Tiphis o leme meneavas,
Pallas, na estranha náo domando as ondas;
Tu do sanhudo mar largo sob'rano;
Sol, tu que o louro dia ao mundo espalhas;
Tu, que aos callados sacrificios mandas
Confidente clarão, lua triforme;
Todos por quem Jason me jurou, Numes;
E, os que mais cumpre que Medéa implore
Cáhos de eterna sombra, e vós, oh reinos
Da celeste aversão, vós impios Manes;
Oh Rei do Solio lugubre, oh Rainha

Roubada com mais fé (1), com mais lisura,
Com vós infausta vos invóco, vinde.
Sol as as serpes da madeira impura,
E as mãos cruentas na affumada têa,
Vinde, oh Deosas, verdugas dos flagicios;
Vinde quaes me assististes furibundo,
E em pé contra o meu leito: horrenda morte,
Trazei á Noiva, ao Sogro, á regia stirpe,
Dai-me hum mór mal, com que prágueje o Esposo,
Viva assustado, odioso, foragido;
Corra erradio, e pobre estranhos láres;
Esposa me appeteça; e a porta alheia
Demande conhecido; os filhos sejão
(Porque mór mal não possa desejar-lhe)
Retratos de seu Pai, da Mái retratos.
Dei-os á luz, vinguei-me (2). Estou vingada;
Em váo semeio vozes, e queixumes...
E eu que poupo o inimigo... Os nupciaes fachos
Vou-lhe arrancar das mãos... e á luz ao dia.
Tanto esperas de mim, meu Regio Tronco,
Oh Sol, que o vês, que deixas ver-te, e manso,
No carro os campos médes retrilhados
Do azul convexo! Aos berços não recûas
Da luz infante, e o dia não recolhes?

---

(1) Proserpina roubada por Plutão. Toda esta Scena precisa de mais notas do que permitte a escassez desta folha, para os que não são versados nos usos dos Gregos e Romanos: os que a não entendem, não a leião, ou perguntem.

(2) Pela tenção que tinha concebido de nelles se vingar do Pai, matando-os como depois fez.

Dá-me as redeas, ó Pai, dá, que em teu coche,
Desatando a carreira pelos ares,
Dóme os brutos de bocas flamejantes.
Abraze-se Corintho, e a praia dôbre (1),
Os dois mares, mesclando as ondas, sorvão.
Mas só me falta o prónubo pinheiro;
Levar-lho eu mesma ao thalamo; e acabados
Os rógos e oblações, ferir-lhe as rezes (2)
No altar votado . . . Rasga, se és Medéa
Pelas entranhas pórta ao grão castigo.
Se inda do antigo ousar traços conservas,
Despe o femeo pavor, veste os espiritos
De empedernido Caucaso inhumano.
Sim, que este Isthmo verá quanto attentado
Já o Ponto, e o Phasis vio. De tropel na alma
Surgem-me horridas, brutas feridades;
A' terra, aos Ceos estranhas, e tremendas.
Feridas, mortes, e a funérea Clotho
Vagando pelas veias . . . Leves feitos,
Ensaios juvenis, quando eu Donzella.
Mas hoje que sou Mãi, dor mais pezada
Fórjo no meu saber, móres cruezas.
Apresta-te ira minha, o furor todo
Desfere em perdição . . . Fique em memoria,
Que emparelhou c'o a voda o meu repudio;
Mas, qual deixas, Medéa, o teu Esposo . . .
. . . Como quando o segui . . . Rompe as tardanças
A fé que o crime atou, o crime a rompa.

---

(1) Corintho, situada n'um Isthmo, estendia duas praias, huma para o mar Egeo, outra para o Jonio.

(2) Quer entender os filhos que teve de Jason.

CORO

Das Mulheres Corinthias, que canta o Epithalamio das vodas de Jason e Creûsa.

AOs thalamos dos Reis, prosperos Numes,
Os Deoses que o Céo pizão, que o mar regem,
Assistão, e os devidos, faustos votos,
Póvos exponde.
O dórsi branco touro, o cóllo erguendo,
Se proste ante os sceptrigeros celestes:
Novilha de alvo pêlo, ao jugo prompta
Dóbre a Lucina.
Réz mais tenra (1) á quem ata as mãos sanguineas
Do torvo Marte, e amiga infestas gentes,
No trasbordado corno a ampla abundancia
Próvida guarda.
Vem c'o as têas leáes (2), e a noite espanca

---

(1) Quer entender Venus que sabe sujeitar a Marte, e era huma das Deosas que principalmente invocavão no Matrimonio; ou talvez a paz, que he a mãi, e a fonte da abundancia nos estados.

(2) O Hymeneo.

C'o a dextra auspiciosa; aqui (cingida
C'o roseo laço a frente) os passos ébrios
Marcido guia.
Astro, que o dubio dia abres, e cérras,
(Tardo aos amantes) ávidas suspirão
Mãis, e Esposas, que os teus, quanto antes, soltes
Lucidos raios
Sobejo a virgem vence em formosura
Atticas noivas; nos Taigéteos serros
Quantas nas artes mancebîs exerce
Sparta sem muros;
Quantas no sacro Alpheo, na lympha Aónia
Se banhão. Ceda ao General Æsonio
(Se ao garbo dais a palma) a prole salva
Do improbo raio,
Que os tigres junge ao carro; e da asp'ra virgem
O louro irmão, que as tripodes revolve.
Ceda Pollux, e ceda o irmão, que os céstos
Déstro menêa.
Moradores do Olimpo, assim vos péço.
Realce a esposa a todas as consortes;
E Jason sobreléve em gentileza
A todo o esposo.
No coro virginal, quando Creûsa
Se presentou, gentil superou todas;
Que assim perdem c' o sol a formosura
Alvas estrellas;
Foge das pléias o apinhoado bando,
Quando acurvando a lua as cheias pontas
Com luzeiro não seu no trilho usado
Abrange o mundo
Tal córa alvo marfim, quando banhado

Na Tyria concha; ou tal da nova Aurora
Orvalhado o Pastor, de Appollo encara
Lucido brilho.
A' Aónia virge he (grato agora aos sôgros)
Dá a máo noivo feliz, que arrebatámos
Do horrido leito de improba Medéa,
A quem medroso
Com máo forçada contra ti cingias.
Folgai, moços, c' os licitos dicterios;
Lançai ás nupcias versos alternados,
Moços, e moças.
Dáo raras largas contra si os amos (1)
Briosa Próle de Lyeo thersigero,
Tempo era já de lançar fogo ao pinho
Basti-rachado.
C' os ébrios dedos a solemne chamma
Lhe sacudi: palreiro Fesceninno
Com vicios festivaes derrame; e a turba
Solte os seus ditos
Em muda escuridade busque o leito,
Aquella (2), que c' o esposo forasteiro
Anhelou desposar-se, indo fugida
De iras paternas.

Do P. Francisco Manoel do Nascimento.
Filinto Elysio.

---

(1) Falla da liberdade, que nos dias da voda tinháo os servos de dizerem a seus senhores todas as chufas, que pudessem fazer rir.
(2) Medéa.

A Amizade.

ODE.

Em 23 de Dezembro de 1786, dia dos meus annos.

Solem enim e mundo tollere videntur qui amicitiam e vita tollunt, qua a Diis immortalibus nihil melius habemus, nihil jucundius. Cicer. de amicit

Amitié doux penchant des humains vertueux,
Le plus beau des besoins, et le plus saint des nœuds,
Le Ciel te fit pour l' homme, et sur tout pour le Sage. Delille.

SE depois do infortunio de nascermos
Escravos da doença e dos prazeres
Alvos de invejas, alvos de calumnias,
Mostrando-nos a campa
A cada passo abérta o mar e a terra;
Hum raio despedido, fuzilando
Terror e morte no rasgar das nuvens.
O tenebroso seio,
A Divina Amizade não viéra
Com piedosa mão limpar o pranto

O embotar com dulcisono conforto
As lanças da amargura;
O sabio espedaçára os nós da vida,
Mal que a razão no espelho da experiencia
Lhe apontasse apinhados inimigos
C'o as cruas mãos armadas.
Térna amizade, em que teu altar tranquillo
Ponho, porque hoje e sempre arda perenne
O vago coração, ludibrio e jogo
Do zombador tyranno.
Amor me deo a vida: a vida engeito,
Se a Amizade a não doura, e não affaga
Se com mais fortes nós, que a Natureza
Lhe não atá os instantes.
Que só ditosos são na aberta lice
Dous mortáes, que nos braços da Amizade
Estreitos se unem, bebem de teu seio
Nectárea valentia.
Tu cerceias o mal, o bem dilatas,
E as almas que cultivas cuidadosa.
Com teu suave alento afformosentão
Medradas e viçosas.
Caia a desgraça, mais que o raio aguda,
Rebente sobre a fronte ao mal votada
Mais lenta he a quéda menos cála o golpe
No manto da Amizade,
E se déce o prazer, com ledo rosto
A allumiar o peito de Filinto,
A chamma sóbe, e vai prender seu lume
Na alma do flido amigo.

Do P. Francisco Manoel do Nascimento.
Filinto Elysio.

A Affonso de Albuquerque.

O D E.

I.

ONde me sobes, Musa?
Em que ousado licor me embebes a alma?
Estes ares são santos!
Esta montanha bipartida treme!
Os sacros troncos pavorosos vergão!

II.

Eis ó Deos! eis o Deos!
Santo furor me cála pelas vêas!
De hum sol estranho sinto
Allumiada a mente: lá se m'abrem
As portas do futuro a poucos francas!

III.

Qne estranhezas que eu vejo!
Corrido o véo aos quadros falladores,
Torna a vir apressado,
Lá me abre o tempo os cofres de diamante
Salvados d'entre as mãos do esquecimento.

IV.

Daqui, dalli prodigios
Se me escapão dos olhos cubiçosos:
As nove Irmans innuptas
N'hum novo canto estão lidando ardentes!
Huns aos outros mysterios se atropellão!

V.

Hum cisne côr de neve
Sóbe ao seio de Apollo auricrinito,
E lhe escuta os arcanos
Da divina harmonia. Move as cordas
Da eburnea lyra, embóca épica tuba. (1)

VI.

Tu cantarás ousado
Do rigido Albuquerque acções ingentes,
Os conquistados mares,
Os combates crueis, as leis pezadas,
Ao duro braço ousados Reis rendidos.

VII.

Em grandi-loquo canto
C'o alto Escriptor do mundo transportado,
Impávido Tyrustio,
Tu te aparelha ao grande pezo digno
De mais robustos hombros, que os de Homero.

VIII.

Bem vejo, inquieta Musa;
Lá me apontas Ormuz bombardeada;
Lá rompem os pelouros
Os muros flanqueados: lá se aluem
Casas, palacios, baluartes, templos.

IX.

Com luzido festejo
Vem do sagaz Sofi espavorido
O Embaixador faustoso;
Dormedarios servîs quadrupedantes
Fazem tremer, e retremer a terra.

---

(1) Francisco de Sá e Menezes, Author da bella Epopeia *Malaca conquistada.*

X.

Fervem as brancas ondas
Ante o tropel das prôas cortadoras:
A morte vai sentada
Sobre montões de agudas partazanas,
De espadas, de canhões, lá salta em terra.

XI.

Que prantos, que lamentos,
Ouço erguer das cidades abrazadas!
Aquella mãi afflicta
Lá véda o sangue ao filho: lá o deixa
Por acudir ao esposo meio morto.

XII.

Qual o espesso negrume
Estala entre o horrifico estampido
Nos orgulhosos montes;
Com colubrinos raios busca os freixos,
Fende as róchas, e abala, enreda os valles;

XIII.

Qual saraiva de settas
Se encrava pelos palpitantes peitos,
Os montes estremecem,
As cavernas retumbão, rios parão
C'o som da assustadora artelharia;

XIV.

Como a séva Thesifone
Baralha anciosa os campos matadores;
Como c'o as serpes crespas
Se farta em borbotões de sangue humano,
E as mãos ensopa em golpeados membros!

XV.

Tu desses de altiveza
Ardendo em chammas, Calecut potente:
Tomão leis de Albuquerque
Orfação, e Soár, Gerum, Mascate,
Socotará sadia, a enferma Jáva.

XVI.

Reis de Onor, de Narsinga,
Dobrai agora as timidas cervizes;
Grão Sultão de Cambáia,
Melique astuto, honrai o Lusitano;
Mandai beijar a mão que vos assombra.

XVII.

Tu Goa torreada,
Tambem curvas a não domada frente;
Do Hidalcão, do Sabaio
Levantas a obediencia, para seres
A cabeça do Luso, Indiano Imperio.

XVIII.

Eis em Maláca altiva,
Arvoradas as Quinas vencedoras,
Os idolos por terra;
Os sonhos de Mafoma sem valia,
E as thurîcremas aras a Deos dadas.

XIX.

Musa, ja vou cançando;
Poupa, poupa meu peito fatigado:
Dá arrojados vôos
Aos mimosos de Apollo, que decantem
Soberbos feitos em limados versos.

Do P. Francisco Manoel do Nascime
Filinto Elys

O D E.

. . . *Quem tu, Dea, tempore in omni.*
Omnibus ornatum voluisti excellere rebus.
Lucret. lib. 1. vers. 57.

NÃo quero cantar Moças, que estou velho,
Ensóço, e derengado:
Já pendurei de Venus nas paredes
Do namóro as insignias (1),
E a lira desmontei das meigas cordas,
Que, descantárão Marcias,
Delmiras, Elias, mil formosas Nynfas
Do saudoso Tejo.
Hoje o meu Araujo só pertendo (2)
Entoar nos meus versos.
Elle os finaes accentos do meu Canto
Acceitará benigno.
Se as flores me acceitou a formosura,

(1) Horat. lib. 2. Ode 26.
(2) O Illustrissimo Antonio de Araujo e Azevedo, então Embaixador na Haia.

Cólha a Amizade os fructos;
Mais sazonados são, se mais tardios
Os tributos do Outono.
Dize, oh Musa, quem deo prendas tão amplas;
Quem de indole prestante....
Eis rodear me vejo as Musas todas,
Clamando de contentes:
» Nós fomos quem no berço o embalámos
» Com Délias Cantilénas!
» Nós o talento, nós a mente vasta
» Lhe povoámos lédas
» De jucundo saber; de quantas artes
» Te enlevão, quando o escutas,
» Mas nossa mái Mnemósyne, que olhava
» Tão donosa porfia.
» A qual primeira, com seus dons o ornasse,
» Risonha nos reprende:
Que podeis vós sem mim? O saber todo,
— Que lhe verteis no engenho,
— Resvalerá, se o cravo lhe não pondes
— Da ferrênha memoria.
— Essa seja o meu dom, meu dom nativo;
— Com que me prendou Jove.
» Logo as graças das Musas companheiras,
» E, por todas, Aglauro,
» Como quem de maior thesouro he rica,
Diz com despojo airoso:
— E quando o vosso alumno tenha todas
— As artes, as sciencias,
— Bem encravadas c'o a tenaz memoria,
Qual he vossa ufania!
— Será sabio, e enfadoso como hum livro

— Se lhe falece o enfeite
— Do mimoso primor, da gala nobre,
— Que tudo affermoséa?
— Essa lhe damos nós; essa he o enlévo
Dos que melhor juizão.

Do P. Francisco Manoel do Nascimento.
Filinto Elysio.

A' morte d' Hercules.

CANTATA.

SObre o cabeço d'alto monte Oeta,
Q' entre as nuvens s'esconde
Envenenado Hercules raivoso
Suspira pela morte.
Da dor atormentado sóbe, e desce
Os desertos rochedos:
Ora c'o a forte dextra arranca os troncos,
Ora do peito, e braços
A pelle esfolla, a tunica esfarrapa,
Ensopado em seu sangue.
O mesmo Philoctetes foge ao vélo
Mais terrivel, que a morte!
Clama aos Deoses em váo, pois lhe náo deixáo
A dor, o atroz cilicio
Fixar no Olimpo os olhos criminosos.
Entáo o Heroe Divino
De seu Pai se recorda; junta os lenhos
Q'elle mesmo arrancára:
Em disposta fogueira estende a pelle
Do Leáo de Neméa,
Quer constante morrer pela virtude,
E clama a Phyloctetes,
Que lhe venha accender o lento fogo.

Oh lá, Philoctetes,
Atraz volta amigo,
Que bem não reflectes
No justo castigo,
Que os Deoses me derão,
Pois justos quizerão
Meu crime expiar;
Na nossa amizade
Fiel inda morro,
E a tua piedade
Teu digno soccorro
Ao ver meu tormento
Não deve hum momento
Meu fim demorar;
Dá fogo aos madeiros,
Que estão por meus lados,
Meus ossos inteiros
Do crime expurgados
Sepulta de sorte,
Que alguem minha morte
Não possa encontrar.
Se quanto te peço
Fazer-me promettes,
Em paga te offreço
Oh bom Philoctetes,
As settas que amigos
De tantos perigos
Poderão livrar.

Por João Vieira Caldas.

A' destruição de Cartago.

SONETO.

QUe acção foi destruir huma Cidade,
Que Africa coroou de eterna gloria?
Oh! não blasone o esforço da Victoria,
Que o rigor não se fez para vaidade.

Este successo na futura idade
Ignore-o a tradição, negue-se á Historia;
Que fora indigno emprego da memoria
O conservar exemplos á crueldade.

De caso tão fatal, tão lastimoso,
Não fique indicio, que recorde o estrago,
Entregue-o a fama a hum mortal segredo:

Que será a Roma muito mais glorioso
Não saber-se jámais que houve Carthago,
Que huma vingança, que parece medo.

Por Julio de Mello e Castro.

Ao Marquez de Fronteira, D. João de Mascarenhas, sendo Provedor da Santa Casa da Misericordia; foi benigno Protector dos Engeitadoss; e a esta grande piedade fez Francisco de Mascarenhas o seguinte

SONETO.

MArquez, esses pimpolhos animados,
Nos actos criminosos concebidos,
Ganhão comvosco o nome de escolhidos,
Perdem comvosco o nome de engeitados:

Dos carinhos dos pais repudiados,
Dos afagos das mâis destituidos,
Desprezo tudo ao tempo de nascidos,
Caricias tudo ao tempo de gerados.

Obre a maldade culpas insolentes,
Que em quanto da piedade sois columna,
Os engeitados viverão contentes.

Seu pai segundo sois: sorte opportuna!
Pois tem em vós os tenros inocentes
Na Roda do Hospital a da Fortuna.

FIM.

INDICE

Das Poesias, que se contem neste Livro.

*Todas as que levão este sinal * são de* Filinto Elysio. *Francisco Manoel do Nascimento.*

SONETOS.

O D E S.

EPIGRAMMAS.

OITAVAS.

ELEGIAS.

HYMNOS.

DECIMAS.

Erratas.			*Emendas.*
Pag. 1	verso 3	cuja dexctra	que na dextra.
3	v. 7	de arrojo	do arrojo.
8	v. 8	o viver contento	o eu viver contente.
16	v. 11	escondeste	escondestes.
16	v. 18	esperanças	esp'ranças.
17	v. 7	coroa	cr'oa.
20	v. 21	Cahos	cáos.
37	v. 20	Impavida	Impavido
38	v. 5	Em vão	em vão roncando.
Idem	v. 9	o	o filho.
40	v. 1	Cingi	Cinja.
43	v. 4	Jaceho	Jacho.
44	v. 20	Noxos	Naxos.
51	v. 7	Afluo	Afino.
Id.	v. 19	meo	o meu Macedo.
55	v. 18	Alcmano	Alcmena.
58	v. 12	Outro	hum.
Id.	v. 14	Alhé	alheio.
66	v. 8	moçantes	Remoçantes.
67	v. 14	impediste	me impediste.
74	v. 6	Reass	Reaes.
101	v. 17	cobre	cobrem.
Id.	v. 19	do Czar	desse Czar.
144	Ep. v. 2	o Lenæ	o Lenæe!
153	v. 7	esperanças	Esp'rança.

154 depois do verso terceiro falta o seguinte verso

Por teu sopro immortal sempre animado.

160 verso. Quando as chamão os pensamentos

Lea se

Quando ao mundo as chamava o pensamento.

Erratas.	*Emendas.*

Pag. 161 o verso quinto não he fim de falla, mas deve ler-se junto com o seguinte, sem fazer caso do nome *Ericia*, que erradamente se pôz á margem.

Pag.		Erratas	Emendas
62	29	si mesmos	a si mesmos.
Id.	30	anda	inda.
164	v. 12	anima	amima.
165		Escuta o coração da natureza.	

Lea se

Escuta o coração; da natureza.

Pag.		Erratas	Emendas
172	v. 23	Resistenda	resistencia.
174	v. 16	attèsaste	attestaste.
176	v. 12	Perigo	P'rigo.
182	v. 15	hes tu mesmo	e hes tu mesmo.

189 v. 12 as palavras *Ericia*, *Ericia*; pertencem á falla de Afranio, e não á de Ericia, que finda nas palavras, nunca mais te verei!

Pag.		Erratas	Emendas
217	v. 7	e com doutrina	e com mais doutrina.
225	v. 5	que a amor	que ao amor.
Id.	v. 28	mas	mal.
227	v. 9	só hia	sohia.
228	v. 17	que rodeião	que a rodeão
232	v. 11	vindo	rindo
236	v. 4	hoje merecer	merecer hoje.
240	v. 5	Adivinhações	Advinhações.
242	v. 4	escandalisado	scandaliza.
246		Temula a famula	em lugar das folhas

Lea-se

Tremúla a flamula em lugar das folhas.

Pag.		Erratas	Emendas
252	Nota	Δαρυεν	Δακρυευ
253	v. 8	solto	solta.
256	Epig.	Noso	non.

Pag.	Erratas.	Emendas.
Id.	v. 2 sobrosos	sabrosos.
257	v. 2 Lusitania	Lusitana.
259	v. 14 Estes campos	Estes os campos.
Id.	v. 17 Sicreno	Siveno.
266	v 21 o globo	o triste globo.
267	v. 11 Que da antiga	Que inda da antiga.
270	v. 6 a raios	a raros.
275	v. 16 osculos	beijos.

O Leitor erudito desculpará, e supprirá outras, que por muito obvias pareceo escusado notar.

O Author da Ode a Camões, em resposta aos reparos (que lhe consta se tem feito) de não ter notado os versos da Lusiada, de que ella he quasi toda tecida, declara que o não fez por se perusadir que nao existiria hum Portuguez tão completamente ignorante que os não conhecesse.